

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM

Bianca dos Anjos Cavalini Rocha

**TRABALHO REMOTO NO CONTEXTO DA COVID-19: REPRESENTAÇÕES DE
DOCENTES IDOSOS SOBRE A RECONFIGURAÇÃO DO ENSINO VIABILIZADO POR
TECNOLOGIAS ELETRÔNICAS/DIGITAIS**

Rio de Janeiro

2024

Bianca dos Anjos Cavalini Rocha

Trabalho remoto no contexto da covid-19: representações de docentes idosos sobre a reconfiguração do ensino viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação da EEAN/UFRJ como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Concepções Teóricas, Cuidados Fundamentais e Tecnologias na Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Márcia de Assunção Ferreira

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

d577t dos Anjos Cavalini Rocha, Bianca
Trabalho remoto no contexto da covid-19:
representações de docentes idosos sobre a
reconfiguração do ensino viabilizado por tecnologias
eletrônicas/digitais / Bianca dos Anjos Cavalini
Rocha. -- Rio de Janeiro, 2024.
128 f.

Orientadora: Márcia de Assunção Ferreira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2024.

1. Pessoa Idosa. 2. Envelhecimento. 3. Pandemia
Coronavírus. 4. Tecnologia. 5. Docentes. I. de
Assunção Ferreira, Márcia , orient. II. Título.

Bianca dos Anjos Cavalini Rocha

TRABALHO REMOTO NO CONTEXTO DA COVID-19: REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES IDOSOS SOBRE A RECONFIGURAÇÃO DO ENSINO VIABILIZADO POR TECNOLOGIAS ELETRÔNICAS/DIGITAIS

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de
Pós-graduação da EEAN/UFRJ como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em: 04 de Julho de 2024.

Márcia de Assunção Ferreira

Prof.^a Dr.^a Márcia de Assunção Ferreira
Prof.^a Titular EEAN/UFRJ (Presidente)

Prof.^o Dr.^o Luiz Carlos Moraes França
Prof.^o UNIAN (1^o Examinador)

Prof.^a Aline Miranda da Fonseca Marins
Prof.^a Associada EEAN/UFRJ (2^a Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Rosane Barreto Cardoso
Prof.^a Adjunta EEAN/UFRJ (Suplente Interno)

Prof.^o Dr.^o Luiz Fernando Rangel Tura
Prof.^o IESC/UFRJ (Suplente Externo)

Dedico esta dissertação, com todo o empenho e dedicação
que vivenciei, ao meu filho e família
que são a minha base para minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar sabedoria e coragem por todo período que pensei que não conseguiria, Ele me fez forte até o fim.

Ao Gustavo, meu filho, meu presente, que nasceu bem no auge da Pandemia da Covid-19, durante o mestrado, me ensinando a superar qualquer adversidade e dificuldade que a vida materna, profissional e acadêmica poderia me trazer. Você é minha força e meu motivo de luta diária, este título lhe pertence.

Agradeço imensamente ao meu esposo Ronnie, pois com uma incrível parceria me ajudou nos piores momentos, me transmitindo palavras de incentivo, cuidando da nossa casa e do nosso filho, facilitando nossas rotinas e com sua paciência acalmou as tempestades. Com toda certeza, se finalizei, foi graças a você.

Ao meu pai Alcy (*in memoriam*) que estaria muito orgulhoso de ver a menina dele crescendo.

A minha mãe Carla e meu padrasto Roberto, pela compreensão da minha ausência, por me acolher nos dias de estresse, por cuidar do meu filho sempre que precisei e por me apoiar em todas as situações da minha vida.

Ao meu irmão, Gabriel, por se alegrar nas minhas vitórias e por sempre estar ao meu lado nas decisões.

Aos meus sogros, Marta e Celso, por todo apoio, incentivo e por ser apoio no cuidado com meu filho.

Agradeço, em especial a minha orientadora, Prof^a Dr^a Marcia de Assunção Ferreira, por não desistir de mim, por ser direção em meio a tantas adversidades. Obrigada por ser uma esperança para a ciência e para a enfermagem, o qual me inspira e incentiva tantos outros alunos e orientandos; Sou extremamente grata pela paciência, prudência e ética que nunca deixou faltar em todos esses anos de caminhada e acompanhamento.

Aos professores da banca, por dedicarem seu tempo para trazer ideias, auxílios e inovações.

A todo time da direção, coordenação, secretaria da pós-graduação da EEAN por aceitarem e compreenderem minhas solicitações; aos docentes idosos que me atenderam de forma tão receptiva aceitando o convite para participarem da entrevista, sempre com sorrisos, histórias construtivas e incentivo.

A todos os amigos e familiares que torcem por mim, Obrigada!

RESUMO

ROCHA, Bianca dos Anjos Cavalini. Trabalho remoto no contexto da Covid-19: representações de docentes idosos sobre a reconfiguração do ensino viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais. Rio de Janeiro, 2024. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Introdução: Os avanços tecnológicos se evidenciam nos novos modos de viver, de se relacionar, de se comunicar, de se informar e de se autocuidar. Pessoas idosas têm utilizado cada vez mais aparatos tecnológicos para manterem-se informadas e fomentar interação social. Na pandemia da Covid-19, as tecnologias eletrônicas/digitais foram cruciais no campo da educação, com a implantação do ensino remoto. Professores idosos precisaram readequar suas práticas de trabalho. O ensino remoto emergiu como uma novidade a ser compreendida, gerando novos saberes e novas práticas. **Objetivos:** Conhecer as representações sociais sobre o trabalho remoto viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais para os professores idosos em tempos de pandemia da Covid-19; identificar as ferramentas on-line utilizadas por eles; analisar as estratégias aplicadas para lidar com tais tecnologias e descrever as reconfigurações e formas de trabalho on-line praticadas durante a pandemia de Covid-19 à luz de suas representações sociais. **Método:** Pesquisa qualitativa, analítica, com referencial da Teoria das Representações Sociais. Participaram 15 docentes idosos, captados por bola de neve. A coleta de dados foi por instrumento estruturado sobre o perfil psicossociodemográfico e semi-estruturado para a entrevista em profundidade. Aplicou-se a estatística descritiva e percentual nos dados do perfil e o software Alceste nas entrevistas. **Resultados:** Participaram 13(87%) mulheres e dois (13%) homens, com idade entre 60 e 78 anos. Os dados majoritários são: nove (60%) com Pós-graduação stricto sensu, nove (60%) trabalham em instituições públicas, 13 (87%) trabalham mais de oito horas por dia, e 11 (73%) atuam no ensino superior. O processamento das entrevistas indicou 71% de aproveitamento, com geração de cinco classes lexicais. Os docentes idosos aderiram ao ensino remoto, mas com sobrecargas e inseguranças pela pandemia, potencializadas pela necessidade de aprender novas formas de ensinar no decorrer do próprio trabalho. As representações sociais se organizaram na relação entre aluno, professor e espaço virtual, com esforços cognitivos e afetivos de reinterpretção da sala de aula, da aula em si, da relação professor-aluno e das formas de ensinar e aprender. O ensino remoto evidenciou as desigualdades sociais dos grupos e a precariedade do acesso às redes, culminando em baixa participação nas atividades. A readequação da rotina com reconfiguração do cotidiano implicou em reorganização pessoal-laboral e novos aprendizados para manusear os equipamentos virtuais, bem como as novas estratégias de ensino mais participativas. Houve ampliação da carga horária de trabalho, adensamento das responsabilidades que reverberou na saúde física, mental e emocional dos docentes idosos. **Conclusão:** Políticas públicas de inserção tecnológica e inclusão digital são urgentes, pois ficaram evidentes a capacidade dos docentes idosos de se reinventarem para atenderem às demandas da pandemia de Covid-19. A educação permanente é uma estratégia para que os professores se atualizem e aprendam a lidar com os equipamentos e recursos eletrônicos/digitais com mais eficiência. Conhecer o contexto do trabalho e o quanto o docente idoso está apto para desempenhar suas funções são condições para se traçar estratégias inclusivas nas novas modalidades de ensino, além de cuidados planejados alinhados ao seu cotidiano e às suas condições de realização para bem cuidá-lo.

ABSTRACT

Introduction: Technological advances are evident in new ways of living, relating, communicating, getting information, and self-care. Elderly people have increasingly used technological devices to stay informed and encourage social interaction. In the Covid-19 pandemic, electronic/digital technologies were crucial in the field of education, with the implementation of remote teaching. Elderly teachers needed to readapt their work practices. Remote teaching emerged as a novelty to be understood, generating new knowledge and new practices. **Objectives:** To understand social representations about remote work made possible by electronic/digital technologies for elderly teachers in times of the Covid-19 pandemic; identify the online tools they use; analyze the strategies applied to deal with such technologies and describe the reconfigurations and forms of online work practiced during the Covid-19 pandemic in light of their social representations. **Method:** Qualitative, analytical research, concerning the Theory of Social Representations. 15 elderly teachers participated, captured through snowball sampling. Data collection will be done using a structured instrument on the psycho-sociodemographic profile and semi-structured for in-depth interviews. Descriptive and percentage statistics were applied to the profile data and the Alceste software was applied to the interviews. **Results:** 13 (87%) women and two (13%) men participated, aged between 60 and 78 years. The majority of data are nine (60%) with a *stricto sensu* postgraduate degree, nine (60%) work in public institutions, 13 (87%) work more than eight hours a day, and 11 (73%) work in higher education. The processing of the interviews indicated 71% success, with the generation of five lexical classes. Elderly teachers joined remote teaching, but with overloads and insecurities due to the pandemic, heightened by the need to learn new ways of teaching in the course of their work. Social representations were organized in the relationship between student, teacher, and virtual space, with cognitive and affective efforts to reinterpret the classroom, the class itself, the teacher-student relationship, and the ways of teaching and learning. Remote teaching highlighted the social inequalities of the groups and the precariousness of access to networks, culminating in low participation in activities. The readjustment of the routine with the reconfiguration of daily life resulted in personal-work reorganization and new learning to use virtual equipment, as well as new, more participatory teaching strategies. There was an increase in the working hours, and an increase in responsibilities that had an impact on the physical, mental, and emotional health of elderly teachers. **Conclusion:** Public policies for technological insertion and digital inclusion are urgent, as the ability of elderly teachers to reinvent themselves to meet the demands of the Covid-19 pandemic has become evident. Continuing education is a strategy for teachers to update themselves and learn to deal with electronic/digital equipment and resources more efficiently. Knowing the context of the work and how able the elderly teacher are to perform their duties are conditions for designing inclusive strategies in new teaching modalities, in addition to planned care aligned with their daily lives and their conditions for providing good care.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Árvore de Classificação Descendente.

Figura 2 – Distribuição das classes, percentual de UCE e palavras analisadas.

Figura 3 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente.

Figura 4 – Síntese dos dados de partição do corpus em classes.

Figura 5 – Rede da forma “estud” da classe 3

Figura 6 – Classificação Hierárquica Ascendente Classe 3

Figura 7- Esquema sobre a articulação dos elementos “alunos” e “professores” nas representações sociais do ensino remoto.

Figura 8 – Rede da forma “hora” da classe 1

Figura 9- Classificação Hierárquica Ascendente

Figura 10 – Rede da forma “aula” da classe 2

Figura 11 – Classificação Hierárquica Ascendente Classe 2

Figura 12- Esquema que demonstra os aspectos positivos e negativos nas representações sociais do ensino remoto.

Figura 13– Rede da forma “ensin” da classe 4

Figura 14 - Classificação Hierárquica Ascendente Classe 4

Figura 15– Rede da forma “campo” da classe 5

Figura 15 - Classificação Hierárquica Ascendente Classe 5

Figura 16- Esquema que demonstra a experiência dos docentes demonstrando o lado bom e ruim nas representações sociais do ensino remoto.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição do número de participantes segundo o sexo.

Gráfico 2 – Distribuição do número de participantes quanto idade.

Gráfico 3 – Distribuição do número de participantes quanto sua cor de pele, por autodeclaração.

Gráfico 4 – Distribuição do número de participantes conforme sua naturalidade.

Gráfico 5 – Distribuição do número de participantes conforme estado civil.

Gráfico 6 – Distribuição do número de participantes de acordo com quem reside.

Gráfico 7 – Distribuição do número de participantes de acordo com grau de escolaridade.

Gráfico 8 – Distribuição do número de participantes de acordo possuir ou não outra profissão.

Gráfico 9 – Distribuição do número de participantes conforme outra profissão.

Gráfico 10 – Distribuição do número de participantes conforme sua religião.

Gráfico 11 – Distribuição do número de participantes de acordo com a instituição que trabalha.

Gráfico 12 – Distribuição do número de participantes de acordo possuir ou não aposentadoria.

Gráfico 13 – Distribuição do número de participantes de acordo com a quantidade de escolas que os professores trabalham.

Gráfico 14 – Distribuição do número de participantes de acordo turnos trabalhados pelos professores.

Gráfico 15 – Distribuição do número de participantes de acordo com as horas trabalhadas por dia pelos professores.

Gráfico 16 – Distribuição do número de participantes de acordo com o nível ensinado pelos professores.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição das variáveis das linhas de comando submetidas ao software Alceste.

Quadro 2 – Organização dos resultados segundo os blocos e classes lexicais.

Quadro 3- Perfil dos 15 participantes da pesquisa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|--|
| ALCESTE | Análise Lexical Contextual de um conjunto de segmentos de texto |
| BVS | Biblioteca Virtual de Saúde |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CETIC | Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CHA | Classificação Hierárquica Ascendente |
| CHD | Classificação Hierárquica Descendente |
| EEAN | Escola de Enfermagem Anna Nery |
| EAD | Ensino à distância |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INEP | Instituto Nacional De Ensino e Pesquisas Educacionais |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| OPAS | Organização Pan-Americana de Saúde |
| PPGENF | Programa de Pós-Graduação em Enfermagem |
| PNAD | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| PNE | Plano Nacional de Educação |
| RS | Representações Sociais |
| SARS-CoV-2 | Severe Acute Respiratory Syndrome Coronaviru 2 |
| SARA | Síndrome de angústia respiratória aguda |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TRS | Teoria das Representações Sociais |
| TIC | Tecnologias de Informação e Comunicação, |
| UCE | Unidade de Contexto Elementar |
| UCI | Unidade de Contexto Inicial |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 14 |
| CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEMÁTICO E TEÓRICO CONCEITUAL..... | 23 |
| CAPÍTULO III - MÉTODO | 32 |
| 3.1- CUIDADOS ÉTICOS..... | 38 |
| CAPÍTULO IV- PERFIL PSICOSOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES ... | 40 |
| CAPÍTULO V- APRESENTAÇÃO PANORÂMICA DOS RESULTADOS EMPÍRICOS | 53 |
| CAPÍTULO VI - O ENFRENTAMENTO DE UMA NOVA REALIDADE TRADUZIDA PELA PRÁTICA DOCENTE EM MEIO REMOTO..... | 61 |
| CAPÍTULO VII- RECONFIGURAÇÃO DAS ROTINAS DE VIDA E DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA..... | 70 |
| CAPÍTULO VIII- O ENSINO REMOTO E O DESPERTAR PARA AS DEMANDAS DA NOVA REALIDADE DO TRABALHO DOCENTE: NOVOS DOMÍNIOS DE CONHECIMENTO E AUTOUIDADO..... | 87 |
| CAPÍTULO IX- CONSIDERAÇÕES FINAIS | 102 |
| REFERÊNCIAS | 106 |
| GLOSSÁRIO..... | 117 |
| APÊNDICE A | 119 |
| APÊNDICE B..... | 120 |
| APÊNDICE C..... | 121 |
| APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 122 |
| APÊNDICE E - CRONOGRAMA | 124 |
| APÊNDICE F – ORÇAMENTO | 125 |
| ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | 126 |

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo 2º da lei 8.842 de 04 de Janeiro de 1994, que dispõe a política nacional do idoso, considera-se a pessoa idosa aquela maior de sessenta anos de idade (Brasil, 1994). A população idosa é definida pela Organização Mundial de Saúde como o grupo etário de 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento. No caso do Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa define como população idosa as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2023). Atualmente, a população brasileira encontra-se em torno de 203.080.756, de acordo com o Censo 2022, o total de pessoas com 65 anos ou mais no país (22.169.101) chegou a 10,9% da população, com alta de 57,4% comparado a 2010, que era de 14.081.477 ou 7,4% da população (IBGE, 2023).

Em cinco anos, o crescimento da população idosa corresponde a 18%, tornando-se cada vez mais representativo no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2023) o índice de envelhecimento chegou a 55,2 em 2022, indicando que há 55,2 pessoas com 65 anos ou mais de idade para cada 100 crianças de 0 a 14 anos, em 2010, o índice era de 30,7.

Pesquisa Nacional de Saúde realizada pelo IBGE em 2013 mostra que 17,3% da população idosa apresentavam restrições funcionais para realizar as Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), como fazer compras, ir ao banco, tomar remédios, utilizar meios de transporte, usar o telefone, realizar trabalhos domésticos, podendo aumentar gradativamente esse grupo, chegando a quase 40% (IBGE, 2019).

O mundo contemporâneo vem sofrendo grandes transformações com os avanços tecnológicos, que em muito são responsáveis pelo aumento da expectativa de vida da população, imprimindo novos modos de viver, de se relacionar, de se comunicar e de se autocuidar. Diante deste crescimento populacional da pessoa idosa, simultaneamente, tecnologias se aprimoram a cada dia, sejam para desenvolver ações céleres e facilitadoras, assim como melhoria nos acessos a saúde, atividade laboral, estudos, entre outros.

Diante da sociedade contemporânea, no que tange a adaptação dos indivíduos para adquirir novos conhecimentos, tendo a informação um papel expressivo, é necessário

desencadear competências eficazes para assim torná-los participativos na sociedade, principalmente em ambientes virtuais (Carneiro; Farias, 2019, p.114).

Entende-se que todo esse avanço tecnológico, para algumas pessoas idosas, torna-se algo novo e para outros é algo longe de ser praticável, pois durante muito tempo eles não conviveram com muitos aparatos tecnológicos, devido a isto, não desenvolveram habilidades apropriadas para lidar com elas e podem ter dificuldades de interação com as interfaces tecnológicas.

Quando se pensa em tecnologia, é notório associar os jovens ao manuseio mais facilitado. No entanto, nos dias atuais, além dos jovens, há também pessoas idosas que estão se permitindo a este manuseio e a desenvolver o domínio das tecnologias para se comunicarem, utilizarem *smartphones* entre outros para buscar informações e assim interagir com as pessoas (Carneiro; Farias, 2019, p.114).

Muitas pessoas idosas, ao longo do tempo, apresentam interesse no aprendizado para manusear celulares atualizados, computadores e com isso, ter o acesso à internet como lazer, compras, forma de interação e comunicação por aplicativos. As pessoas idosas têm utilizado os meios tecnológicos de modo inteligente, em face de uma nova percepção da atual imagem da velhice, transformando-se em ativos e participantes da sociedade (Santos *et al.*, 2018, p.21).

Sabe-se que há pessoas idosas que necessitam de apoio para cumprirem atividades cotidianas; no entanto, ainda que os idosos integrem uma população que, pelo próprio fato de serem idosos, necessitem de uma rede de apoio, não por serem dependentes, mas por estarem em uma faixa etária que tem demandas específicas, as transformações ocorridas no mundo contemporâneo também imprimiram novas visões sobre a pessoa idosa. Atualmente, muitas pessoas idosas exercem atividades laborais ou estão disponíveis para serem reinseridas no mercado de trabalho, além de manterem uma vida social ativa, se relacionarem, consumirem uma diversidade de produtos e serviços, viajarem e manterem atividades sociais.

De acordo com o Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (OMS, 2015), as pessoas idosas incluídas na sociedade moderna, são pessoas ativas e que geram renda para o país, além de serem saudáveis para obter vida longa, reduzindo assim gastos para a saúde de um modo geral. Em contra partida, há também a concepção de pessoas idosas com alto grau de dependência e geradores de maiores custos à saúde, conforme visto no relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (Peroni *et al.*, 2023, p.13).

Uma população em processo de envelhecimento enfrenta como desafio a necessidade de serviços para apoiar idosos com dependências nas atividades de vida diária, pois, em percentuais, tem-se 10,5% das pessoas com 65 anos ou mais em situação de dependência funcional, e na faixa etária de mais de 85 anos este percentual sobre 29%. Até 2050, os números podem chegar a mais de seis milhões de pessoas (Peroni *et al.*, 2023, p.1 e 4).

Pesquisa sobre a saúde de pessoas com mais de 50 anos no Brasil evidenciou que mais de dois milhões de pessoas têm dificuldades para realizar atividades básicas da vida diária, e tais dados pode alcançar 6,4 milhões (12,4% da população acima de 65 anos) em 2050 (Aranco; Ibarrarán; Stampini, 2022, p.14).

Viver até idades mais avançadas não significa viver com boas condições de saúde (Peroni *et al.*, 2023, p.5). No Brasil, a expectativa de vida saudável aos 65 anos de idade era de 11,4 anos em 1990 e subiu para 13,2 em 2019 e este critério serve de guia para avaliar a longevidade saudável (IHME, 2019).

O início do século XXI trouxe mudanças profundas para o conhecimento científico e tecnológico que rapidamente foram incorporadas pelo mercado e produção desencadeando desigualdades culturais complexas, aproximando-se mais facilmente do conhecimento, porém alargando o espaço entre as pessoas com acesso e as que não possuem acesso (Borges; Cecílio (2018, p.178).

Toda esta mudança tecnológica vem acompanhando o envelhecimento da população e cria oportunidades antes não acessíveis, ou seja, a “*Internet*” pode permitir conexão contínua para todo o meio social, apesar da distância, ou acesso a informações que podem orientar o autocuidado de uma pessoa mais velha e prestar apoio aos cuidadores (OMS, 2015, p.11).

Paralelo ao processo de envelhecimento populacional há o encontro com as novas tecnologias, cujo desenvolvimento vem influenciando significativamente a população, alterando o modo de vida da sociedade, além de ser mais um meio para comunicar e interagir socialmente. Diante disto, para a pessoa idosa é desafiador adaptar-se às novas exigências da sociedade contemporânea, em especial, a utilização destas novas formas de comunicação, porém, apesar das dificuldades que a interação com essas novas tecnologias pode apresentar para as pessoas idosas, seu uso pode representar benefícios para este grupo etário.

O crescente uso de “*smartphone*”, somado ao envelhecimento populacional, proporcionou a divulgação de diversos aplicativos voltados para a pessoa idosa, devido ao seu manuseio facilitado ao acesso à internet e do relativo baixo custo, incluindo aplicativos

voltados para a área da saúde e de cuidado de pessoas idosas, tornando assim uma nova ferramenta para melhorar o acesso dessa população à saúde (Amorim *et al.*, 2018, p.60).

A pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2023, p.134) mostrou que uma das áreas onde houve maior procura de atividades *on-line* foi a saúde, e com isso os agendamentos e as consultas remotas se popularizaram. Isso englobou toda a população, mas com números significativos na terceira idade: 57% dos usuários de 60 anos ou mais realizaram serviços relacionados à saúde pública. Na pesquisa TIC Domicílios 2021, observa-se também essa tendência, além do aumento do acesso à Internet, entre 2019 e 2021, o uso da rede passou de 34% para 48% entre os indivíduos com 60 anos ou mais.

Compreende-se que para as pessoas idosas as tecnologias de comunicação aplicadas no cotidiano atual é algo novo, e que deve estar cada vez mais próximas desse público, visto que o acesso e a interação com a tecnologia se tornam importantes, favorecendo a autoestima, melhoria na saúde e promoção na qualidade de vida.

Por meio da comunicação, as pessoas idosas podem ser estimuladas a compartilhar suas experiências de vida, possibilitando novos conhecimentos, reforçar vínculos e desta forma ter maior autoestima. Assim, a interação entre as pessoas idosas, de forma livre e espontânea, poderá contribuir na construção de um ambiente favorável para um envelhecimento realmente ativo, evitando a ideia preconcebida de improdutividade, solidão e adoecimento (Silva, 2016, p.384).

Face ao aumento da população idosa e paralelamente ao desenvolvimento da tecnologia, inclusive no campo da comunicação, é fundamental abordar e estudar novos modelos de envelhecimento sustentável, para que haja adaptações às pessoas idosas na atualidade.

Como uma novidade, o trabalho remoto viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais é passível de gerar representações sociais, especialmente para professores idosos, que precisaram reconfigurar seus modos de se comunicar, desenvolver novos saberes sobre as tecnologias, apreendê-las e aprender a lidar com elas em seus cotidianos, principalmente no ano de 2020, quando a OMS declarou a pandemia do novo coronavírus, impôs medidas restritivas de circulação às pessoas e com isso gerou impactos na reconfiguração dos cotidianos, nas relações pessoais, familiares e no trabalho, em especial, na

área da educação. Porém, mesmo diante deste cenário, foi preciso continuar com os processos escolares e educacionais e com isso foi implementado o ensino remoto emergencial.

As escolas públicas e privadas precisaram se reorganizar e buscar formas de realizarem o ensino e possibilitar que os alunos participassem do ensino-aprendizagem de forma eficaz, visto que não teria mais a presença física, dos professores com os alunos, mas o ensino deveria manter a sua qualidade como em sala de aula física. Esta modalidade também gerou a necessidade de que os pais ou responsáveis se dedicassem mais aos seus filhos em casa para que se adequassem a nova forma de aprendizado.

Sabe-se que o modo de ensino *on-line* não surgiu juntamente com a pandemia da Covid-19, antes já eram vistos cursos, conferências e reuniões viabilizadas por ferramentas virtuais, no formato síncrono e/ou assíncrono, e em diversos cursos no formato ensino à distância (EAD). Segundo Barbosa, Viegas e Batista (2020, p.257), o modelo de aula remota passa a ser utilizada em caráter emergencial, seguindo as diretrizes do ensino à distância (por ser *on-line*), ou seja, aulas ao vivo em tempo real.

Com isso, o sistema educacional das escolas particulares e públicas passou a ser realizado de forma inesperada por meio de aparatos tecnológicos e plataformas digitais sem que os professores tivessem sido orientados ou recebidos materiais para isso. Essa exigência fez com que esses profissionais repentinamente se adaptassem ao novo formato de ensino, e improvisassem seu próprio espaço doméstico e então fracionar a sua vida profissional e familiar (Souza *et al.*, 2021, p.3).

O ensino remoto para alguns professores, principalmente idosos, passa a ser algo novo e difícil de praticar, pelo fato de não estarem formalmente preparados para esse deslocamento de espaço de sala de aula e por muitos não terem habilidades para lidar com os recursos e nem didática apropriada para este novo meio.

As soluções rápidas, além do incômodo, trouxeram sofrimento e angústia, pois não havia compreensão e nem preparação para o ensino *on-line*, e poucos professores tinham essa experiência, além da maioria sequer a vivenciara como estudante. E uma minoria não tinha o conhecimento tecnológico mínimo para redigir ou preparar planos de aula ou qualquer atividade no computador (Cavalcanti, 2020, p.41).

Percebe-se o quanto deve ser minucioso o planejamento e desenvolvimento das aulas de forma remota, pois demanda tempo, habilidade e comprometimento por parte dos docentes. Com isso, os professores precisam aprender novas ferramentas tecnológicas e uso de

aplicativos para facilitar e desenvolver as aulas de forma mais didática para conseguirem estimular e manter a atenção dos alunos de forma *on-line*.

Essa demanda se torna maior quando se trata de professores acima de 60 anos, visto que são pessoas idosas que atualmente estão aprendendo a lidar com a tecnologia eletrônica/digital como um todo para se sentirem incluídos na sociedade de forma geral, e como professores a necessidade se torna maior devido a obrigação de ofício, pois não lhes foram dadas opções, tiveram que enfrentar as dificuldades e vencer os desafios para trabalharem.

Buscar aprendizado e se atualizar na área das tecnologias digitais são ações indispensáveis devido à necessidade e ao avanço da sociedade neste quesito. Esta realidade não é diferente no público idoso, pois o uso destas tecnologias é de extrema necessidade no dia a dia, principalmente no que se refere à comunicação e ao acesso a informações em geral. E na velhice ter interação social é de suma importância, visto que pela facilitação tecnológica há um predomínio de sua ocorrência de modo virtual (Machado *et al.*, 2016, p. 908).

Portanto, o **objeto** desta pesquisa se configura nas representações sociais do trabalho remoto viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais para os professores idosos em tempos de pandemia da Covid-19, e será investigado por meio das seguintes **questões norteadoras**:

- Quais são as representações sociais de professores idosos sobre o novo modelo de trabalho remoto viabilizado por equipamentos eletrônicos/digitais?

- Quais ferramentas *on-line* os professores idosos utilizam em seu trabalho de ensino remoto?

Os **objetivos** da pesquisa são:

- Conhecer as representações sociais sobre o trabalho remoto viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais para os professores idosos em tempos de pandemia da Covid-19;

- Identificar as ferramentas *on-line* utilizadas pelos professores idosos para em seu trabalho de ensino remoto;

- Analisar as estratégias aplicadas pelos professores idosos para lidar com tais tecnologias;

- Descrever as reconfigurações e formas de trabalho *on-line* praticadas pelos professores idosos durante a pandemia de Covid-19 à luz de suas representações sociais.

Para justificar e evidenciar a relevância desta pesquisa pontua-se que da segunda metade do século XX em diante, tornou-se popular as oportunidades na educação, inicialmente no ensino básico e posteriormente no ensino superior. Esse processo na sociedade brasileira torna-se um marco gerando mudanças profundas que afetam a vida de pessoas que viviam na zona rural e que passaram a viver em zona urbana, e essa mudança radial de estilo de vida afeta diretamente a instituição escolar, pois passa receber uma demanda maior gerando assim exposição do trabalho docente acarretando consequências para professores e alunos e o processo ensino-aprendizagem (Borges; Cecílio, 2018, p. 182).

Borges e Cecílio (2018, p. 182-183) mostram como se deu a progressão da docência no Brasil, mostrando que em 1950 o país passava por uma estagnação econômica, predominava a atividade rural e a educação não era entendida como um instrumento de alteração no “status social”, professores eram mal pagos, mas respeitados pela sociedade e a escola tinha como meta alfabetizar. Já em 1960 e 1970, havia um desenvolvimento econômico e iniciava o modelo econômico industrial. Para isso, havia a necessidade de preparar mão de obra para as empresas internacionais, com meta de elevar a produtividade do sistema escolar e com isso, a educação passa a ser vista como uma perspectiva de desenvolvimento econômico e social – ser uma pessoa escolarizada se transforma em requisito para ingressar no mercado de trabalho. Todavia, há o primeiro impacto na profissão do professor, pois os mesmos passam a ser pressionados e seu trabalho é questionado.

No Brasil, nos últimos anos do século XX, o sistema educacional vem recebendo críticas quanto aos resultados apresentados, tanto qualitativos quanto quantitativos. Mesmo com alterações já acontecendo é visto que não atende às demandas educacionais urgentes. Como justificativa para tal, há argumentos da usual falta de recursos ou em razão maior, associa aos profissionais como má gestão dos recursos, condição de formação e atuação profissional, dentre outras (Borges; Cecílio, 2018, p. 178).

Reis *et al.* (2020, p. 87-88) mostram que o trabalho docente no Brasil surge como foco em pesquisa educacional apenas na década de 1970, com temas abrangendo organização do trabalho docente e da gestão escolar. Em 1980, as pesquisas se dedicaram aos aspectos culturais, raciais, relações de gênero e questões de subjetividade, sinalizando as habilidades e competências do professor; e nos anos 2000 abrange dois eixos principais: um voltado a questões relativas ao trabalhador docente e outra problematizando os resultados obtidos pelos professores, ou seja, a formação e a produção de conhecimento.

Na década de 1980 e 1990, há o avanço da globalização e com ela o desenvolvimento de Tecnologias de Informação e Comunicação gerando um impacto na sociedade, com isso, a educação também é exigida e o ensino superior se expande. Antes concentrado apenas nas cidades, passa a se dar também no interior (Borges; Cecílio 2018, p. 184).

O processo educacional necessitou passar por muitas mudanças para acompanhar todo o processo político-econômico do país. Em 2020 não foi diferente, visto que com a Pandemia da Covid-19, a educação brasileira precisou se remodelar, junto com ela professores, alunos, pais e escolas para se readequar ao novo método de ensino. Vale ressaltar a necessidade de aproximação e aprendizado da parte docente, mais ainda, docentes idosos que em muitas vezes não tinham o aparato tecnológico como sua primeira opção de ferramenta para dar aula.

Os recursos estão no dia a dia das pessoas e com eles os aparatos tecnológicos que são alcançáveis. Para as pessoas idosas, esse alcance sendo possível, torna-se positivo e com isso, o isolamento pode ser menos agressivo. Entretanto, para isso, deve-se haver além da aproximação, o manuseio dos aplicativos, que em algumas situações, nem sempre são de acesso à população idosa.

Velho e Herédia (2020, p.2) mostram que a necessidade de comunicação e a ansiedade em ter notícias de amigos e familiares fizeram com que fossem criadas atitudes para obter informações atuais e imediatas, principalmente relacionado a assuntos do cotidiano como compras alimentícias e farmacêuticas. Com isso, o uso da internet tornou-se umas das alternativas encontradas para encarar esse momento tão peculiar e distante de tudo que ainda assim, era preciso resolver as situações cotidianas. Para a população idosa, aqueles que já tinham uma aproximação com as ferramentas tecnológicas, foi possível encontrar diversas formas, sejam por chamadas de vídeo ou pesquisas em sites para dicas de entretenimento. (Velho; Herédia, 2020, p.2).

Portanto, esta pesquisa se soma aos esforços de gerar conhecimentos que ampliem a compreensão sobre a inserção social da pessoa idosa no mundo contemporâneo, em especial em tempos de uma pandemia que exige distanciamento social com restrição de encontros e contatos físicos. Com esta pesquisa, espera-se ampliar o conhecimento, em especial, da enfermagem, não permitindo delimitar a relação da pessoa idosa ao processo envelhecer/adoecer, ou seja, expandir a informação do envelhecimento ativo na área da saúde e da educação, conciliando a perspectiva de saúde e prolongamento de anos, com qualidade de vida.

O enfermeiro precisa reconhecer que a pessoa idosa necessita de ser inserida em ambientes confortáveis e seguros, com possibilidade de acesso às informações e orientações acerca do processo de envelhecimento, resguardando seus aspectos pessoais, e ter abertura necessária para dialogar sobre as alterações que possam ocorrer durante o envelhecimento. Com isso, afirma-se a importância de o enfermeiro reconhecer e apreender as necessidades pessoais para cada pessoa idosa e o que é fundamental no cuidado a esse grupo (Olympio, 2015, p. 168).

A relevância deste estudo está voltada para compreender como as tecnologias eletrônicas/digitais são utilizadas por professores idosos em tempos de uma pandemia que implica distanciamento social, buscando compreender como tem sido a aproximação deste público com o uso de tais tecnologias para realizarem aulas por meio remoto e se comunicarem com êxito com os alunos, no contexto da pandemia do Novo Coronavírus, e desta forma, atentar para a saúde desses professores idosos que precisaram alocar o seu tempo em casa para aprenderem o manuseio com a tecnologia, exercerem a sua atividade laboral de forma remota e também realizar as atividades de vida diária ao mesmo tempo.

Observa-se que a pandemia da Covid-19 trouxe uma nova realidade para toda a população, no qual reconfigurou-se a forma de trabalhar e estudar, pois a oferta de disciplinas e cursos *on-line* tornou-se mais abrangente e aceitável, o método de trabalho *home office*, muitas pessoas já se adaptaram. Mesmo com a decretação pela OMS, em 5 de maio de 2023, do fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à Covid-19, é visto que empresas permanecerão com esses métodos de trabalho/ensino.

Este projeto se insere nos propósitos de um Programa de Pesquisa Intercultural sobre Representações Sociais sobre o Envelhecimento e a Velhice no Contexto da Saúde, da Rede Internacional de Pesquisa em Representações Sociais em Saúde (RIPRES¹). Contribui, também, portanto, para o debate nacional e internacional da área sobre envelhecimento humano e suas relações com as tecnologias e a saúde ao fomentar o debate sobre as interseções dos campos da saúde e da psicossociologia na promoção da saúde da pessoa idosa.

¹A RIPRES tem como objetivo geral articular centros de pesquisa, grupos de programas de pós-graduação e laboratórios em torno da pesquisa científica sobre representações sociais em saúde e temas conexos. A coordenação da RIPRES é colegiada e internacional, tendo como coordenador geral Jorge Correia Jesuíno e dois coordenadores adjuntos: um representante de Portugal e membro do CICTS, Prof. Manuel José Lopes, e outro representante do Brasil e membro do LACCOS, Prof. Brígido Vizeu Camargo. Site: <http://www.esesjd.uevora.pt/ripres>

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEMÁTICO E TEÓRICO CONCEITUAL

2.1 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E O CONTEXTO DE VIDA DAS PESSOAS IDOSAS

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que se tornou uma das transformações mais acentuadas da atualidade, devido à redução de fecundidade, redução na taxa de crescimento populacional e consequentes alterações na pirâmide etária. Diante deste fato, houve redução do quantitativo de crianças e adolescentes paralelamente ao aumento contínuo da população em idade ativa e da população idosa (IBGE, 2016, p.116).

Os investimentos do século XX em estudos voltados ao processo de envelhecer se devem ao aumento desta população. Ressalta-se a importância das pesquisas relacionadas ao envelhecimento, pois estas constroem saberes com objetivo de formar a ciência voltada ao ser idoso, visando à longevidade com qualidade de vida (Chernicharo, 2018, p.19).

Orlandi e Pedro (2014, p.282) defendem que as informações sobre saúde obtidas através da internet e outras mídias influenciam no estilo de vida, seja qual for o público, assim como ajudam a detectar precocemente eventuais problemas de saúde-doença. Sales *et al.* (2014a, p. 67) afirmam que para todos se integrarem a um mundo que depende cada vez mais das Tecnologias de Informação e Comunicação, é importante que as pessoas idosas estejam engajadas a aceitar e praticar as novas tecnologias, como os computadores e os telefones celulares com acesso à internet ou tablets, por exemplo. As “novas” tecnologias têm o poder de ampliar a qualidade de vida destas pessoas por meio do acesso à informação relacionada com o meio em que vive, prestação de serviços, promoção de aprendizagem ao longo da vida e torna-se uma forma de conectar com a comunidade, família e amigos.

Pessoas idosas que adquirem habilidades no uso das TICs têm potencial para usufruírem de maior autonomia e segurança devido ao uso dos aparatos tecnológicos no seu cotidiano, além de as tecnologias digitais facilitarem o modo de interagir e comunicar, adquirindo informações de familiares distantes e referências atualizadas sobre sua saúde. Aprender a usar novas tecnologias de informação e comunicação traduz qualidade de vida e reflete no bem estar de pessoas idosas, além de melhorar as relações de comunicação e de interação que se associam ao processo ativo de envelhecimento (Santos *et al.*, 2019, p.5-7).

As tecnologias digitais simplificam a comunicação e a manutenção da relação social do idoso com amigos e familiares quando a tendência é o isolamento e o distanciamento da

rede social (Carleto e Santana, 2017, p.74). As tecnologias desenvolvem possibilidades de relação com o mundo contemporâneo, criando oportunidades para o aprendizado globalizado e midiático, assim é permitido o consumo e a obtenção de informações pela web, o relacionamento e a interação com outras pessoas e com interfaces informatizadas (Sales *et al.*, 2014b, p.64).

Estudo de revisão integrativa da literatura realizado com 11 estudos primários publicados na íntegra, entre setembro de 2014 e julho de 2020 mostrou resultados positivos sobre o uso de mídias sociais digitais na minimização da percepção de solidão ou de isolamento social de idosos, com a internet favorecendo o contato com as famílias, apoiando e contribuindo para aumentar o senso de pertencimento e reduzir a solidão (Kusumota *et al.*, 2022, p. 1).

Entende-se que para algumas pessoas idosas acreditarem que a comunicação possa ser efetiva através de mensagens, vídeos, ligações audiovisuais, e-mails, pode ser algo muito novo e até mesmo difícil de compreender, devido sua formação sociocultural ser face a face ou pela utilização de telefone fixo para contatos, por exemplo, mas não por isso algo impraticável ou que seja impossível desenvolver a relação do idoso com as tecnologias de comunicação viabilizadas por internet. Nesse caso, a educação e os investimentos em novos aprendizados são requeridos.

Silva (2016, p.381) afirma que é necessário dedicar maior atenção aos vínculos entre produção do conhecimento e envelhecimento ativo, a partir da recuperação das memórias do passado das pessoas idosas, pois estas irão contribuir na compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos. Por isso, produzir conhecimento sobre o tema em foco nesta pesquisa é importante, especialmente a partir dos saberes e das práticas das próprias pessoas idosas.

2.2 PANDEMIA CORONAVIRUS – COVID-19

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus Severe Acute Respiratory Syndrome Coronaviru 2 (SARS-CoV-2), convencionalmente chamado de novo coronavírus. Seu período de incubação em média é de 5 dias e aparecimento de sintomas ocorre em até 11 dias em 97,5% das pessoas infectadas. O primeiro caso do novo coronavírus foi notificado em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019 e foi declarada a Pandemia no dia 11 de março de 2020 (Hammerschmidt; Santana, 2020, p.3). A doença apresenta complicações

respiratórias graves, com 29% de ocorrência de síndrome de angústia respiratória aguda (SARA) (Bezerra; Lima; Dantas 2020, p.3).

Como foi observado em 2020 no início da pandemia, os casos de Covid-19 foram prevalentes em pessoas idosas, levando a altas taxas de mortalidade nesta população. Segundo Barbosa *et al.* (2020), os dados da Covid-19 apontavam que dos infectados, 14,8% morreram com 80 anos ou mais, comparado a 8,0% entre as pessoas idosas de 70 a 79 anos e 8,8% entre aqueles de 60 a 69 anos (taxa 3,82 vezes maior que a média geral). O risco de morrer por Covid-19 aumenta com a idade, já que a maioria das mortes ocorre em pessoas idosas, especialmente aqueles com doenças crônicas

Até Fevereiro de 2024, foram confirmados no mundo 774.771.942 casos de Covid-19 e 7.035.337 mortes; no Brasil, o número de casos é de 37.519.960 e o número de óbitos é de 702.100 (WHO, 2024).

Durante toda a pandemia da Covid-19, foi necessário que medidas de isolamento e distanciamento social foram adotadas em todo o mundo, alterando a rotina das pessoas, pois interromperam as aulas, os trabalhos tornaram-se *home office*, além disso, as pessoas se deparavam com o sofrimento nos noticiários de mortes e hospitalizações, danos financeiros e emocionais dos mais próximos aos mais distantes, afetando assim todos os grupos de forma diferenciada (Hammerschmidt; Santana, 2020, p.3).

Com isso, pessoas idosas que também são professores, precisaram se isolar de forma repentina e cuidadosa para que não fossem contaminados pelo vírus, uma vez que foi comprovado que a transmissão é realizada pelo contato físico e por aerossóis encontradas no ar. Além do isolamento, precisaram aderir às aulas remotas para dar continuidade ao período letivo, sem que os alunos e os professores não fossem prejudicados.

Segundo Souza *et al.* (2021, p.5), o processo de ensino por plataformas ocorre tanto por aulas em tempo real (síncronas), diretamente entre professor e aluno, quanto por aulas gravadas (assíncronas), com a disponibilidade do material para a turma, por meio de plataformas tecnológicas.

Com a pandemia da Covid-19, o sistema educacional trouxe pra si a custosa demanda da constante “reinvenção docente”, tornando necessária a manutenção de uma educação remota que se faça dinâmica, vigente e minimamente acessível, sem levar em consideração, as falhas das condições trabalhistas, estruturais e até mesmo formativas, destes profissionais da educação (Carneiro Junior; Cardoso, 2023 p.7).

Sabe-se que a qualificação do trabalho do professor e a relação ensino-aprendizagem vem sendo desenvolvida por muitas instituições de ensino, mas não neste novo modelo de aula. Compreende-se que as políticas públicas de educação são direitos preservados na Constituição Federal, garantindo o acesso e a qualidade do ensino, necessitando assim capacitar os professores, independente da modalidade que for lecionar. Contudo, a não capacitação e/ou instrumentação destes profissionais, pode tornar esse ato legal um divisor de águas nas políticas educacionais. É visto que após a pandemia da Covid-19, transformações irão ocorrer para os envolvidos nessa nova forma de lecionar, sejam elas positivas, ou não (Barbosa; Viegas; Batista, 2020, p.258).

Observa-se que para muitos professores idosos, iniciar um ciclo novo e rápido envolvendo aspectos tecnológicos para o manuseio, torna-se longe de ser praticável a curto prazo, ocasionando riscos para a saúde inclusive mental, pois há possibilidade de desenvolver ansiedades, medos e insegurança em algo que já realizam há anos, como lecionar.

Ocorre que a configuração ensino remoto, implica no processo de trabalho docente que podem oferecer riscos para a saúde de professoras e professores, pois esta forma de trabalho não trouxe consigo medidas especiais de regulamentação e de proteção ao trabalhador (Souza *et al.*, 2021, p.4).

As medidas de prevenção e cuidado durante a pandemia, o isolamento restringindo o contato social e as práticas de atividades de lazer e entretenimento, para muitos pode desencadear transtornos como descontentamento, ansiedade. Além disso, para os docentes houve a reconfiguração do trabalho, tornando-se fatores para desenvolver estas e outras doenças mentais que interferem na vida pessoal e laboral destes indivíduos.

Sabe-se que no início da pandemia, os casos e o número de óbitos eram maiores para a população idosa e com comorbidades e os jovens não eram ou se sim, eram pouco atingidos pelo vírus. Porém, atualmente esses números têm se invertido e como é visto pelo boletim da Fiocruz a população jovem tem sido acometida pela Covid-19, aumentando o número de casos na população de 30 a 59 anos (Fiocruz, 2021).

Segundo o boletim observatório Covid-19 disponibilizado pela Fiocruz em março 2021 mostra que no final de 2020 é observado que há uma concentração no número de casos em homens jovens e uma maior incidência e mortalidade também em homens, quando comparados aos casos entre mulheres (Fiocruz, 2021). A respeito dos óbitos, o desequilíbrio para o sexo masculino é ainda maior. Observa-se felizmente que há uma redução dos óbitos

em crianças em relação às semanas anteriores, assim como um aumento dos casos entre as faixas etárias de adultos jovens.

Em 17 de Janeiro de 2021 teve início a vacinação contra a Covid-19 no Brasil, devido a isto, observa-se que houve um declínio de óbitos em pessoas idosas nos últimos meses, conforme visto pelo boletim da Fiocruz 2021 (Fiocruz, 2021). Com o avanço da campanha de vacinação, um estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Universidade Federal de Pelotas em parceria com a Universidade Harvard e o Ministério da Saúde mostrou quedas graduais em mortes de pessoas idosas por coronavírus no Brasil (UFPel, 2021). Os pesquisadores analisaram as tendências de mortes por Covid-19 e por outras causas não relacionadas ao coronavírus no período de janeiro a maio de 2021. Nesse período, o país registrou 238.414 óbitos por Covid-19 e 447.817 mortes por outras causas. Com isso, os resultados indicam que o número de óbitos por Covid-19 em todas as idades aumentou a partir do final de fevereiro em decorrência da rápida disseminação da variante gama para todo o país.

De acordo com o estudo, com a primeira dose da vacina foi alcançado metade das pessoas idosas de 80 anos ou mais na primeira quinzena de fevereiro e superaram os 80% na quinzena seguinte, estabilizando-se em torno de 95% a partir de março. Paralelamente, foi observado que o percentual de mortes de pessoas idosas caiu de 28% do total de óbitos por Covid-19, em janeiro, para 12%, em maio, com início de queda acentuada a partir da segunda metade de fevereiro. A proporção de mortes nesse grupo por causas não relacionadas à Covid-19 permaneceu estável em quase 30% no mesmo período.

Para as pessoas idosas de 70 a 79 anos, a vacinação com a primeira dose atingiu metade da população nessa faixa etária na última semana de março, alcançando 90% na primeira metade de maio. A proporção de mortes por Covid-19 nesse grupo permaneceu em torno de 25% do total de óbitos pela doença até a segunda semana de abril. Após esse período, começou a ter um declínio importante, chegando a 16% na última semana de maio. Entre essa população idosa, a proporção de mortes por outras causas permaneceu estável em pouco mais de 20% do total de mortes por causas não relacionadas à Covid-19.

Segundo a World Health Organization (WHO, 2024), até fevereiro de 2024, 13,59 bilhões de doses de vacinas contra a Covid-19 foram administradas no mundo, 67% da população mundial está vacinada com uma série primária completa e 32% da população mundial está vacinada com pelo menos uma dose de reforço de uma vacina contra a Covid-19. No Brasil, 87% da população está vacinada com pelo menos uma dose da vacina. Diante

de todos esses dados, os pesquisadores estimam que o avanço da vacinação seja responsável pela prevenção de mais de 40 mil mortes de pessoas idosas em um intervalo de treze semanas no Brasil.

Com todo esse avanço, o Ministério da Saúde declarou no dia 28 de Maio de 2021 antecipação da vacinação em profissionais de educação em todo o Brasil, com a justificativa de observar importantes impactos sociais ocasionados pelo coronavírus na educação infantil e com a necessidade de volta às aulas presenciais. Visto que estes impactos estão sendo mais importantes justamente nos grupos sociais menos favorecidos e que tem, por exemplo, dificuldade ou mesmo inviabilidade para uma adesão ao ensino a distância.

Vale ressaltar que o ambiente escolar traz elevado risco de exposição a vírus respiratórios aos trabalhadores da educação tendo em vista que crianças e jovens são habitualmente peças-chaves na transmissão destes vírus, justificando a importância de antecipação da vacinação deste grupo de trabalhadores (Brasil, 2021, p.2).

Mesmo com a vacinação e o crescente número de pessoas imunizadas, ainda é necessário o uso de medidas de restrição, higienização das mãos com álcool e água e sabão e uso de máscaras para pessoas contaminadas, para evitar a propagação da doença, visto que se pode ocorrer impacto com novas variantes mais transmissíveis.

2.3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais (TRS) teve seu início na França, na década de 1950, quando o psicólogo social Serge Moscovici investigou como a psicanálise era compreendida pela sociedade francesa daquela época. A pesquisa de Moscovici mostrou como um objeto científico torna-se objeto do senso comum, ou seja, como os grupos sociais constroem os saberes sobre um objeto reificado para desenvolver formas de lidar com ele no cotidiano. Daí surgiu a Teoria das Representações Sociais (Silva; Camargo; Padilha, 2011, p.948).

Serge Moscovici chegou a Paris em janeiro de 1948, vindo da Romênia, onde teve vivência com racismo, discriminação e o nascimento do totalitarismo comunista. Moscovici trazia consigo a concepção que a psicologia social era uma disciplina capaz de encontrar soluções para questões políticas, econômicas e industriais do pós-guerra (Marková, 2017, p.361).

A psicologia social ocupa uma posição única e estratégica entre as ciências sociais e, especificamente, entre a sociologia e a antropologia social, é o que afirma Moscovici se

referindo ao sociólogo francês Émile Durkheim e ao marxista russo e filósofo político Georgi Plekhanov, com quem mantinha grande diferença política e filosófica (Marková, 2017, p.361). Porém, ambos tinham uma preocupação em comum que repousava sobre o estudo do conhecimento social. Durkheim examinava o conhecimento social no campo da sociologia e Plekhanov deu atenção a possíveis contribuições para a psicologia social no campo do conhecimento político (Marková, 2017, p.361).

O estudo das representações sociais evidencia esta interface entre a psicologia e a sociologia ao abordar a sua construção pelos indivíduos à luz de seus grupos sociais, que se localizam nos espaços concretos da vida, não havendo, portanto, indivíduo isolado e nem pensamento desencarnado, posto que existe contexto social de interação e inscrição das pessoas e grupos que deve ser considerado, em um espaço social/público (Jodelet, 2009, p.695).

A sociedade está em constante transformação e com isso, constrói e reconstrói conhecimentos e práticas em um processo incessante em que ocorrem trocas simbólicas entre os indivíduos e os grupos sociais. Neste processo de construção e reconstrução circulam Representações Sociais (RS) que medeiam o compartilhamento de conhecimentos (Araújo; Belo; Resende, 2016, p.122).

Representações sociais podem ser compreendidas como grade de leitura da realidade social. AS RS são uma maneira de compreender e de comunicar no mundo aquilo que já sabemos, abstraindo-lhe o sentido e introduzindo ordem e percepções que o reproduzam de forma significativa (Moscovici, 2015, p.46). A TRS foi se desenvolvendo no campo da psicossociologia, mas também fora dela com aplicação em outros campos, evidenciando sua vocação interdisciplinar (Santos; Dias, 2015, p. 182).

Por isso reitera-se o seu potencial de aplicação em estudos do campo da educação e da saúde, por exemplo, que ajudam a desvelar o que de significativo se pode atribuir a um objeto que se (re)apresenta no cotidiano e (re)configura ações e modos de lidar com ele, a partir de novos sentidos, como no caso desta pesquisa em que, num contexto de pandemia, a tela de aparatos eletrônicos se transformaram em salas de aula e a interação professor-estudante passou a se dar não mais na viva face a face, mas por ícones que lhes substituem e por meio do som.

Jodelet (2001, p.26) afirma que as RS precisam ser estudadas vinculando elementos afetivos, mentais e sociais, juntamente com a cognição, a linguagem e a comunicação, a importância das relações sociais que afligem as representações e a realidade material, social e

ideal. A autora destaca as propriedades das Representações Sociais, como conhecimento de senso comum que serve de guia de ação e de leitura da realidade que conduz as pessoas e grupos sociais a interpretarem a realidade por meio de sistemas de significações, além de expressar a relação das pessoas e grupos (sujeitos) com objetos que fazem parte de seus mundos e com outros sujeitos e grupos (Jodelet, 2018, p.429-430).

O fenômeno das RS é vinculado às práticas sociais, visto que, não só as características objetivas de circunstância ou objeto podem gerar o comportamento individual ou grupal, mas também a representação que os indivíduos elaboram sobre determinados objetos (Castro, 2019, p.39). Portanto, é o grupo que forma o objeto a ser representado, buscam sentido e agem conforme tal representação, ou seja, as representações sociais não são restritas somente ao que as pessoas acreditam, mas se importam também sobre o modo como as pessoas agem diante dos conteúdos representacionais. Diante disso, a representação social vai além de uma imagem inerte de um objeto criado pela mente humana, busca apreender os seus comportamentos e a prática do grupo (Chernicharo, 2018, p.42).

Na pesquisa de representações sociais o cuidado em saúde e suas tecnologias recebem status de um fenômeno psicossocial, somando o saber produzido pela área que o destaca como objeto de conhecimento e de prática no campo da saúde, porém expressa modos de ser e de agir firmados na cultura, saúde, enfermidades e a cura (Ferreira, 2016, p.215).

As representações têm o objetivo de tornar familiar algo não familiar, ou seja, o indivíduo precisa conhecer o objeto ou sujeito para representar (Moscovici, 2015, p.58-63). E a formação das representações ocorre por meio de dois processos, os quais são denominados de Ancoragem, quando o sujeito acolhe a novidade integrando-a ao pensamento pré-existente, e a Objetivação, que ocorre quando o sujeito integra a novidade nas estruturas de ação cotidiana (Jodelet, 2018, p.437). Por meio destes processos, o sujeito nomeia e explica o objeto representado.

No caso da internet para as pessoas idosas, a aproximação com algo que não conhece, faz o não familiar tornar-se familiar. Nesse sentido, as representações sociais da internet podem afetar nas práticas relativas ao objeto (Castro, 2019, p.28). Através dessa aproximação, é possível identificar um dos processos que estruturam as representações sociais que é a ancoragem. Os processos de ancoragem e objetivação estão na origem das representações sociais e a ancoragem é um processo que favorece que algo desconhecido seja agregado ao sistema cognitivo dos indivíduos e este é comparado a uma categoria já conhecida pelo indivíduo e então ocorre uma relação a algo que eles já conhecem (Castro, 2019, p.38).

As representações sociais dos professores idosos mediante o uso das tecnologias digitais na pandemia se formam no contexto das vivências e experiências deste público, traduzem seus sentidos sobre a inserção do grupo na sociedade contemporânea, indicam práticas e atitudes que, ao serem conhecidas, podem servir de referência para proposição de estratégias colaborativas para ampliar em abrangência e qualidade, suas formas de lidar com a internet e de se comunicarem.

Aplicar a TRS para elucidar o objeto desta pesquisa é oportuno porque esta teoria possibilita a análise dos saberes que as pessoas têm sobre os objetos e como construíram tais saberes e o tornaram passível de comunicação nos grupos, o acesso à realidade material que lhe serve como parâmetro, e com isso, elucidada as ancoragens, as explicações concebidas proporcionando o entendimento dos comportamentos e atitudes das pessoas por escolhas que atribuem ao seu cotidiano (Ferreira, 2016, p.214).

CAPÍTULO III

MÉTODO

A pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa, do tipo analítico, com a intenção de explorar o objeto pesquisado e examiná-lo de forma aprofundada. Para além da informação coletada, na pesquisa qualitativa o pesquisador investe em aprofundar o conhecimento sobre o objeto pesquisado, com aplicação do aparato interpretativo sobre o problema. O valor científico da pesquisa qualitativa depende da descrição daquilo que o pesquisador observa sobre o objeto da pesquisa, para explicar significativamente e com propriedade os fenômenos (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021, p.159).

O pesquisador qualitativo se envolve com a realidade que investiga em diferentes contextos, tanto social quanto cultural, por meio de um trabalho disciplinado e de aplicação de estratégias para alcançar os objetivos científicos planejados e validar o conhecimento construído (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021, p.161).

Para este alcance, envolve a captação de dados descritivos sobre processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Freitas; Jabbour, 2011, p.11).

A perspectiva dos sujeitos foi captada com a participação de professores, com idade de 60 anos ou mais. Os critérios de inclusão são: professores idosos que atuaram ou estavam em exercício docente na pandemia, por intermédio da internet para aplicar atividades em sala de aula *on-line*. Os critérios de exclusão são: professores idosos que atuavam em modalidades de ensino à distância (EAD) ou híbrido antes de 2020; professores afastados do trabalho por motivos de adoecimento que os impediam de participar de entrevistas *on-line*.

Foram realizadas entrevistas testes anteriormente, com três professores idosos, para avaliação da ferramenta e perguntas apresentadas e então, após validação, iniciaram-se as entrevistas com os participantes.

Para a captação dos participantes, não se aplicou o critério geográfico, com a intenção de se ter pessoas que atendessem aos critérios de inclusão, respeitando-se os critérios do método de captação “*snowball sampling*” ou como mais conhecido no Brasil de “amostragem bola de neve”. De acordo com Vinuto (2014, p.204), a amostragem em bola de neve é um processo de coleta de informações permanente. É uma forma de amostra que não é possível determinar a

probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa. Para executar esta amostragem, lança-se mão de documentos e/ou informantes, nomeados como “sementes”, a fim de localizar pessoas com o perfil da pesquisa. Em seguida, solicita-se que estas pessoas indicadas pelas “sementes” indiquem novos contatos com o perfil já estipulado na pesquisa, e assim sucessivamente, crescendo desta forma o quadro de amostragem a cada entrevista.

Neste estudo foi utilizada como semente uma professora idosa que a mestranda conheceu através de outros amigos professores de nível médio. Para atender ao ensino de nível superior, buscou-se outra participante “semente” que atua em curso de graduação. A partir desta, conseguiu-se outros participantes, concluindo-se a captação com três professores do ensino médio, um do ensino fundamental e 11 de ensino superior, destas entrevistas, seis ocorreram no período da pandemia.

De acordo com a técnica da “Bola de neve”, estas sementes indicaram outro(s) participante(s) e disponibilizaram os contatos (telefone, e-mail, por exemplo) e assim sucessivamente. As entrevistas ocorreram, majoritariamente, de forma *on-line* (por sala de aula virtual ou chamada de vídeo), com apenas duas sendo de forma presencial, por opção dos participantes.

Conforme a Carta a Circular nº 1/2021- CONEP/SECNS/MS, o convite foi enviado por meio *on-line* (e-mail ou mensagem) com apenas um remetente e um destinatário. Foi esclarecido ao candidato a participante de pesquisa, que antes de responder às perguntas do pesquisador disponibilizadas em ambiente virtual (questionário/formulário ou entrevista), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) seria apresentado para a sua anuência. Deste modo, o TCLE foi enviado por e-mail e cada entrevistado o assinou e devolveu ao entrevistador através de foto ou digitalizado e somente após este procedimento, iniciou-se cada entrevista.

Diante destas “sementes” pretendeu-se alcançar uma amostra qualitativa significativa, respeitando as recomendações de que esta dimensão assegura densidade nas análises qualitativas (Saunders *et al.*, 2018, p.1902), cruzando-se a decisão sobre a finalização da coleta com o critério de saturação dos dados. Minayo (2017, p.4) argumenta que a amostra de uma pesquisa qualitativa deve estar relacionada à dimensão do objeto (ou da pergunta), no qual se desenvolve a partir da seleção dos grupos que serão entrevistados e acompanhados por observação participante.

Observa-se que neste desenho de projeto, ainda que haja recomendação destes autores que serviram de referência para a escolha das técnicas, a observação participante não foi

selecionada como técnica de produção de dados, uma vez que esta fase ocorreu em um período em que os participantes ainda se encontravam em trabalho remoto ou híbrido, não havendo possibilidades de se aplicar, portanto, a observação de suas práticas.

Ainda que na pesquisa qualitativa o encerramento da coleta de dados seja determinado pelo alcance do ponto de saturação, cuidando-se para que haja, também, um dimensionamento equilibrado nos perfis dos participantes (Saunders *et al.* 2018, p.1899 e Minayo 2017, p.10), em razão das dificuldades enfrentadas para a captação de docentes que aceitassem participar da pesquisa, a produção de dados se encerrou com 15 participantes, uma vez que, a partir deste número, não foi possível ampliar a amostra.

Os dados foram produzidos no período de Maio de 2022 a Julho de 2023 a partir da aplicação de três instrumentos:

- Instrumento com perguntas fechadas com o intuito de identificar os dados sociodemográficos e psicossociais para traçar o perfil do participante, aplicado por meio de entrevista estruturada (APÊNDICE A);

- Instrumento com perguntas fechadas para levantamento das tecnologias utilizadas pelos professores para aplicação de aulas remotas pelos participantes e seu preparo prévio para utilizá-las, aplicado por meio de entrevista estruturada (APÊNDICE B).

- Roteiro de perguntas semi-estruturadas, aplicado por meio de entrevista em profundidade (APÊNDICE C).

Os três instrumentos foram aplicados no mesmo momento, sendo os dois primeiros preenchidos pelo entrevistador após a obtenção das respostas dos participantes. Já o terceiro foi aplicado no âmbito da conversação que se estabeleceu entre participante e pesquisador, sendo as entrevistas gravadas por meio de equipamento de registro de voz, para que fosse possível a transcrição literal do conteúdo e nada se perdesse na análise. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos.

Em razão de a interrupção da captação ter sido feita pela carência de indicações e de novos aceites de participantes, a pesquisadora reuniu todo o material obtido e realizou uma leitura flutuante dos dados para que, a partir de uma análise inicial, pudesse concluir pelo alcance da saturação dos dados e do alcance dos objetivos. Este empreendimento analítico apontou que o material estava com suficiência de conteúdo para a fase de análise formal e discussão dos dados, de acordo com o referencial teórico-metodológico aplicado na pesquisa, partindo-se, portanto, para a nova fase.

No projeto, intentou-se ter uma amostra metodologicamente representativa, ou seja, sem grandes discrepâncias, como, por exemplo, entre os sexos/gêneros autorreferidos pelos participantes, de maneira que se conseguisse gerar dados não tendenciosos favoráveis a uma determinada variável. Observa-se, no entanto, a partir do desenho amostral, que majoritariamente, o grupo compõe-se de professoras, havendo apenas dois homens participantes, como, também, todos são professores atuantes na cidade do Rio de Janeiro. Na análise, fez-se um empreendimento para buscar elementos que nos permitam apontar algo sobre marcas de gênero nos discursos, bem como de outras variáveis.

Os dados produzidos por meio das entrevistas com aplicação de instrumentos estruturados foram tratados quantitativamente, com aplicação dos recursos da estatística descritiva e percentual, foram postos em gráficos, e serviram para subsidiar a análise dos dados qualitativos.

Os dados produzidos por meio da entrevista em profundidade foram processados no programa ALCESTE (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), um *software* de análise de dados textuais cujo objetivo é quantificar um texto para extrair as estruturas mais significativas. Descrever, classificar, assimilar, resumir automaticamente um texto, este é o atual propósito do software ALCESTE.

Este programa foi desenvolvido por Max Reinert em 1998, no qual combina procedimentos estatísticos aplicados a bancos de dados textuais encontrados em entrevista, obras literárias, artigos de jornais e revistas, entre outros (Nascimento; Menandro, 2006, p.73).

O objetivo do ALCESTE é a organização tópica da exposição ao falar dos “mundos lexicais” e colocá-los em evidência (Nascimento; Menandro, 2006, p.74). O método é diferenciado devido apresentar os usos específicos do léxico, inscrito numa conjuntura discursiva dada, e não de conteúdos estabelecidos a priori pela língua, independente do contexto no qual as palavras se encontram, como faria um método apenas semântico (Lima, 2008, p.89).

O programa ALCESTE toma como base um único arquivo, mas as unidades de contextos iniciais (UCI) devem ser indicadas. As definições destas UCI são realizadas pelo pesquisador, e vai depender da natureza da pesquisa, ou seja, nesta pesquisa, cada entrevista correspondeu a uma UCI. Diante disso, um conjunto de unidades de contextos iniciais constitui um *corpus* de análise. O *corpus* adequado à análise do ALCESTE deve constituir-se

num conjunto textual centrado em um tema. O material deverá ser monotemático (Camargo, 2005, p.512-513).

Após reconhecer as UCIs, o programa ALCESTE divide-os em unidades de contexto elementar (UCEs), que são fragmentos das entrevistas para caracterizar as classes (Camargo, 2005, p.515).

No preparo do corpus para submissão à análise do programa, cada UCI foi identificada por linhas de comando compostas por variáveis referentes aos participantes, sendo escolhidas aquelas que pudessem incidir como condição de produção das representações sociais. Tais variáveis dizem respeito a características psicossociais selecionadas, à luz do objeto da pesquisa, e compuseram a primeira e segunda parte do instrumento de produção de dados (APÊNDICES A e B).

Nesta pesquisa, a codificação das linhas de comando foi:

| VARIÁVEL | CÓDIGO | IDENTIFICAÇÃO |
|---------------------------------|---------------|--|
| Professor | Prof | Numerados por ordem sequencial |
| Idade | Idd | 1. 60 a 65 anos 2. 66 a 70 anos 3. 71 a 75 anos 4. Acima de 75 anos |
| Escolaridade | Esc | 1. Ensino Superior Completo 2. Pós-graduação Lato Sensu 3. Pós-graduação Stricto Sensu |
| Instituição que trabalha | Inst | 1. Privada 2. Pública 3. Ambas |
| Aposentadoria | Aps | 1. Sim 2. Não |
| Nível que ensina | Niv | 1. Fundamental 2. Médio 3. Superior |
| Turnos que trabalha | Tur | 1. Um turno 2. Dois turnos 3. Três turnos |
| Horas de trabalho/dia | Hor | 1. Menos de 8h |

| | | |
|--------------------------------|------------|------------------|
| | | 2. 8h ou mais |
| Dificuldade no manuseio | Dif | 1. Sim 2. Não |

Fonte: a autora, 2023.

Para iniciar a análise, o programa aplica quatro etapas de procedimento. Nascimento e Menandro (2006, p. 74) e Camargo (2005, p.514-516) apresentam as etapas como: A primeira (A) baseia-se em uma “leitura” do texto e aos cálculos dos dicionários. O programa produz a listagem em ordem alfabética de todo o vocabulário do *corpus*, reconhece as UCIs, faz a primeira segmentação do texto, agrupa as ocorrências das palavras em função de suas raízes e então realiza o cálculo da frequência das formas reduzidas. Adjetivo, substantivo, pronomes, artigos, são alguns itens categorizados pelo programa nessa etapa.

A etapa B é de cálculo. São selecionadas as formas reduzidas com frequência maior ou igual a 04. Nessa etapa, também, é que são definidas as UCE, segundo o critério de tamanho do texto ou de pontuação. É formada uma matriz para cada um desses cruzamentos, na qual os valores 0 e 1 indicam, respectivamente, ausência ou presença de determinada palavra em uma UCE.

A etapa C fornece os dados mais importantes. O programa apresenta o diagrama da classificação hierárquica descendente (CHD), ou seja, os valores obtidos nas duas últimas CHD são comparados. O programa elabora cálculos para cada uma das classes, estas obtidas pelos cálculos das etapas anteriores, e então obtém resultados que permitem a descrição de cada uma das classes. O programa também apresenta outra forma de apresentação dos resultados, por uma análise fatorial de correspondência que efetua o cruzamento entre as formas reduzidas com frequência maior que oito e as classes formadas.

A etapa D é o prolongamento da etapa C. Baseado nas classes das UCEs selecionadas, o programa calcula e distribui as UCEs mais características de cada classe, favorecendo a contextualização do vocabulário típico de cada classe. É possível tratar os segmentos repetidos nas UCEs e transportar dessas UCEs a outros programas. E então, realiza a Classificação Hierárquica Ascendente que é composta pelo cruzamento entre as UCE das classes e as formas reduzidas características da mesma classe.

Segundo Barros (2011, p.278), a aplicação do programa ALCESTE em pesquisas de representações sociais é muito rica, se feita de forma cuidadosa, pois a pesquisa realizada associada ao uso do programa pode estimular novos temas para estudos futuros e ser também

utilizar outros métodos para contextualizar melhor os dados ou aprofundar uma análise qualitativa.

No empreendimento da análise, interpretação e discussão dos resultados, os dados quantitativos provenientes dos dois primeiros instrumentos foram cruzados com os conteúdos das entrevistas, tendo em vista a densidade requerida para responder aos objetivos da pesquisa.

As figuras utilizadas na análise dos dados foram a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), a Classificação Hierárquica Ascendente (CHA), as redes das formas de maior associação a cada classe lexical e as UCE que dão sentido às classes.

3.1- CUIDADOS ÉTICOS

O projeto foi submetido à Plataforma Brasil (CAAE: 26647719.1.0000.5238) e logo depois encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis. A aprovação ocorreu em 28/03/2022 com o parecer número 5.316.418.

Em atenção a Resolução nº. 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, os docentes foram convidados a participar da pesquisa e a eles foram dados os esclarecimentos quanto aos objetivos do estudo, sua relevância, a garantia de anonimato e de recusa à participação a qualquer momento, sem qualquer ônus. Mediante aceite, se ofereceu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice D) para que o mesmo fizesse a leitura, compreendesse os objetivos e ao final, assinasse em concordância para que se iniciasse a produção dos dados.

Enfatizou-se a importância do participante da pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico. Está garantido ao participante de pesquisa o direito de não responder a qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Garantiu-se ao participante da pesquisa o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada. O participante da pesquisa somente respondeu as perguntas depois que seu consentimento foi dado.

Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco de origem emocional, como desconforto, medo, vergonha, estresse, cansaço ao responder as perguntas e ao risco característico de ambiente virtual, meios eletrônicos ou atividades não presenciais, em função das limitações das tecnologias utilizadas. A responsável pela realização do estudo se comprometeu a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes da pesquisa, segundo a resolução 466/12. Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados e, por isso, devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico.

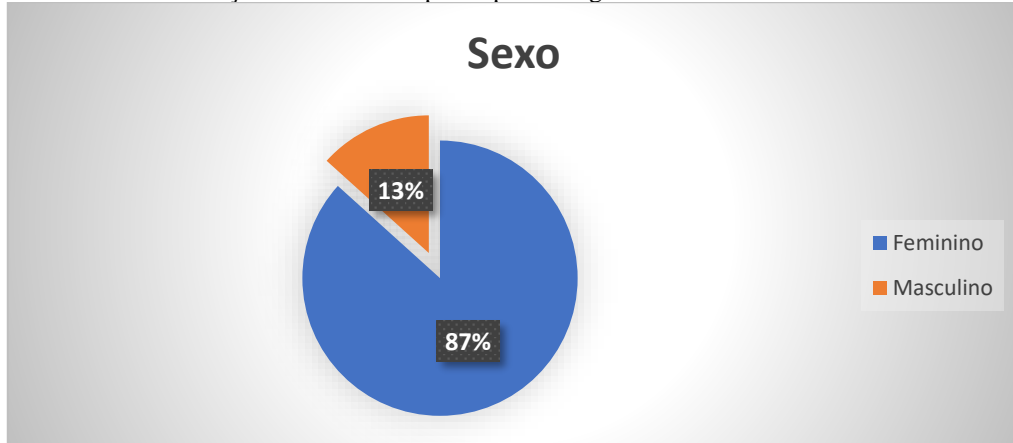
Os benefícios relacionados à participação nesta pesquisa é a possibilidade de gerar conhecimento para entender um problema que afeta o bem-estar de professores idosos que foram postos em um ambiente de trabalho virtual no qual não estavam habituados e tiveram que reinventar seus processos e trabalho cotidianos; poderá contribuir de forma potencial a pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais e culturais. Segundo a Resolução 466/12, considera-se o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo.

A identidade dos participantes e o sigilo das informações estão resguardados por meio de codificação própria do software (UCI). O TCLE foi assinado pelos participantes em duas vias, no qual uma delas ficou com o participante e a outra via com a pesquisadora, sendo armazenado sob sigilo, acrescentado aos outros instrumentos de coleta de dados, e somente os pesquisadores terão acesso às informações coletadas.

CAPÍTULO IV

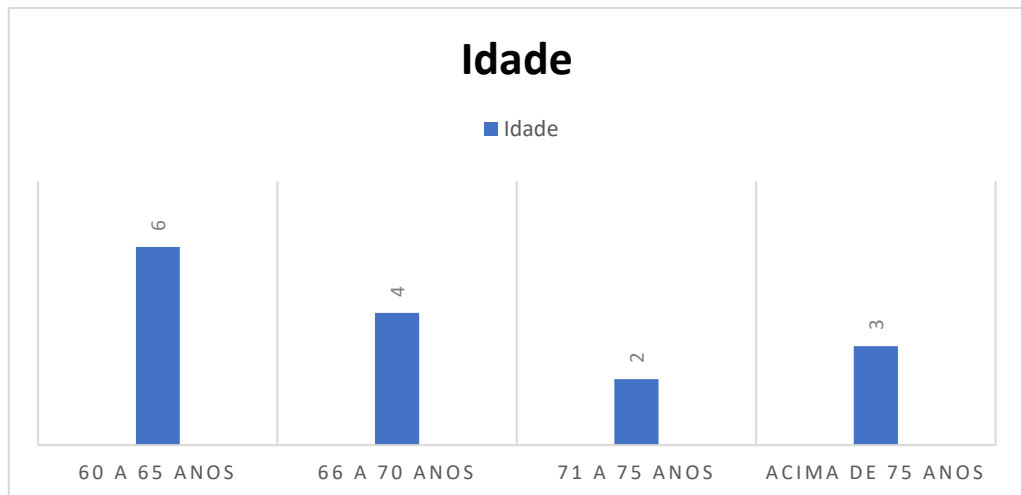
PERFIL PSICOSOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES

Gráfico 1 - Distribuição do número de participantes segundo o sexo.



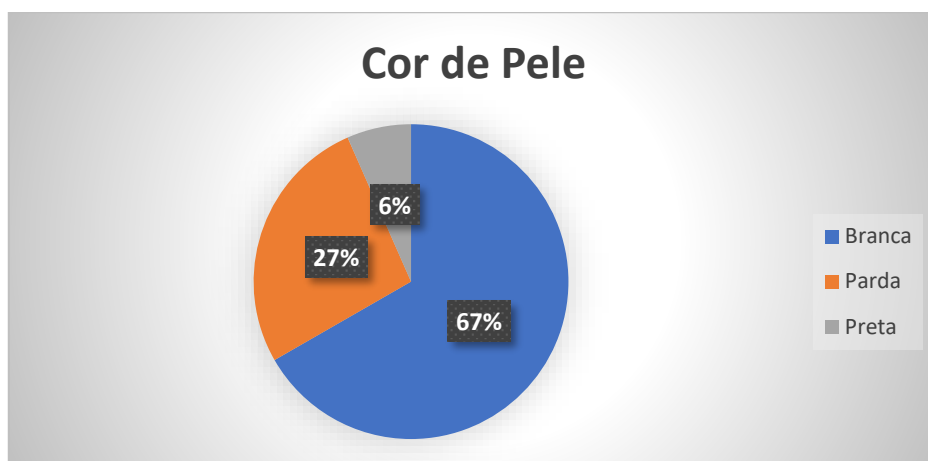
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 2 – Distribuição do número de participantes quanto idade.



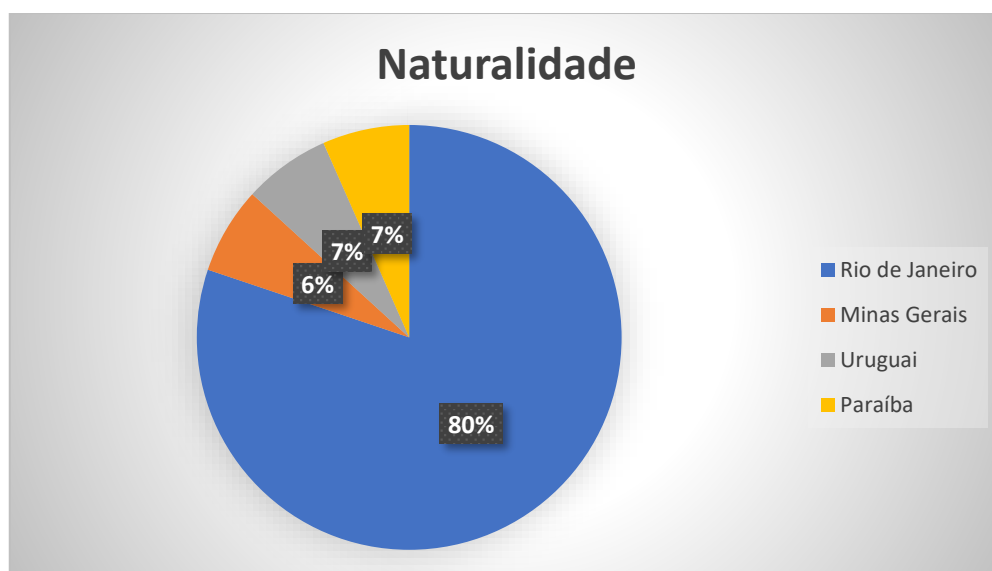
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 3 – Distribuição do número de participantes quanto sua cor de pele, por autodeclaração.



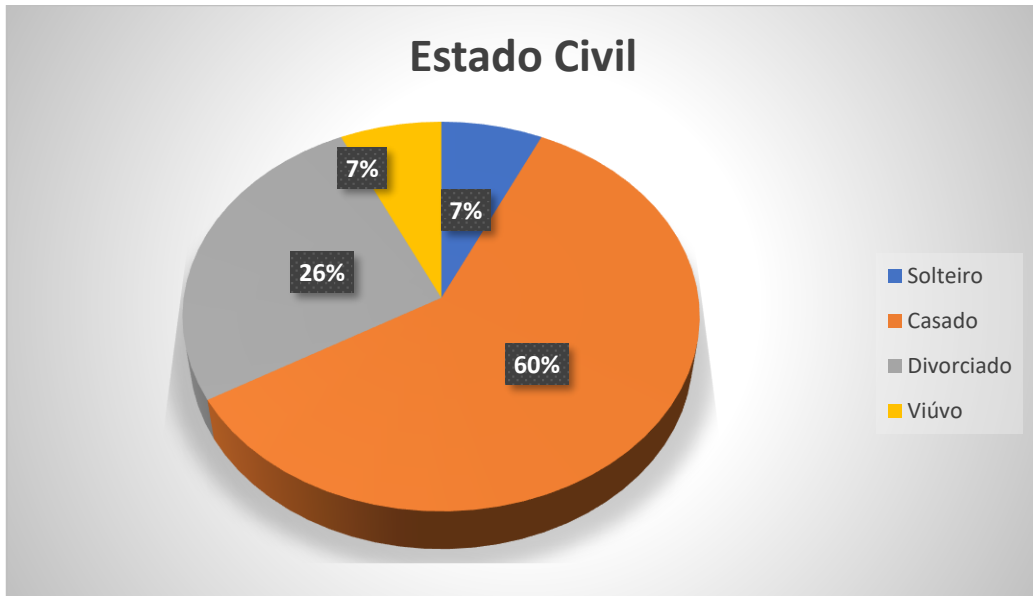
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 4 – Distribuição do número de participantes conforme sua naturalidade.



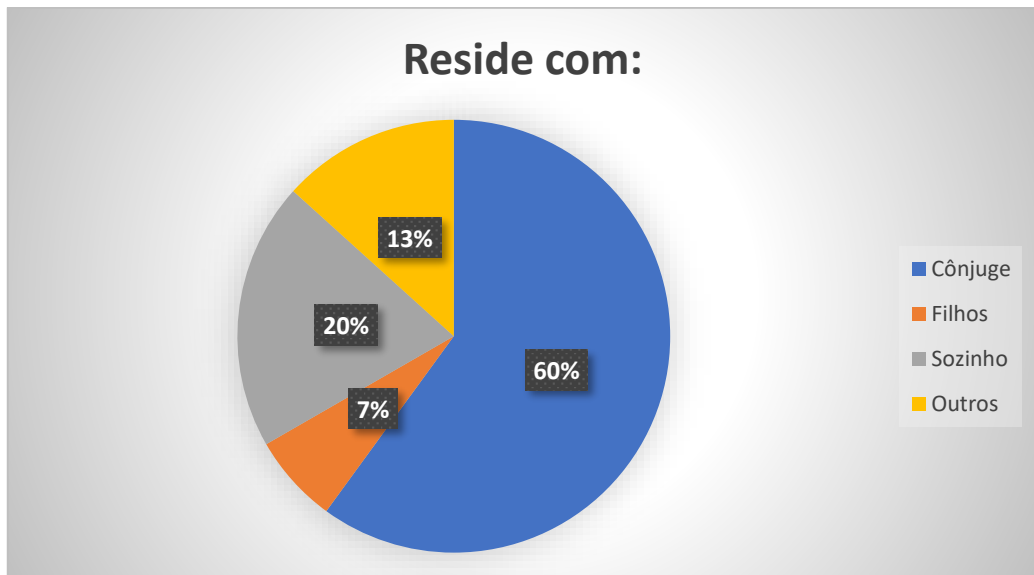
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 5 – Distribuição do número de participantes conforme estado civil.



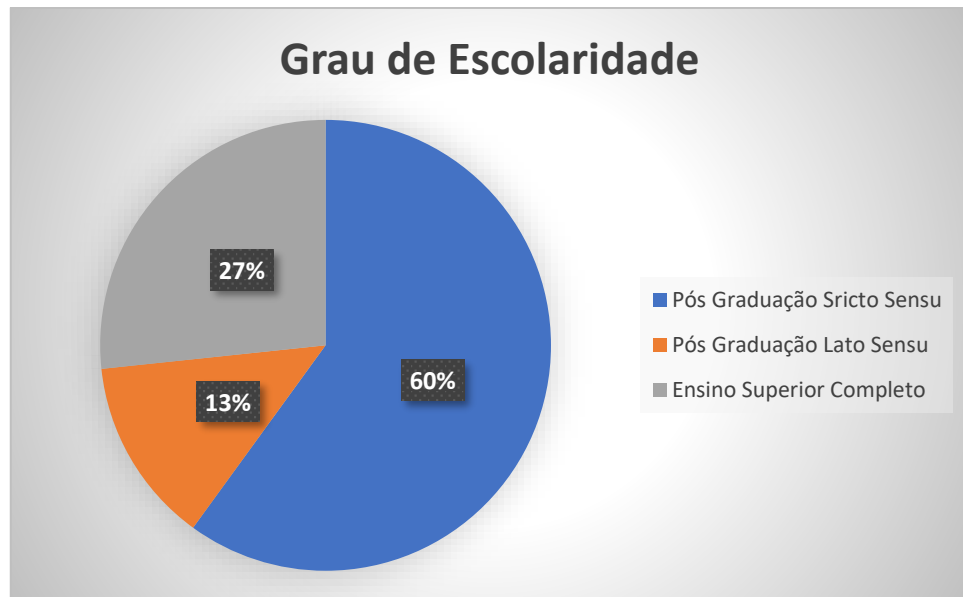
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 6 – Distribuição do número de participantes de acordo com quem reside.



Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 7 – Distribuição do número de participantes de acordo com grau de escolaridade.

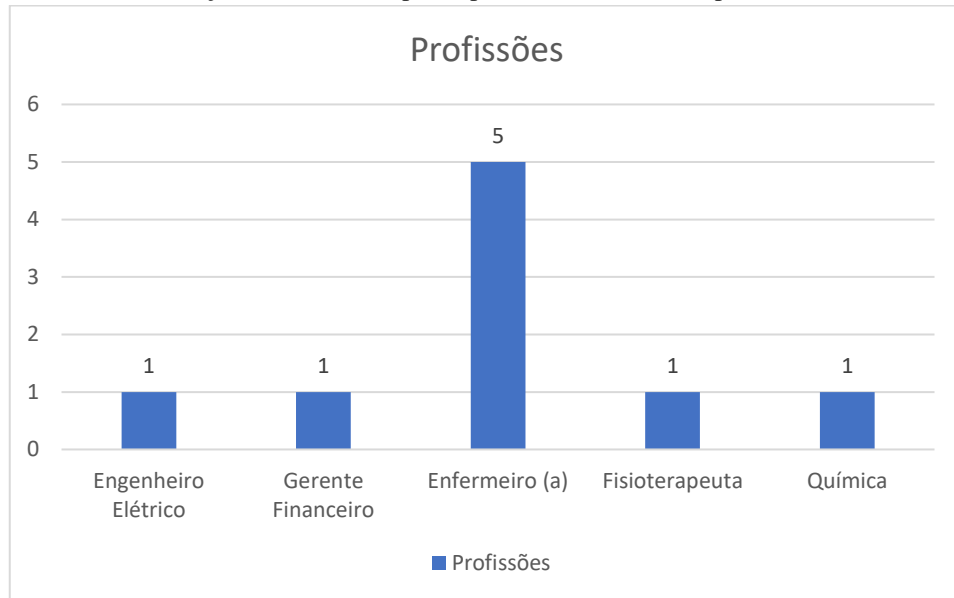


Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

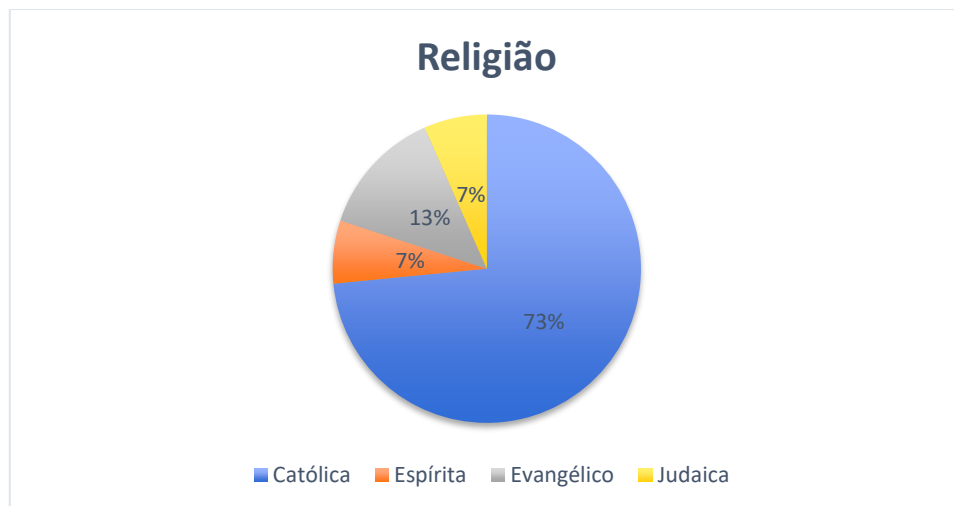
Gráfico 8 – Distribuição do número de participantes de acordo possuir ou não outra profissão.



Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

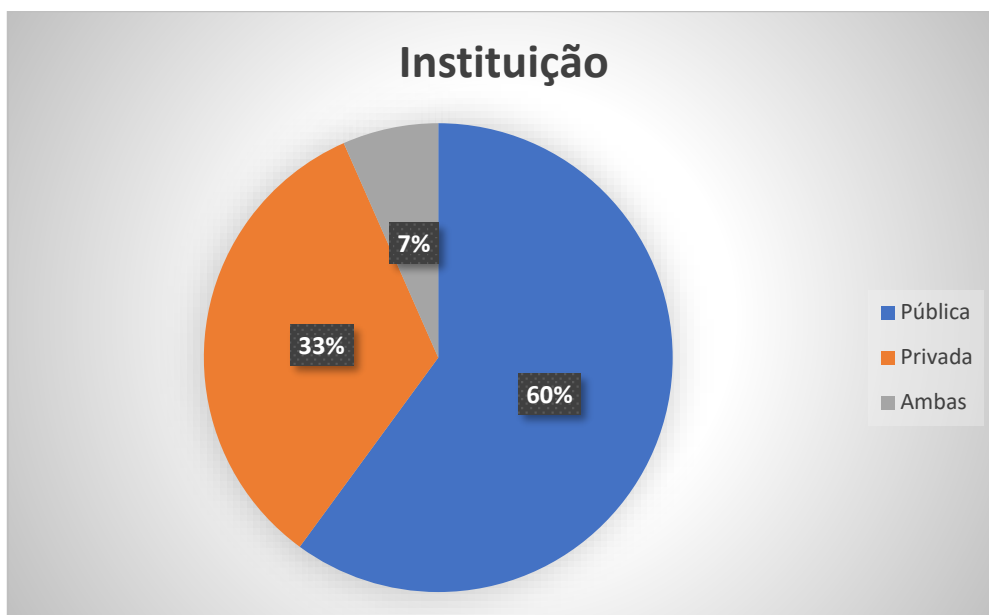
Gráfico 9 – Distribuição do número de participantes conforme outra profissão.

Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 10 – Distribuição do número de participantes conforme sua religião.

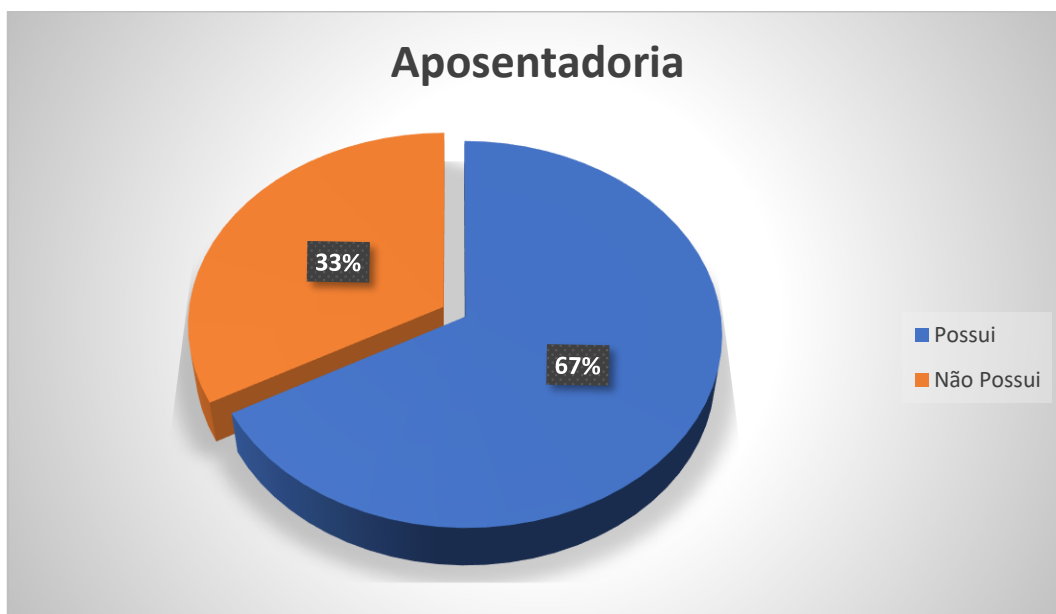
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 11 – Distribuição do número de participantes de acordo com a instituição que trabalha.



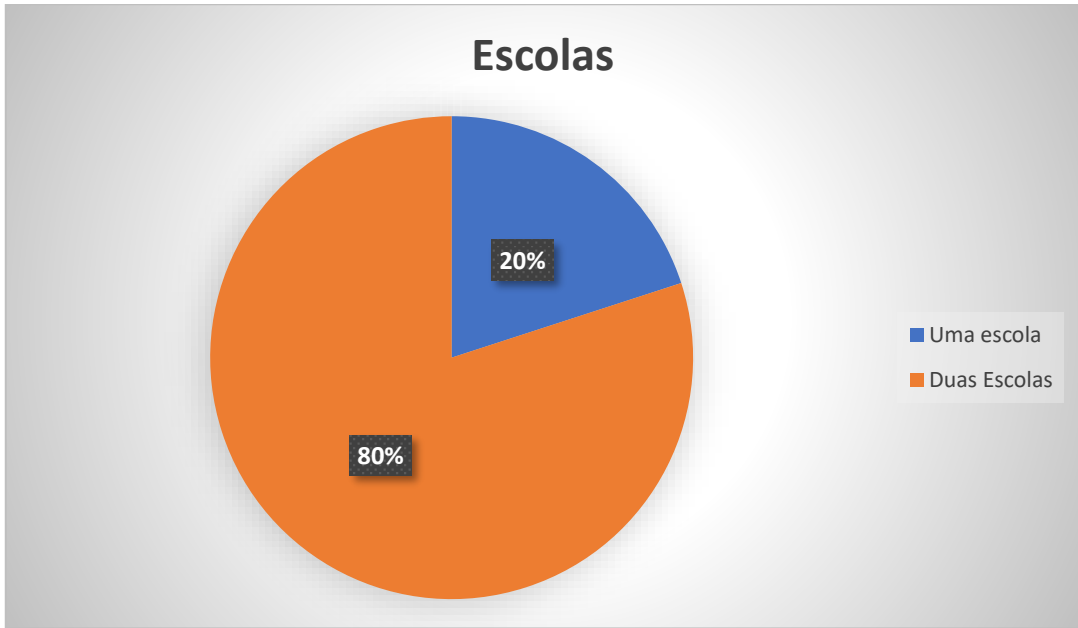
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 12 – Distribuição do número de participantes de acordo possuir ou não aposentadoria.



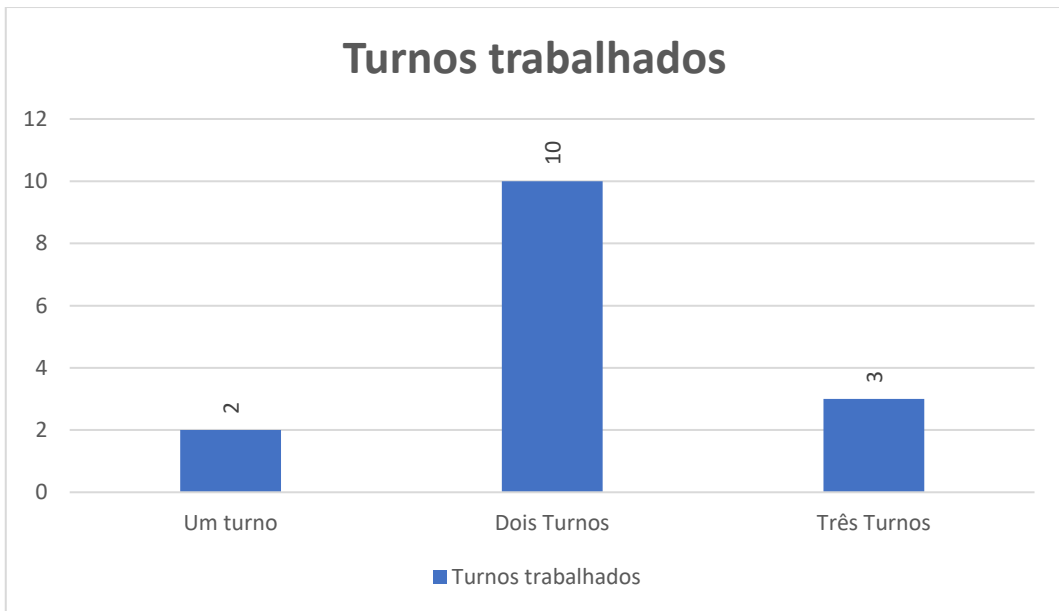
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 13 – Distribuição do número de participantes de acordo com a quantidade de escolas que os professores trabalham.



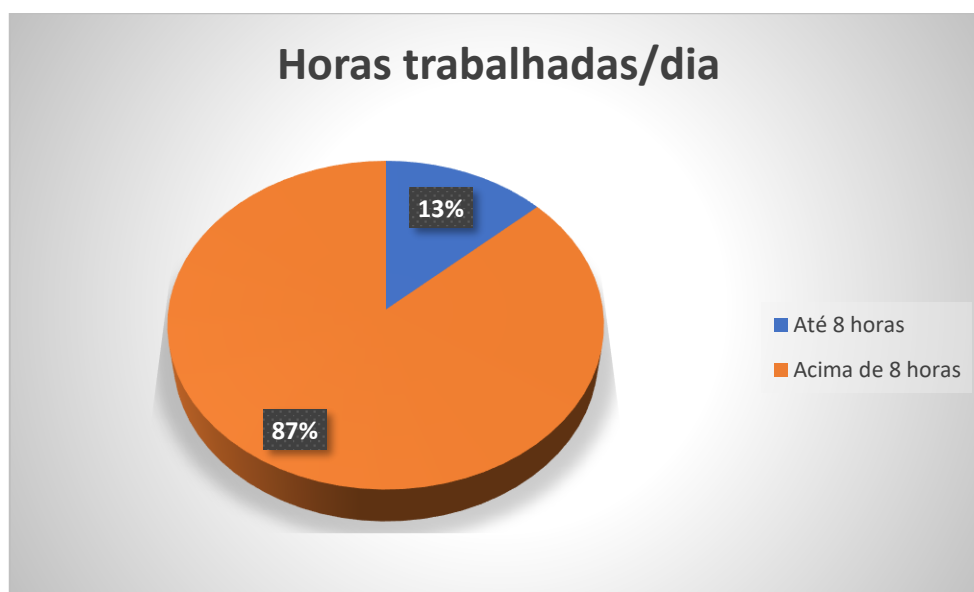
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 14 – Distribuição do número de participantes de acordo turnos trabalhados pelos professores.



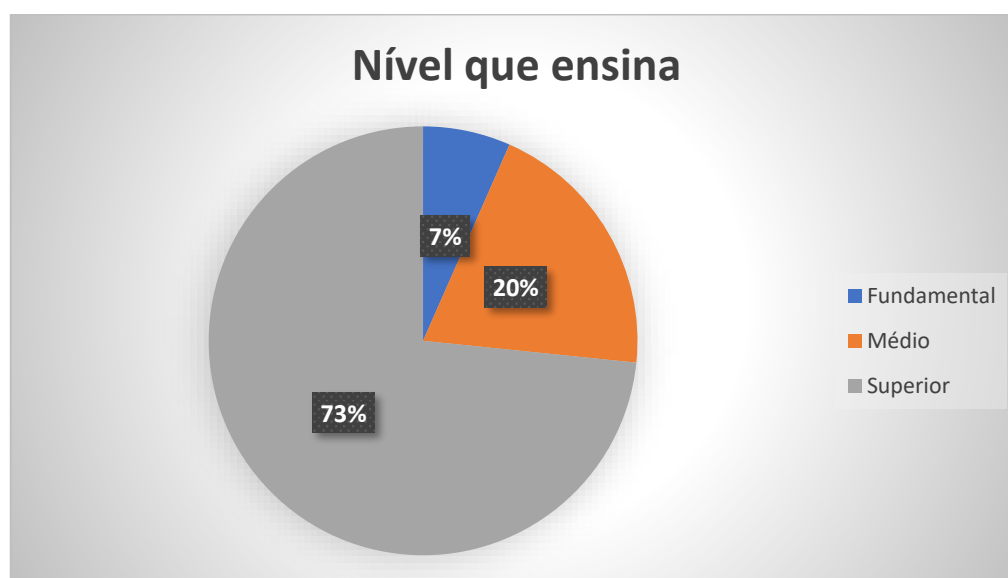
Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 15 – Distribuição do número de participantes de acordo com as horas trabalhadas por dia pelos professores.



Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Gráfico 16 – Distribuição do número de participantes de acordo com o nível ensinado pelos professores.



Fonte: Própria Pesquisadora, 2023.

Conforme apresentado no gráfico 1, 87% dos entrevistados eram professores do sexo feminino. De acordo com Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), do corpo docente composto por 2.315.616 profissionais, 1.834.295 (79,2%) são professoras, o que revelam os dados do Censo Escolar 2022, vinculada ao Ministério da Educação (MEC) (INEP, 2022; Brasil, 2023). Já o gráfico 2 mostra que seis dos 15 professores entrevistados possuem a idade de 60 a 65 anos. Vale ressaltar que três deles possuem mais que 75 anos. Com efeito, há que considerar a existência de diferenças significativas a se avaliar sobre o envelhecimento de profissionais docentes, em relação aos níveis de ensino e às áreas disciplinares de atuação.

Pesquisa realizada com docentes da educação básica mostra que o envelhecimento expressa mais experiência e amadurecimento, mas também os preocupa em razão da qualidade do trabalho a considerar os limites físicos e cognitivos, como a questão geracional entre o corpo docente e os estudantes. A conclusão dos pesquisadores com esta pesquisa é que a gestão dos efeitos negativos do envelhecimento pode ser feito por meio do trabalho colaborativo e do uso de tecnologias de informação e comunicação para suprir dificuldades vivenciadas pelos docentes idosos (Alves; Lopes; Pereira, 2020, p.279).

Sobre o ensino superior, o envelhecimento de docentes se reveste de desafios que circundam as exigências do produtivismo acadêmico, além de demandas extras administrativas, de pesquisa e do próprio ensino que fazem com que o envelhecimento docente neste nível de ensino se torne ainda mais complexo. Alguns optam por permanecerem apenas na pós-graduação e pesquisa, por vezes como colaborador, para diminuir a carga de trabalho e terem tempo para se dedicarem à vida (Freitas, 2023, p.9-10).

Observa-se que em sua maioria, há prevalência de docentes que se autodeclararam brancos (67%), seguidos de pardos (27%) e em menor número, estão os docentes que se declaram da cor preta (6%). Tais dados coadunam com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, apenas com uma pequena diferença em relação aos brancos e pardos, pois na PNAD os pardos somam 45,3%, os brancos 42,8% e os pretos, 10,6%. Não obstante, a PNAD diz respeito ao conjunto da população e não a estratos por profissão (IBGE, 2022). No caso desta pesquisa, trata-se de docentes com 60 anos ou mais, e nesta condição, não há dados de perfil que possam anunciar alguma análise sobre a questão da cor da pele. Sobre a nacionalidade e naturalidade, 93% são brasileiros, sendo 80% do Rio de Janeiro, 7% da Paraíba e 6% de Minas Gerais, 6% é de nacionalidade uruguaia, sendo todos atuantes no Rio de Janeiro.

Em relação ao estado conjugal, dos 15 entrevistados, 60% são casados, 26% são divorciados, 7% de viúvos e 7% de solteiros. Não foram solicitadas informações detalhadas aos entrevistados sobre esta situação, no entanto, apesar de a pesquisa objeto desta dissertação não estar centrada somente em docentes universitários, vale ressaltar que uma pesquisa sobre divórcio de docentes de universidades brasileiras realizada entre 2003 e 2014 mostrou aumento do número de divórcios comparado aos dados estatísticos nacionais (Santana, 2015, p.64). De acordo com os resultados, a revalorização das metas individuais na vida profissional, as ocupações e ações profissionais anteriores ao divórcio foram motivações para a tomada de decisão, e a ressignificação profissional se sustenta no aumento dos indicadores acadêmicos após o divórcio (Santana, 2015, p.73-74).

Sobre o desenho da família nuclear, 60% residem com seu cônjuge e 7% com filhos, 20% residem sozinho e 13% com outros. Não há dados de pesquisa sobre o perfil de professores que atuam do ensino fundamental ao superior, no entanto, uma pesquisa da UNESCO (2004) realizada com 5.000 docentes de escolas públicas e privadas de 27 estados, de ensino fundamental e médio, também evidenciou que os professores se declaravam em sua maioria, casados (55,1%) e 15,2% encontravam-se divorciados ou separados. Sobre a família nuclear, em termos percentuais majoritários e minoritários, esta pesquisa da UNESCO (2004) também tem aproximação com o perfil dos entrevistados nesta pesquisa de mestrado, pois 26,9% habitavam com o cônjuge ou companheiro, com seus próprios filhos e/ou com os filhos do companheiro; 4,4% que informaram morar sozinhos, 5,3% que moravam com outros parentes e 3,6% que moravam com não-parentes cosanguíneos.

Quanto ao grau de escolaridade, 60% dos entrevistados possuem pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, mestrado e/ou doutorado. Este resultado espelha o desenho da amostra desta pesquisa, que majoritariamente teve como participantes professores de universidade pública, logo, já era esperada a incidência de formação na pós-graduação *stricto-sensu*. No entanto, em se tratando do ensino fundamental, o Censo Escolar da Educação Básica 2019 mostra que 83,2% dos professores do 1º ao 9º ano do ensino têm nível superior completo com licenciatura e este percentual vem crescendo nos últimos anos (Brasil, 2020). No ensino médio se concentra o maior percentual de docentes com nível superior completo, em 2020, com 97,1% graduados (INEP, 2022). No ensino superior, a evolução no grau de escolaridade dos docentes também aumentou, no comparativo entre 2019 e 2020, o número de pós-graduados com doutorado foi de 61,5% para 64,3% (Brasil, 2022).

O gráfico 9 mostra dos 15 entrevistados, nove possuem outras formações profissionais, tais como: na área de química, engenharia, contabilidade, fisioterapia e enfermagem. Sobre este dado, vale ressaltar que participaram docentes de áreas específicas, como Professores de Enfermagem, logo, há participantes que são graduados em enfermagem e atuam como docentes nesta área, mas não necessariamente acumulam o cargo de enfermeiro (assistencial) com o de professor, e isso ocorreu também em relação às outras carreiras. Segundo Louzano *et al.* (2010, p. 548), a literatura internacional indica que a atração de profissionais para a carreira de docente pode ser devido a flexibilidade de trabalhar em tempo parcial e acomodar outros trabalhos. Há também a questão das férias, pois os professores possuem férias mais longas e mais frequentes; taxas de desempregos baixas e altruísmo, pois os professores podem contribuir para o desenvolvimento social.

O gráfico 10 mostra que 73% possuem religião católica, em seguida da evangélica (13%), 7% são judeus e 7% são espíritas. De acordo com o censo demográfico de 2010 (IBGE), no Brasil havia 64,6% declarados católicos; 22,2% declarados protestantes, entre eles estão os evangélicos tradicionais, os pentecostais e neopentecostais; 2,0% declarados espíritas e 1,6% declarados seguidores de outras religiões, dentre elas o judaísmo (IBGE, 2010; SOMAIN, 2012). O censo de 2022 ainda não teve seus dados divulgados por completo, razão pela qual ainda não é possível fazer uma análise dos dados desta pesquisa em relação ao perfil da população brasileira. No entanto, segundo o Datafolha (2022), no Brasil, 51% da população declara-se católica, 26% evangélica, 2% espíritas, 1% umbandistas e 5% de outras religiões, o que coaduna com os dados desta pesquisa.

Quanto às instituições com que possuem vínculo, o Gráfico 11 mostra que 60% dos entrevistados trabalhavam em instituição pública e 40% em instituições privadas. Há uma tendência de procura por concurso público devido à estabilidade financeira e laboral. O Relatório Nacional da Talis 2018 (INEP, 2022) mostra que o percentual de docentes brasileiros nos anos finais do ensino fundamental com contrato por tempo indeterminado chega a 79%. O percentual está próximo da Média Talis (80%) e supera os percentuais de todos os outros países/economias latino-americanos participantes da pesquisa: Chile (62%), México (72%), Cidade Autônoma de Buenos Aires (72%) e Colômbia (76%).

De acordo com Naiff *et al.* (2010, p.63), os professores das escolas públicas possuem estabilidade de emprego, porém suas condições de trabalho são mais difíceis, enquanto o professor do ensino privado se depara com melhores condições de trabalho e é mais pressionado por alunos e pais. No entanto, uma pesquisa realizada com 10 docentes de escolas

públicas e nove de escolas privadas, entre 25 e 61 anos evidenciou que tanto os docentes das escolas públicas quanto das privadas avaliaram as condições de trabalho como positivas, em relação à estrutura física e as condições tecnológicas, com predomínio da valoração positiva nos docentes das escolas privadas, e algumas ressalvas nos das escolas públicas justificadas pela dependência de recursos públicos (Azevedo; Santos; Evaristo, 2023, p.19-20).

Esta pesquisa avança na análise comparativa em categorias como organização e relações de trabalho, mas por ora destaca-se que, em contraponto com o estudo de Naiff *et al.* (2010, p.63), que mostra a questão da pressão dos pais destacada por professores de escolas privadas, a pesquisa de Azevedo, Santos e Evaristo (2023, p.20) aponta que ambos os grupos destacaram a ausência dos pais, que gera tristeza e falta de apoio para os docentes das escolas privadas, e para os da pública, se ressalta a impressão de transferência da responsabilidade paternal.

O gráfico 12 mostra que 67% dos entrevistadores já se encontram aposentados; porém, continuam com sua atividade laboral. Estudo aponta que:

O trabalho docente se constitui como um dos exercícios profissionais no qual a aposentadoria não necessariamente representa o desligamento das atividades e o encerramento da carreira. O reconhecimento alcançado, o status construído, a vinculação a agências de fomento e/ou a grupos de pesquisa ou mesmo o desejo de continuidade, comumente associado a uma dependência emocional gerada pela própria natureza do trabalho realizado são alguns dos aspectos que motivam docentes do magistério superior aposentados a permanecerem no trabalho (Krawulski *et al.*, 2017, p.57).

Pesquisa realizada com 301 docentes aposentados revelou que a permanência no trabalho se dá motivada por gostar do que faz e pela complementação da renda, em razão da diminuição dos ganhos quando aposentados; além disso, há interesses institucionais nesta manutenção devido à experiência que eles possuem (Ferraz; Batista, 2021, p.37). No ensino de pós-graduação *stricto sensu* é comum haver docentes aposentados que permanecem credenciados. Pesquisa realizada com 11 docentes de uma Universidade Federal do nordeste do país mostra que apreciar a profissão e contribuir para o desenvolvimento institucional e a sociedade faz parte dos sentidos que eles atribuem ao trabalho. O prazer advém do reconhecimento e desenvolvimento dos alunos e, em contrapartida, o sofrimento diz respeito às dificuldades com as condições de trabalho e os conflitos entre trabalho prescrito e real (Carvalho; Dourado, 2022, p.10).

Nos gráficos 13, 14 e 15, há um demonstrativo da sobrecarga dos professores entrevistados, visto que 80% trabalham em duas escolas, 10 professores trabalham em dois

turnos e 87% por mais de oito horas diárias. Este dado coaduna com o estudo de Guerreiro *et al.* (2016, p. 202) cujos resultados também mostram que a maior parte dos docentes de sua pesquisa atuava em até dois locais de trabalho e 30% dos docentes trabalhavam em três ou mais locais e 16,6% em três turnos. Nos Estados Unidos apenas 1,7% dos docentes trabalham em mais de uma escola, no Japão 2,7% e na França 4,7%. No Brasil, 20% dos professores estão em mais de uma instituição (Cardial, 2021). A duração da jornada, número de escolas, número de alunos por turma e número total de alunos são elementos que são determinantes da intensidade do trabalho docente (Souza; Fernandes; Filgueiras, 2015, p. 132).

De acordo com o Censo Escolar 2020 e Censo da Educação Superior 2019, país tem 2,2 milhões de professores na educação básica, sendo que no ensino fundamental são 1.378.812 (63%) e na graduação, 386.073 (INEP, 2022). Os 15 participantes da pesquisa, objeto desta dissertação, se distribuem nos três níveis de ensino, sendo majoritariamente do ensino superior (73%), seguido de 20% no ensino médio e 7% no ensino fundamental (Gráfico 16). As realidades do contexto laboral e também de aposentadoria nestes três níveis de formação são bastante distintas, de modo que para que seja possível uma análise mais acurada dos seus perfis, é preciso ampliar e estratificar a amostra, além de investir em questões que façam emergir a subjetividade dos participantes sobre este tema.

CAPÍTULO V

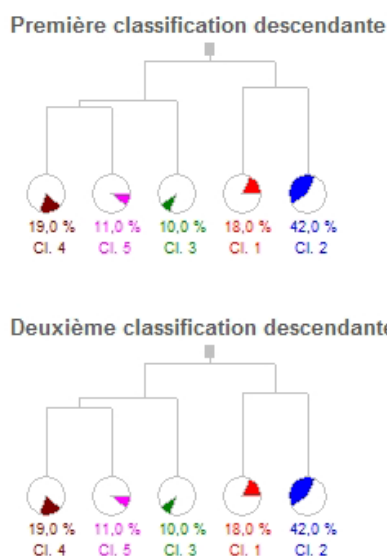
APRESENTAÇÃO PANORÂMICA DOS RESULTADOS EMPÍRICOS

Os dados que compõem este e os capítulos seguintes são provenientes da aplicação da segunda e terceira partes do roteiro de entrevista, que tratam do levantamento das tecnologias utilizadas pelos professores para aplicação de aulas remotas e seu preparo prévio para utilizá-las, e da vivência da modalidade de aula remota pelos professores idosos.

Após a análise do corpus pelo *software* Alceste foram gerados os gráficos com as classes lexicais e os segmentos de texto que as compõem. O corpus analisado constitui-se de 15 unidades de contexto inicial (UCI). As formas distintas analisadas são 3.533, o número de formas consideradas após a redução é 573, o número de ocorrências para definir a UCE é 29, a porcentagem de riqueza de vocabulário é de 98,36%, a frequência mínima de uma palavra para ser considerada na análise é 4, o número médio de palavras analisadas por UCE é 16,74. O corpus foi subdividido em 644 unidades de contexto elementar (UCE) das quais 459 foram distribuídas em cinco classes lexicais que se mostraram estáveis, com 71% de UCE classificadas. O número mínimo para manter uma classe é de 33 UCE.

Após o processamento global, a figura 1 apresenta a árvore de classificação descendente, com sua divisão em 5 classes e percentuais de UCE por classe.

Figura 1– Árvore de Classificação Descendente.

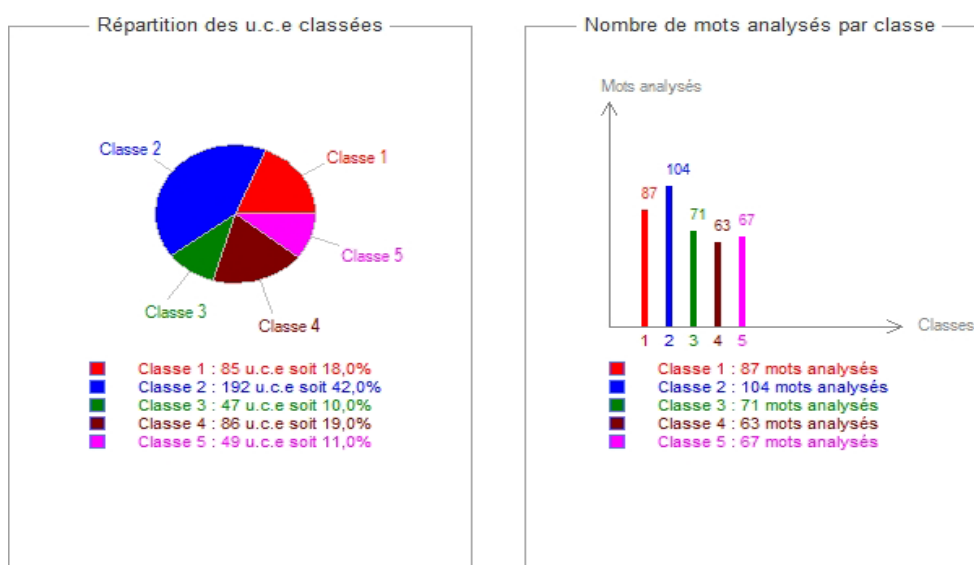


Fonte: Relatório detalhado Alceste, 2023.

Visualiza-se que o programa realizou três divisões do conteúdo selecionado para análise, sendo duas com duas classes e uma com uma classe, resultando em 5 classes. A interpretação realizada a partir dessa classificação é a de que o Bloco 1, composto pelas classes 1 e 2 reteve 60% do corpus; o Bloco 2 foi composto pela classe 3 e o Bloco 3 foi composto pelas classes 4 e 5, somando as três uma retenção de 40% do corpus. As classes 1 e 2 possuem significados semelhantes, mas há oposição entre elas, uma vez que se separaram; bem como as classes 4 e 5 que se assemelham, mas também apresentam contrastes. A classe 3, por estar na mesma divisão das classes 4 e 5, possui significados complementares aos da classe 4 e 5.

Na figura 2 consta a distribuição das classes, com seus percentuais de UCE e o número de palavras analisadas.

Figura 2 – Distribuição das classes, percentual de UCE e palavras analisadas.



Fonte: Relatório detalhado Alceste, 2023.

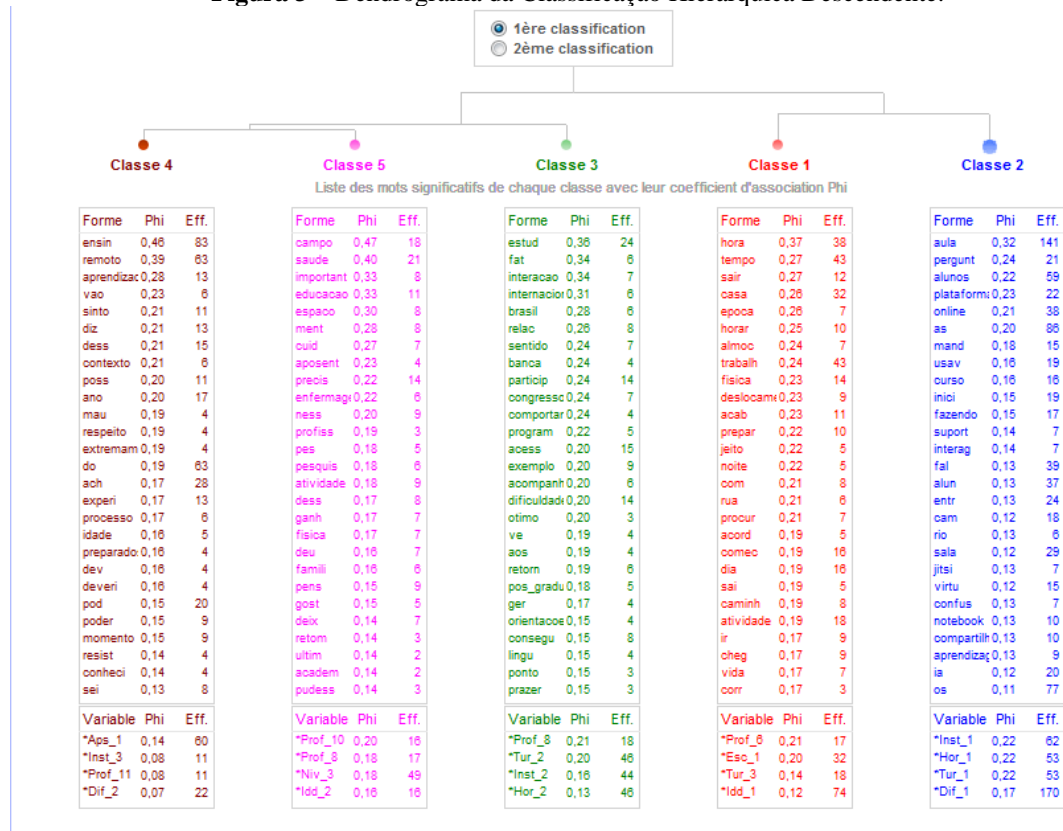
As classes que apresentam os maiores quantitativos de palavras plenas analisadas são a classe 2, com 104 palavras, seguida pela classe 1, com 87 palavras, depois pela classe 3 com 71 palavras, classe 5, com 67 palavras e Classe 4 com 63 palavras.

Destaca-se que as classes 2, 4 e 1 reúnem as maiores quantidades de UCE e sobre o total do material analisado. A classe 2 apresenta 192 UCE (42%), a classe 4 apresenta 86

UCE (19%) e a classe 1 apresenta 85 UCE (18%); a classe 5 apresenta 49 UCE (11%) e a classe 3 apresenta 47 UCE (10%) com o menor número de UCE do total do corpus analisado.

Na figura 3 tem-se o dendrograma da classificação hierárquica descendente (CHD) gerada após análise do corpus, com as cinco classes lexicais em sua disposição espacial.

Figura 3 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente.



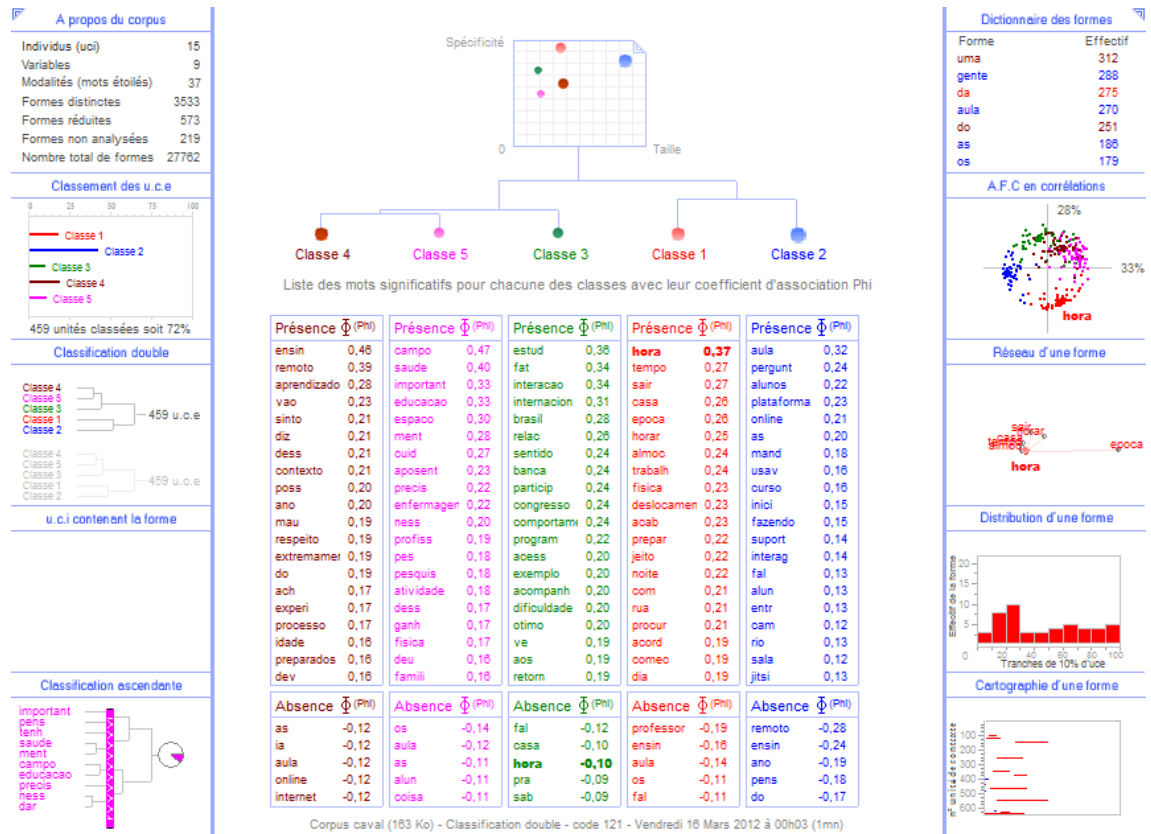
Fonte: Relatório detalhado Alceste, 2023.

Inicialmente, com o processamento dos dados pelo *software* Alceste o corpus se dividiu em dois blocos. Primeiro formou-se o bloco com as classes 1 e 2 e, em seguida, um grande bloco que se desprendeu em dois, sendo um com a classe 3 e, em seguida, organizou-se mais duas classes, a 4 e 5. Essa divisão em blocos informa que as classes possuem aproximações e oposições entre si, que serão analisadas a partir das palavras associadas a cada classe e das UCE que as compõem.

Compreende-se que a partir dessa classificação, as classes 1 e 2 possuem significados semelhantes, que representa uma relação de aproximação, pois se observam palavras que narram uma rotina e a vivência dos professores idosos para conseguirem ministrar as aulas por meio remoto. Já as Classes 4 e 5 se assemelham por demonstrar palavras que envolvem

uma avaliação do processo de ensinar por meio remoto, como eles estão se aproximando do conhecimento necessário ao novo cotidiano laboral e as questões de saúde inerentes ao contexto vivenciado. Já a classe 3 apresenta uma abordagem mais geral, evidenciando alguns contrastes, tais como as oportunidades e as desigualdades sociais

Figura 4 – Síntese dos dados de partição do corpus em classes.



Fonte: Relatório detalhado Alceste, 2023.

O bloco 1 está composto das classes 1 e 2 e apresenta a dimensão do cotidiano docente no período em que atuou com ensino remoto, é um bloco que aborda como os docentes se aproximaram do que era até então desconhecido, como a rotina do trabalho docente se construiu na pandemia. Na Classe 1 se observam palavras que remetem à rotina do dia em relação aos horários, as atividades cumpridas na pandemia com o ensino remoto e o autocuidado, e os contrapontos com a rotina que seguiam quando o ensino era presencial. A Classe 2 trata da rotina específica do ensino remoto, seu desenvolvimento e as relações com os alunos, com a rede de apoio e os suportes de equipamentos e estratégias de comunicação.

Já nos blocos 2 e 3 encontram-se três classes lexicais (3, 4 e 5) em que é possível identificar uma vertente avaliativa e reflexiva com estratégias práticas dos docentes em

relação ao ensino remoto. A Classe 3 traz à tona a diversidade de problemas sociais vivenciados no contexto do ensino remoto, com desafios pessoais e sociofamiliares, questões sobre inclusão digital, escassez de recursos para o acesso de qualidade à internet capazes de sustentar a participação nas atividades. A Classe 4 evidencia um movimento dialético na avaliação dos docentes, aspectos positivos e negativos que circundam o ensino remoto e os desdobramentos de tais avaliações; na Classe 5 emergem estratégias de lutas e de superação dos desafios enfrentados para atender às demandas do ensino remoto, além do autocuidado com a saúde.

Com esta leitura preliminar da partição do corpus após o processamento pelo *software*, estes blocos e classes foram nomeados conforme apresentado no quadro 2.

Quadro 2 – Organização dos resultados segundo os blocos e classes lexicais.

| BLOCO | | CLASSE LEXICAL | TÍTULO |
|-------|--|----------------|---|
| 1 | Reconfiguração das rotinas de vida e do trabalho docente na pandemia | Classe 1 | Os desafios para adequação a uma nova rotina de vida diante da pandemia |
| | | Classe 2 | As interferências vivenciadas pelos docentes na pandemia |
| 2 | O enfrentamento de uma nova realidade traduzida pela prática docente em meio remoto | Classe 3 | As faces contrastantes do ensino remoto: ampliação de oportunidades e desvelamento de desigualdades sociais |
| 3 | O ensino remoto e o despertar para as demandas da nova realidade do trabalho docente: novos domínios de conhecimento e o autocuidado | Classe 4 | A dialética que se expressa na avaliação da experiência: o que é bom e/ou ruim no ensino remoto? |
| | | Classe 5 | Atualização, renovação do conhecimento e saúde: pilares para os docentes se manterem no campo do trabalho. |

Fonte: a autora, 2023.

Com esta análise preliminar, o empenho de aprofundamento analítico e interpretativo foi realizado tomando-se o coeficiente Phi aos léxicos de maior associação às classes, a leitura cuidadosa das formas reduzidas mais relevantes formadoras das classes e suas correspondentes formas completas (palavras plenas) de maior significado.

A análise das classificações hierárquicas descendentes (CHD) foi triangulada com a Classificação Hierárquica Ascendente e as UCEs de cada classe para explorar as relações

intraclases e contextualizar as palavras, seus sentidos e significados, de modo que possibilite debater os resultados.

Os três capítulos empíricos que se seguem iniciam pela classe 3, que organiza o Capítulo V, com uma abordagem mais geral dos contrastes e a discussão das desigualdades sociais desveladas pela pandemia, traduzida nas dificuldades com o ensino remoto.

Em seguida, no Capítulo VI abordam-se as classes 1 e 2, que exploram o conhecimento dos docentes participantes sobre o fenômeno estudado, com as representações que circulam nas unidades de contexto elementar que tratam das rotinas reconfiguradas e que têm a ver com a vida cotidiana deles na pandemia. Estas classes demonstram as adversidades na reconfiguração do trabalho dos docentes durante a pandemia.

O Capítulo VII traz as Classes 4 e 5 que discutem a dimensão prática veiculadas nas representações dos docentes, de modo avaliativo e com as novas demandas e estratégias que o ensino remoto impõe, em razão das tecnologias digitais para superar os desafios e vencer as dificuldades impostas com a nova realidade vivenciada.

Para facilitar a identificação das UCIs, que correspondem aos participantes da pesquisa, o quadro 2 traz uma síntese do perfil de cada docente.

Quadro 3- Perfil dos 15 participantes da pesquisa.

| PARTICIPANTE | PERFIL |
|--------------|--|
| UCI 1 | Sexo Feminino, idade entre 71 a 75 anos, pós graduação stricto sensu, trabalha em instituição privada, é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais de 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar as aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook/Zoom. |
| UCI 2 | Sexo Feminino, idade entre 71 a 75 anos, pós graduação lato sensu, trabalha em instituição provada, é aposentado, ensina nível superior, trabalha em três turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar as aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e Computador/ Zoom. |
| UCI 3 | Sexo Feminino, idade entre 66 a 70 anos, ensino superior completo, trabalha em instituição privada, é aposentado, ensina nível superior, trabalha em três turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar as aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook/ Zoom. |

| | |
|--------|---|
| UCI 4 | Sexo Feminino, idade entre 71 a 75 anos, pós-graduação lato sensu, trabalha em instituição pública, é aposentado, ensina nível fundamental, trabalha em dois turnos, 8 horas por dia, não apresentou dificuldade para iniciar as aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e celular/ Meet Google e Zoom. |
| UCI 5 | Sexo feminino, idade acima de 75 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição privada, é aposentado, ensina nível superior, trabalha em um turno, menos de 8 horas, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Computador e notebook/ Teams. |
| UCI 6 | Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, ensino superior completo, trabalha em instituição pública, não é aposentado, ensina nível médio, trabalha em três turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e celular/Zoom e Meet Google. |
| UCI 7 | Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, ensino superior completo, trabalha em instituição pública, é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, não apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Celular e Notebook/Jitsi e Meet Google. |
| UCI 8 | Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição pública, não é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar as aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e celular/Jitsi e Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). |
| UCI 9 | Sexo masculino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação lato sensu, trabalha em instituição privada, é aposentado, ensina nível médio, trabalha em 1 turno, menos que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line. Equipamentos e plataformas utilizadas: Celular/Zoom. |
| UCI 10 | Sexo feminino, idade entre 66 a 70 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição pública, é aposentado, ensina nível superior, trabalha |

| | |
|--------|--|
| | <p>em dois turnos, mais de 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e celular/ Jitsi</p> |
| UCI 11 | <p>Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição pública e privada, aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, não apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Celular e Notebook/Jitsi, Meet Google, Teams.</p> |
| UCI 12 | <p>Sexo masculino, idade entre 66 a 70 anos, Ensino Superior Completo, trabalha em instituição pública, é aposentado, ensina nível médio, trabalha em dois turnos, por mais de 8 horas por dia, não apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook/ Meet Google.</p> |
| UCI 13 | <p>Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição pública, não é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e computador/Jitsi e Meet Google.</p> |
| UCI 14 | <p>Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação Stricto Sensu, trabalha em instituição pública, não é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook e Computador/Jitsi e Meet Google.</p> |
| UCI 15 | <p>Sexo feminino, idade entre 60 a 65 anos, pós-graduação stricto sensu, trabalha em instituição pública, não é aposentado, ensina nível superior, trabalha em dois turnos, mais que 8 horas por dia, apresentou dificuldade para iniciar aulas on-line.</p> <p>Equipamentos e plataformas utilizadas: Notebook/Jitsi e Meet Google.</p> |

Fonte: a autora, 2024.

CAPÍTULO VI

O ENFRENTAMENTO DE UMA NOVA REALIDADE TRADUZIDA PELA PRÁTICA DOCENTE EM MEIO REMOTO

AS FACES CONTRASTANTES DO ENSINO REMOTO: AMPLIAÇÃO DE OPORTUNIDADES E DESVELAMENTO DE DESIGUALDADES SOCIAIS

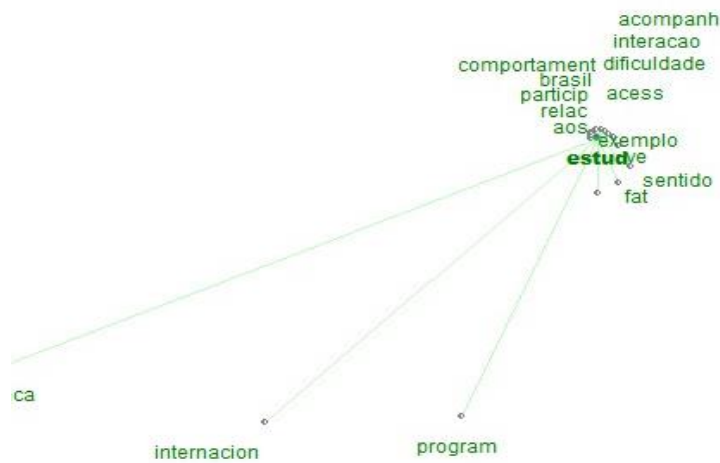
Neste capítulo será abordado o conteúdo da classe lexical 3, que traz os contrastes das oportunidades e desafios trazidos pelo ensino remoto. Os participantes discorrem sobre a facilidade de participar de forma rápida e ágil de eventos que aconteceram em outros estados e até países, mas também relatam os desafios encontrados pelos estudantes para assistirem as aulas, devido ao precário acesso à internet entre outras dificuldades, e até trancamento de matrícula por necessitarem trabalhar para gerar renda para a família.

A Classe Lexical 3 possui 10% do total das UCE que constitui o corpus de análise está composta de 88 formas reduzidas de palavras plenas encontradas. A análise dos léxicos associados à classe 3 evidenciou que as UCI caracterizam uma preocupação por parte dos docentes sobre como o conhecimento/informação chega aos alunos e o quanto a desigualdade social ficou presente neste contexto, pois por mais próximo (professor/aluno) que pareça estar com o ensino remoto, ao mesmo tempo, os professores relatam que não havia a possibilidade de identificar se realmente os alunos estavam atentos ao conteúdo. Por outro lado, abordam sobre a facilidade que encontraram em acessos a congressos, cursos, simpósios de forma on-line.

Para melhor análise da classe, optou-se em colocar uma lista de UCE pertencentes à classe 3, para compreender os contextos em que os léxicos se inserem, considerando a relação entre essas palavras expressas por meio da classificação hierárquica descendente e ascendente.

O léxico de maior associação a esta classe é “estud”, com Phi 0,36, e a rede de associação pode ser vista na Figura 5.

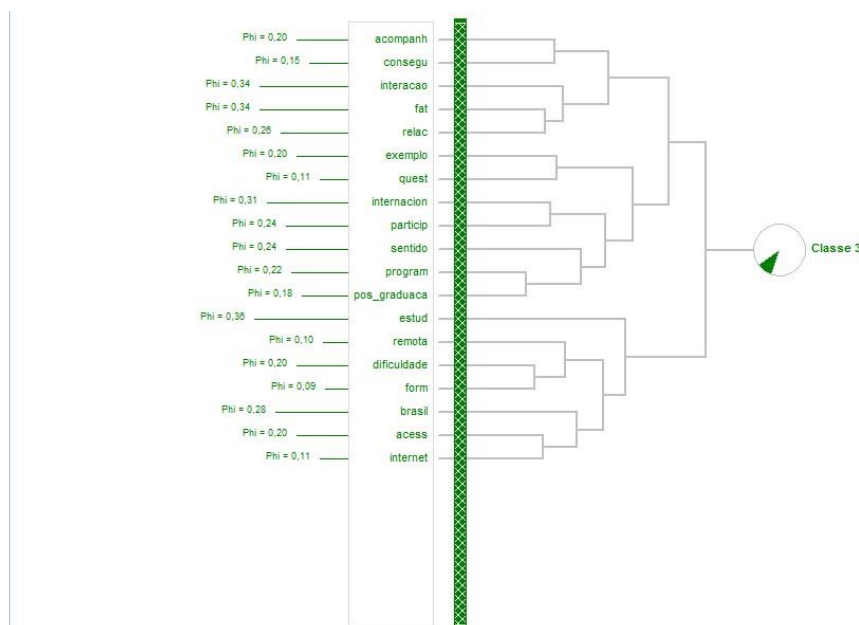
Figura 5 – Rede da forma “estud” da classe 3.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

Na Figura 6 a Classificação Hierárquica Ascendente mostra as relações que os léxicos estabelecem entre si e cujos sentidos se expressam nas unidades de contexto de elementar representativas desta classe.

Figura 6 – Classificação Hierárquica Ascendente Classe 3.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

UNIDADES DE CONTEXTO ELEMENTAR REPRESENTATIVAS DA CLASSE 3

O distanciamento social que implicou na remodelação do campo do trabalho, deslocando o espaço laboral para as residências dos trabalhadores contribuiu, em certa medida, para ampliar as participações de docentes e discentes em atividades acadêmicas e científicas realizadas em diferentes espaços geográficos.

Apresentações a gente vê mesmo, as bancas de mestrado, de doutorado, elas ainda estão acontecendo de forma remota. Então é isso, facilitou muito, os congressos, simpósios, que a gente consegue estar acessando o Brasil inteiro, de forma remota (UCI 11).

Propicia um diálogo internacional ou um diálogo ao longo do país, então, nesse sentido, ele traz alguma contribuição (UCI 8).

A questão da interação foi reiterada nesta classe lexical, abordada no âmbito da qualidade que abrangeu tanto as relações quanto os recursos. A qualidade da internet gerou impactos nas condições de os estudantes se conectarem e sustentarem a conexão. O uso de

todos os recursos de forma concomitante, tais como câmeras e microfones, reverberavam nesta qualidade da transmissão e recepção e influenciava na qualidade da interação.

A gente não conseguia apreender se de fato, o quanto que eles estavam participando e quantos estavam participando mais efetivamente. Eu dava aula e consegui desenvolver bem meu conteúdo, agora, a relação com os estudantes ficou totalmente comprometida, isso acaba limitando, não é o mesmo presencialmente que é visto isso, foi um agente complicador sim. Até por conta da internet, ficava a maioria de câmeras fechadas, microfone fechado, então a gente perdeu essa noção do quanto que eles de fato estavam participando ou não, então aqueles que sempre foram participativos, acho que manteve essa participação. Em relação a acompanhar o quanto de fato estavam desenvolvendo, a presença sem sombra de dúvida é o melhor para mim, e o mais prazeroso é que me permite mais interação com os estudantes, com relação aos estudantes da pós-graduação. Conseguia acompanhar um pouco a participação dos estudantes que era uma preocupação minha na graduação, na pós-graduação remota; mas os estudantes participavam, tinha então uma boa interação, e acho que eu consegui fazer bem essa interação (UCI 7).

A pandemia desvelou ainda mais as desigualdades sociais no acesso à internet pelos estudantes e a familiaridade com os recursos, sendo identificadas como um dos prejuízos desta modalidade de ensino, além da necessária adequação da linguagem e cuidados com a escrita.

Nos estudantes brasileiros, muito precária, de forma muito precária. Eu tive estudantes que eu acompanhei mais de perto, que eu faço tutoria, que tinha dificuldades, assim com o pacote da internet, que moravam numa comunidade em que a internet, vamos dizer assim, vou usar uma palavra, clandestina (UCI 8).

O mal do ensino remoto é um aspecto que eu até já comentei, ele não é inclusivo, ele não é, ele não assegura essa mesma igualdade para todos, que nem todos têm as mesmas unidades de acesso (UCI 8).

Voltaram a trabalhar logo, como os enfermeiros, técnicos de informática, eles tiveram que trabalhar, trabalhavam com escala. Então, essa dificuldade para os pais foi muito grande em

relação à mudança de comportamento, que os filhos deveriam ter com relação à ida a aula que seria aula remota (UCI 9).

As mães perderam os seus empregos e aí eles tiveram que também lançarem mão de estratégias para gerar renda, e por conta disso, muitos trancaram, a maioria foi trancamento mesmo, para poder produzir renda para sobreviver, isso houve (UCI 7).

A gente teve um grande número no geral da universidade, um abandono geral do Brasil. Mais especificamente no programa que eu dei aula eu não vi. E também era professora da pós-graduação. Na pós-graduação foi bem melhor, foi ótimo os alunos (UCI 13).

Tem muitas dificuldades de escrever. Eu vi isso muito na linguagem escrita e no comportamento, tanto que, por exemplo, para fazer a teleconsulta, eu tive uma reunião para a turma toda, para explicar os procedimentos. Mas assim, você vê defasagem mesmo. Conhecimento básico, conhecimento da parte de comunicação, tudo isso. Essa questão comportamental. Eu, por exemplo, quando era coordenadora do programa, eu introduzi, eu mesma dava, e a questão, conteúdo sobre letramento, porque é o uso da linguagem, principalmente na discussão dos cuidados, nas orientações é fundamental, principalmente que meu campo de atuação é com idosos (UCI 10).

Eu, em princípio, você faz um trabalho remoto, não é tão fácil. Não é tão fácil de adequar a linguagem, adequar material, tem uma série de questões. Então, eu realmente eu tive ajuda nesse sentido (UCI 10).

Em síntese, o que os resultados das classes 3 desvelam são contrastes importantes em relação ao livre e amplo acesso à internet, à qualidade dos equipamentos de que as pessoas dispõem e ao domínio das ferramentas, que atingiu fortemente os estudantes. Desvelam, também, dificuldades de comportamento no novo espaço (virtual) e comunicação escrita. Por outro lado, se evidencia a satisfação de docentes pelo acesso a eventos, configurando-se em novas oportunidades de participação.

DISCUSSÃO

Com a pandemia da Covid-19, o Ministério da Educação decretou a portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, que trata da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais no decorrer da pandemia. Diante disso, foi preciso uma movimentação por parte dos docentes, alunos e toda a rede de ensino para aderir à nova modalidade de aula. Com essa demanda, foram necessárias que as plataformas de ensino se aperfeiçoassem para atender essa demanda emergente.

Segundo Sunde, Julio e Nhaguaga (2020, p.5), durante a pandemia da Covid-19, em muitas escolas e universidades, públicas e privadas foi adotado o ensino remoto para garantir a continuidade das atividades letivas. Os alunos acompanhavam aulas regularmente com ajuda de computador, tablet ou telemóvel (telefones celulares) conectados por internet a partir de uma plataforma (Zoom, WhatsApp, Skype, Youtube, Google Meeting) em cumprimento do calendário estabelecido.

A modalidade de ensino *on-line* difere do ensino *off-line*. Em ambos, as instituições dependem das plataformas de ensino e do serviço de rede, porém caso ocorra uma pane, na modalidade *on-line*, automaticamente as aulas são suspensas. Além disso, os professores estão habituados à forma tradicional de ensino, o qual há proximidade física, com isso, não se pode considerar que as salas de aula virtuais sejam iguais as tradicionais (Xiao; Li, 2020, p.2).

Além disso, torna-se mais difícil motivar os alunos a desenvolverem atenção e interesse necessários para a aprendizagem num ambiente de sala de aula virtual. O acompanhamento do processo de aprendizagem de cada aluno se fragiliza, pois não é possível os professores observarem os alunos enquanto se relacionam entre si e com o professor. Pode ocorrer também, de alguns alunos deixarem de assistir as aulas para realizarem outras atividades como jogar, assistir a filmes e assim por diante (Xiao; Li, 2020, p.2). Logo, este acompanhamento também precisa ser reconfigurado para se adequar ao ambiente virtual, em razão do ensino remoto.

A participação nas aulas remotas exige que a pessoa (alunos e professores) tenha um aparelho tecnológico (celular, tablet ou notebook) e internet. Alguns alunos não tinham acesso à internet em suas residências, ou quando possuíam não era abrangente. Em algumas famílias os aparelhos tecnológicos eram de uso compartilhado com familiares. Outra questão diz respeito à necessidade de sustento ou complementação de renda da família, que implicou em

que estudantes tivessem que se inserir no mercado de trabalho. Tais situações geraram baixa adesão, pouca participação quando estavam *on-line* e trancamento de matrículas.

Em revisão sistemática da literatura que buscou avaliar os desafios do ensino remoto na pandemia de Covid-19, Sunde, Julio e Nhaguaga (2020, p.8) evidenciaram que alguns dos desafios importantes desta fase foram a falta de condições e recursos como computador, tablet ou telemóvel, internet com capacidades de suportar uma aula *on-line*, incluindo também as capacidades pessoais em manusear as novas tecnologias.

Conforme dados da pesquisa realizada pelo CETIC (2023), no Brasil 84% dos domicílios, cerca de 64 milhões de residências estão conectadas à rede de internet, cujos avanços têm sido observados nas pessoas da classe C; no entanto, o acesso ainda é desigual e restringe o desenvolvimento de habilidades digitais e o aproveitamento dos benefícios que a Internet oferece.

Tais dados da pesquisa CETIC (2023) que evidencia a desigualdade de acesso à rede mundial de computadores, em aliança com a pesquisa documental realizada por Cunha, Silva e Silva (2020, p.33), corroboram com a reflexão sobre a exclusão que o ensino remoto produz, e os autores ainda acrescentam os prejuízos causados na qualidade da educação pública e na desigualdade educacional. O estudo de Cunha, Silva e Silva (2020, p.35) sugere que a capacitação dos professores para o manuseio de tecnologias de comunicação e informação, o fornecimento de equipamentos aos estudantes que não têm condições de adquiri-los e a oferta de pacotes de internet aos estudantes são condições para minimizar a exclusão e diminuir os prejuízos de estudantes carentes.

Pesquisa realizada no Chile mostra que as lições oriundas do ensino remoto aplicado na Pandemia abrangeram questões instrumentais, tais como a aplicação de tecnologias digitais para atender aos conteúdos e à interação, inovações nas avaliações, mas uma das contribuições foi fazer com que os docentes desenvolvessem uma disposição empática para compreenderem as situações enfrentadas pelos alunos (Gonzales; Ponce; Fernández, 2023, p. 70).

Essa pesquisa do Chile não foi específica com docentes idosos, mas seus resultados tratam de experiências de ensino que perpassam as que os docentes idosos participantes da pesquisa tratada nesta dissertação vivenciaram. Mesmo diante das dificuldades relatadas, os professores idosos informaram que os alunos, em sua maioria, se mantiveram interessados nas aulas. Além do que a modalidade e os aparatos tecnológicos contribuíram para que os docentes ampliassem as oportunidades de participação em eventos por todo o país e fora dele.

Segundo Lima, Azevedo e Nascimento (2020, p.10), a modalidade de ensino remoto mostrou-se uma alternativa favorável para a realidade da pandemia, pois as tecnologias devem reverter a favor de quem usa e, sabendo lidar com elas, é possível que o conhecimento alcance muitos estudantes.

O ensino remoto torna o uso de plataformas disponíveis e abertas para outros fins, não somente voltadas para educação, assim como, insere ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. Portanto, sabe-se que o ensino remoto tem suas potencialidades e desafios, e com estes, estão inseridas pessoas, tecnologias, expertise e infraestrutura (Garcia *et al.*, 2020, p.5).

Desse modo, letramentos digitais são necessários para que bons usos dos recursos sejam feitos a favor da educação em todos os níveis, e o conceito deve ser compreendido no plural, pois cada plataforma, aplicativo, redes impõe formas diferenciadas de comunicação, leitura e escrita. O processo ensino-aprendizagem viabilizado por recursos digitais exige o desenvolvimento de novas mentalidades e atitudes, pensamentos e ações inovadores que abrangem técnicas, éticas e práticas, compreensão de novas linguagens e formação de novos tipos de leitores (Bernardes; Guerra Junior 2022, p. 152).

Os problemas enfrentados pelos docentes idosos desta pesquisa se assemelham aos que os docentes da educação básica da rede pública de ensino também enfrentaram de uma forma geral. Frente à pandemia da Covid-19, houve uma migração direta do ensino presencial para o virtual, sem que houvesse suporte técnico e planejamento prévio para que a nova modalidade ocorresse. Sendo assim, a precariedade de acesso dos alunos ao ambiente virtual, a sobrecarga de trabalho aliada à necessidade de desenvolver novas habilidades docentes se fez sentir nesta nova realidade de espaço laboral de ensino-aprendizagem trazida pelo ensino remoto (Oliveira; Pereira-Junior, 2020, 729-733).

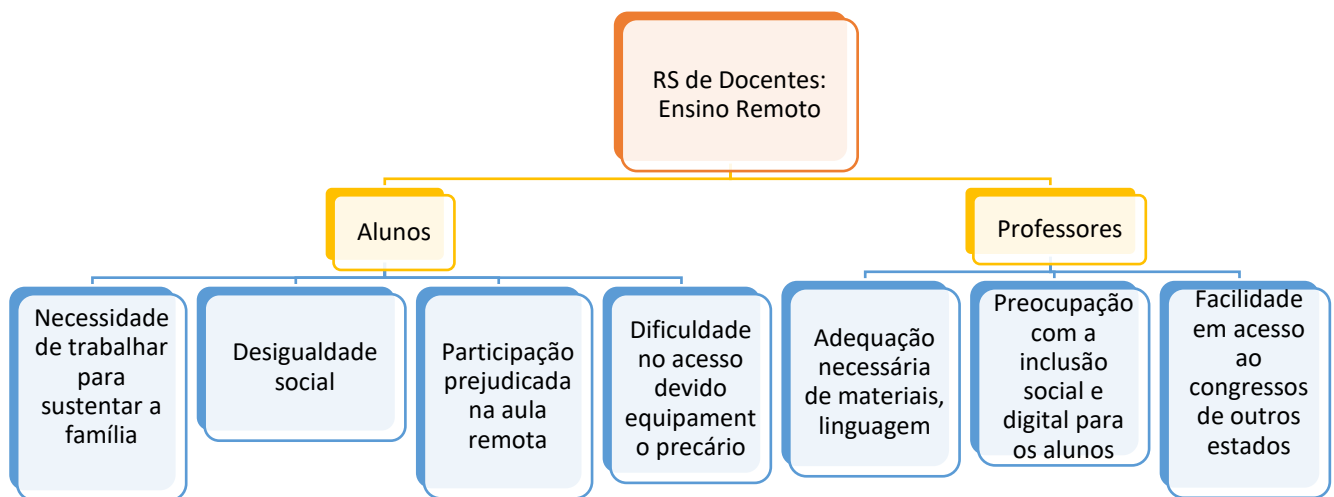
A mudança brusca de modalidade de prática laboral, aliada ao manuseio de novos equipamentos e domínio de aparatos antes não utilizados, surge, em seu conjunto, como uma novidade a ser significada, de modo que os docentes precisam passar por um processo de transformação de saberes daquilo que antes lhe era familiar - no espaço laboral da sala de aula física e da relação face a face com o estudante - para aprenderem a lidar com um espaço não-familiar, que exige novas aprendizagem e significações, para que possa exercer suas práticas docentes incorporadas nesse novo cotidiano.

Este seria, pois, o campo fértil para a formação/construção de representações sociais de docentes sobre o trabalho remoto na pandemia de Covid-19, pois se identifica o

empreendimento dos docentes na (re)construção do real, para guiá-los nas suas interpretações e organizações da nova realidade (Moscovici, 2015, p.46; Félix *et al.*, 2016, p.199). Como saber prático, as representações sociais orientam as decisões das pessoas e grupos sociais, justificando suas tomadas de posição frente ao objeto/fenômeno (Jodelet, 2001, p.17).

Com base nos resultados da Classe 3 identificam-se elementos que se articulam nas representações dos docentes idosos sobre o ensino remoto, que inclui no objeto representado os seus partícipes - docentes e estudantes - e seus contextos (pessoa-social-familiar), que servirão de base para a compreensão do que emergiu nas Classes lexicais a serem abordadas nos próximos capítulos.

Figura 7- Esquema sobre a articulação dos elementos “alunos” e “professores” nas representações sociais dos docentes idosos sobre o ensino remoto.



Fonte: a autora, 2024.

CAPÍTULO VII

RECONFIGURAÇÃO DAS ROTINAS DE VIDA E DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA

Este capítulo aborda o conteúdo das classes lexicais 1 e 2, que versam sobre como a pandemia do Coronavírus impactou na rotina das pessoas, em especial, dos docentes participantes desta pesquisa. Foi observado que trabalhadores de todas as áreas precisaram se readaptar e reorganizar sua vida pessoal e associá-la a vida profissional, uma vez que a pandemia gerou a necessidade do distanciamento social sem que as empresas, escolas, indústrias suspendessem suas atividades.

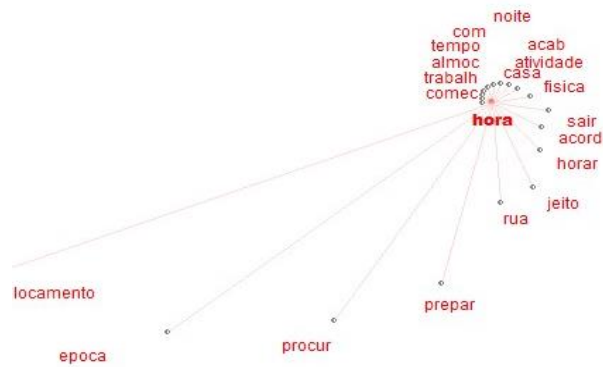
As classes lexicais 1 e 2 retratam a rotina dos professores e como associavam o cuidado com sua saúde, demonstrando a dinâmica de dar aula remota. Para a compreensão dessas classes, analisou-se a lista de UCEs a ela pertencentes, para apreensão dos contextos em que os léxicos se inseriram, considerando a relação entre essas palavras expressas por meio da classificação hierárquica descendente e ascendente.

OS DESAFIOS PARA ADEQUAÇÃO A UMA NOVA ROTINA DE VIDA DIANTE DA PANDEMIA

A Classe 1 tem 18% do total das UCEs que compõem o corpus de análise e é constituída de 119 formas reduzidas de palavras plenas encontradas. A análise dos léxicos associados à classe 1 evidenciou que as UCIs tratam da rotina dos docentes durante a pandemia para readequar seu novo modelo de trabalho, com isso alguns apresentam palavras que expressam conforto, agilidade e prazer de estar em casa e trabalhando ao mesmo tempo, enquanto outros referem problemas de saúde devido a quebra de rotina e por passarem a maior parte do tempo em uma mesma posição, por exemplo.

O léxico de maior associação a esta classe é “hora”, com Phi 0,37, e a rede de associação pode ser vista na Figura 8.

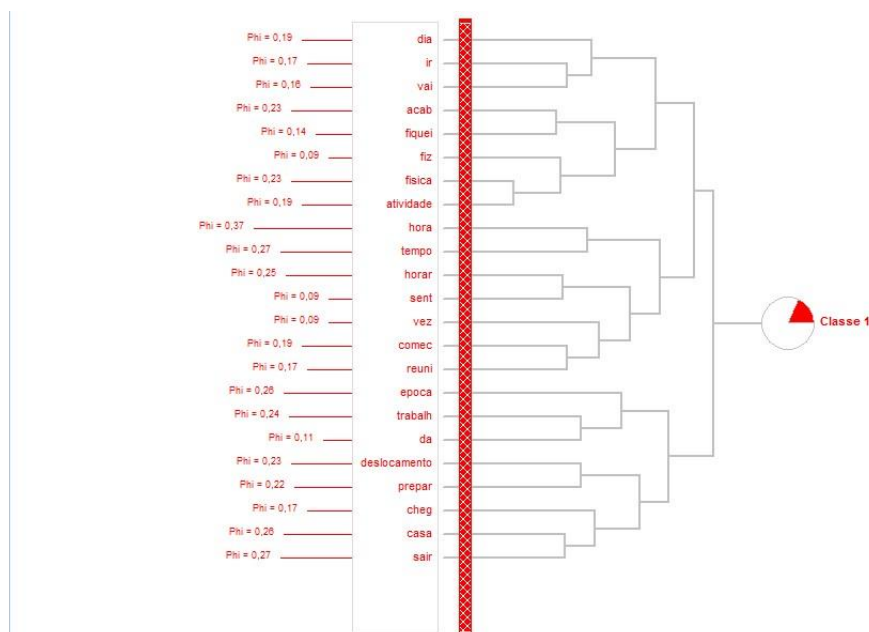
Figura 8 – Rede da forma “hora” da classe 1.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

Na Figura 9 a Classificação Hierárquica Ascendente mostra as relações que os léxicos estabelecem entre si, cujos sentidos se expressam nas unidades de contexto de elementar representativas desta classe.

Figura 9- Classificação Hierárquica Ascendente.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

UNIDADES DE CONTEXTO ELEMENTAR REPRESENTATIVAS DA CLASSE 1

A pandemia e o deslocamento da sala de aula institucional para o ambiente residencial, em *home office*, implicou em uma importante readequação da rotina dos professores na pandemia, com muitas horas seguidas de trabalho e de tela.

E aí a gente está em casa, a gente não perde tempo também, então, toda hora vai tomar café, levanta, dava hora para levantar e normalmente as reuniões começavam as nove (UCI 13).

Então a gente hoje juntou tudo, mas eu fiquei muito tempo no computador, fica ruim. Computador, praticamente o dia inteiro, era uma reunião que acabava, outra reunião que começava, uma aí já estava na hora da aula, e aí vinham outras reuniões, foi super muito preenchido (UCI 13).

Literalmente trabalhando, às vezes era sete horas da manhã, muitas vezes praticamente, sempre sete horas da manhã, estava sentada aqui na frente do computador trabalhando, e ia, na hora do almoço, fiz muitas vezes, ia comendo, fechava a câmera e a gente continuava trabalhando (UCI 7).

Eu tinha reunião que era às oito horas também, então você já estava na frente da tela, sem pegar trânsito. E aí e, chega próximo da hora do almoço, você acaba de almoçar e já tem outra reunião (UCI 15).

A readequação da rotina gerou sobrecarga de trabalho e reordenou os hábitos diários de autocuidado, em especial com a alimentação e atividades físicas. Nesse sentido, a saúde física e mental durante e após a pandemia são aspectos a serem considerados em relação à saúde ocupacional dos docentes, mormente pelo fato de serem pessoas idosas.

(No presencial) *O dia todo sobe e desce escada, vai pra um lugar, vai pro outro, come nas horas que tem que comer. No ensino remoto toda hora você vai à cozinha, come uma coisa fora do tempo, não faz atividade física direito, não tem uma rotina (UCI 14).*

Olha, eu não fiz absolutamente nada de atividade física. Eu só saía da cadeira para comer e beber água, um horror, mas assim que permitiu sair na rua eu voltei a fazer minhas atividades (UCI 14).

Eu parei de fazer a minha caminhada, eu tinha dores de coluna, eu acabei tendo um comprometimento de panturrilha, tive encurtamento de panturrilha, eu fiquei quase sem andar, porque eu ficava sentada, não conseguia andar (UCI 7).

Às vezes dez horas da noite e eu trabalhando, marcando reuniões de orientação dos meus alunos, oito, nove horas da noite, porque eles tinham outras atividades, então isso fez com que houvesse um desgaste físico. E também um pouco de desgaste mental porque você fica ali, é o tempo todo (UCI 10).

Quanto à minha saúde, eu não deixei de caminhar, eu caminhava, tinha hora para caminhar. Essa era a minha rotina, caminhava todos os dias depois das cinco da tarde, e ai, depois, quando acabou a pandemia, ai eu fiquei completamente paralisada no ano de dois mil e vinte e dois, sem nenhuma atividade física (UCI 13).

Dentre os desafios com a tecnologia, os docentes idosos precisaram lidar com novos planejamentos frente ao reordenamento de horários para fazer frente à nova realidade laboral que estavam vivenciando.

O planejamento de horário não é o mesmo quando em sala de aula, como eu me empolgo começo a fazer e esqueço de comer, eu esqueci de tudo eu sento ali e vou, porque se eu parar parece que vou perder o foco vou perder a motivação então eu vou (UCI 6).

Eu não fiz planejamento de horário. Ficava focada naquilo ali até terminar, já virei noite fazendo, se a internet estava legal, estava boa e eu estava conseguindo entender o que eu queria fazer o que eu queria preparar, eu ia direto (UCI 6).

Porque ainda dá para aprender bastante coisa. Ah sim, com certeza, servem para hoje e está facilitando o trabalho. Eu ainda queria aprender mais e mais. Ainda bem que a gente estava na pandemia, tinha o dia inteiro em casa, porque às vezes vou preparar uma aula, levava um

dia inteiro, às vezes eu virava uma parte da noite pesquisando, porque eu só sei trabalhar com livros (UCI 6).

Observa-se nos resultados uma dialética na nova modalidade de ministrar aulas, com aspectos positivos e negativos. Por um lado trabalhar por meio remoto faz com que os professores economizem tempo no deslocamento, por outro, o confinamento não era um estado desejado.

Então eu às vezes ficava na cama e pensava quando é que a gente vai voltar para aquele mundo de engarrafamento de levar duas horas até o trabalho. Será que a gente acostuma com esse de sempre de novo. Mas ao mesmo tempo a gente não estava querendo ficar daquele jeito. Foi também, gradativamente, as coisas foram acontecendo (UCI 13).

A economia de tempo se apresenta com duas faces, pois o que sobra do deslocamento não ocorrido reverte em mais horas de trabalho.

Porque você gastava um tempo muito maior em função do trabalho, que você tinha que se preparar para chegar ao trabalho, depois de sair do trabalho e chegar em casa. É uma crítica que eu faço, e que ainda vivo com isso, eu já não ocupo um tempo para poder me arrumar, pra me maquiar, procurar uma roupa, um sapato, sair, e pegar metrô, então, esse tempo que eu usava para isso, nós usamos pra quê? Literalmente trabalhando (UCI 7).

Os docentes também indicaram que para os alunos, o ensino remoto trouxe algumas vantagens, como a possibilidade de estudar em horários e locais que não são os normativos do ensino presencial, além de possibilitar economia financeira no deslocamento aumentando a possibilidade de que mais alunos pudessem ser inseridos nas instituições de ensino.

Então que são umas horas que ele pode se dedicar, de onde ele estiver, seja no ônibus, seja na hora que ele chegou em casa, que ele já está mesmo assim, um pouquinho cansado, mas ele vai lá na casa dele, ele toma aquele banho (UCI 9).

Custo altíssimo para ir e vir pra faculdade, então acho que o ensino remoto pode ser bom por esse lado, que podemos inserir muito mais alunos na universidade. O mal é você não ter uma

rotina adequada, você come demais, engorda demais, muda seus hábitos, porque no dia a dia, é aquela correria de acordar, se arrumar correndo, tomar o café, às vezes até no carro, e ai vai pro trabalho (UCI 14).

No entanto, consideram que os alunos precisam se readaptar ao ensino presencial pós-pandemia, com a disciplina que o espaço físico da sala de aula exige.

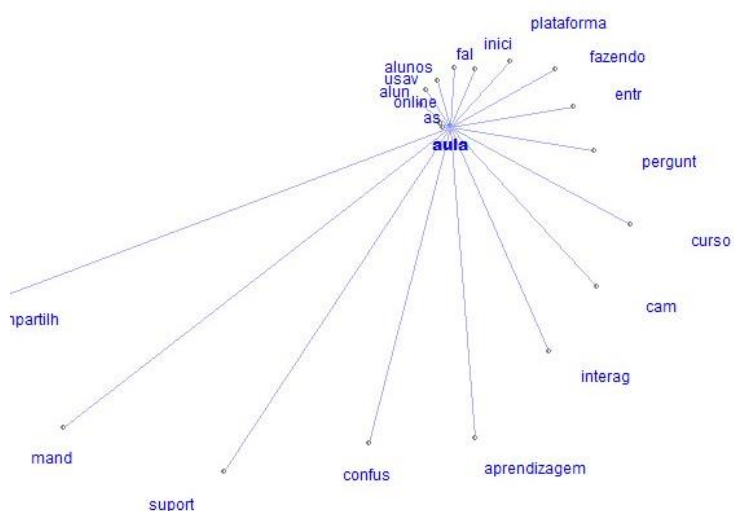
Eles [os alunos] estão reaprendendo a viver em sociedade, eles não conseguem ficar tantas horas sentado no mesmo lugar porque em casa estava com sofá, cama, sentavam de qualquer jeito, agora, tem que passar cinco horas sentado bonitinho, tudo está muito mais difícil (UCI nº 6).

AS INTERFERÊNCIAS VIVENCIADAS PELOS DOCENTES NA PANDEMIA

A Classe 2 tem 42% do total das UCEs que constitui o corpus de análise, tornando-se a classe mais densa. É constituída de 135 formas reduzidas de palavras plenas encontradas. A análise dos léxicos associados à classe 2 evidenciou que as UCIs demonstram os mecanismos utilizados tanto pelos professores quanto pelos alunos para terem comunicação e troca de informações diante do novo modelo de aula, então é visto palavras como microfone, chamadas *on-line*, janelas abertas, internet lenta, pois foram fatores que interferiram diretamente no cotidiano.

O léxico de maior associação a esta classe é “aula”, com Phi 0,32, e a rede de associação pode ser vista na Figura 10.

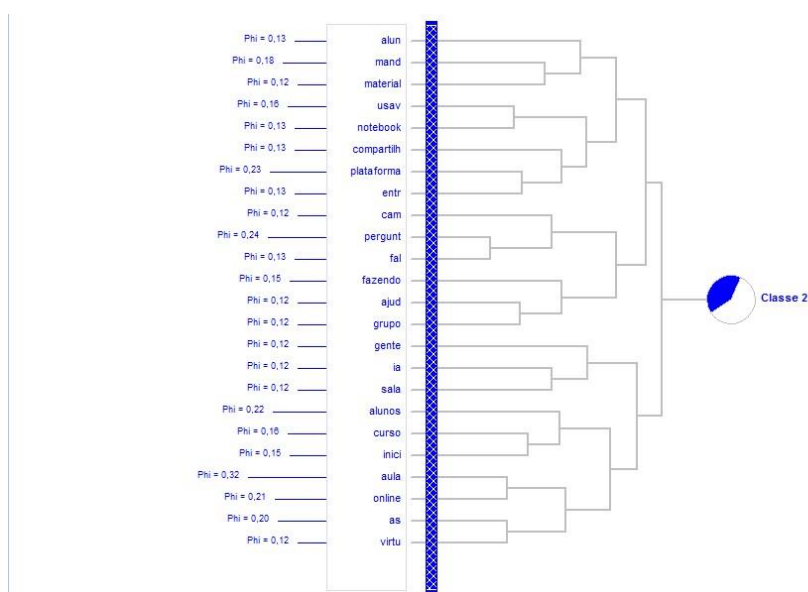
Figura 10 – Rede da forma “aula” da classe 2.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

Na Figura 11 a Classificação Hierárquica Ascendente mostra as relações que os léxicos estabelecem entre si, cujos sentidos se expressam nas unidades de contexto de elementar representativas desta classe.

Figura 11 – Classificação Hierárquica Ascendente Classe 2.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

UNIDADES DE CONTEXTO ELEMENTAR REPRESENTATIVAS DA CLASSE 2

Alguns dos desafios relatados pelos professores para ministrar aulas remotas dizem respeito à vida privada do estudante, que veio à tona na sala de aula remota, pois a inabilidade com os microfones trazia para a aula parte do que ocorria nas suas casas. Outros comunicam dificuldades e inabilidades de todos, estudantes e professores, com as ferramentas da plataforma, necessitando de aprendizagem para um melhor manuseio e aproveitamento das aulas.

Volta e meia, um esquecia o microfone aberto, então era criança chorando, cachorro latindo, isso e, isso fazia parte das intercorrências, o microfone aberto. Fora isso, os alunos tiveram excelentes rendimentos porque prestavam atenção, se o microfone estivesse aberto, eu pedia, por favor, para fechá-lo, e eles obedeciam, e prestavam atenção e interagiam na sala de aula (UCI 11).

No início foi tudo muito confuso, os alunos não achavam as salas de aula corretas, não conseguiam conexão e aí atrasavam as aulas, uma experiência não muito boa. Tiveram alguns cursos on-line e enviavam uns materiais também pra nos ajudar, isso aí não tive o que reclamar porque deram o suporte pra gente (UCI 14).

Os avisos ficavam lá, mas não era eu que colocava, era a professora coordenadora da disciplina, porque eu, só sabia entrar e olhar. Na plataforma jitsi eu aprendi rápido, no sentido de entrar, de compartilhar a tela. Colocar na tela cheia, no início eu tinha dificuldade (UCI 8).

Porque às vezes a imagem fica ruim. Pra mim foi um susto, mas hoje olho com bons olhos. Eu me reinventei. E as aulas on-line como eu disse preciso ficar atenta, porque se tiver algum aluno fazendo exercício errado eu preciso chamar atenção (UCI 3).

Verdadeiramente assim as aulas, tinha uma pessoa do departamento de informática da escola que estava nas primeiras aulas para se a gente tivesse alguma dificuldade para mexer no equipamento, dificuldade, eles davam aquele suporte até a gente aprender (UCI 9).

Frente às adversidades, reinventar-se foi a estratégia aplicada para cumprir com as atividades laborais durante a pandemia. Esta “reinvenção” foi feita com a ajuda de colegas e com o aprendizado concomitante ao trabalho.

Quem era mais descolado falava, sabe aonde que eu entro, como é que eu vou compartilhar aqui, como é que eu ligo isso ai. Foi no desenvolvimento e até que a gente pegou, mas o ambiente virtual de aprendizagem, especificamente, não sei se você conhece esta plataforma, ele é bom, mas ele é meio complicado, eu não dava aula neste ambiente (UCI 13).

Teve muito pouco apoio psicológico da instituição. E às vezes faz falta, tem sempre alguém na escola para dar uma ajuda para dar um apoio, a gente aqui tem um psicólogo, ai a gente corre pra ele, manda o aluno que está dando problemas, de conversar com o aluno (UCI 6).

Nós tínhamos grupos pelo WhatsApp, mas também como somos de departamentos, então nas reuniões um ajudava o outro, tentávamos fazer as aulas em dupla que uma ficava interagindo com a turma, fazendo perguntas no chat e outra apresentando a aula (UCI 14).

Eu dou muita palestra, inclusive era toda ela presencial, eu sempre tenho que viajar para colégio, então era viagem praticamente todo mês. Na pandemia eu dei muita palestra também, mas tudo on-line. Que cada um era uma ferramenta, diferente, então a gente ia aprendendo mesmo (UCI 15).

As preocupações com o aproveitamento das aulas e das provas por parte dos alunos e a detecção de que estar com o login ativo e estar *on-line* não significava estar presente nas aulas.

Que existiam alguns temas que era necessário que tivessem todos os alunos assistindo as aulas presenciais. E, inclusive, as provas, que isso aí foi um pouco o que demandou um pouco de tempo para a gente, porque nós tivemos que fazer, dividir a turma, geralmente em dois grupos e fazer duas provas presenciais (UCI 9).

Alguns não, alguns pareciam on-line mesmo, e havia aulas que a coordenadoras não aceitava que fosse só a carinha. A gente tem que estar on-line, mostrando a carinha, o movimento de

cada um de vocês [referindo-se aos estudantes de pós-graduação] exigia nas aulas que fosse assim, mais a frente, no ensino remoto, que ela observou que o pessoal, o aluno, não estava presente, só tem o rosto (UCI 9).

As provas, que isso aí foi um pouco o que demandou um pouco de tempo para a gente, porque nós tivemos que fazer, dividir a turma, geralmente em dois grupos e fazer duas provas presenciais. Tivemos uma prova presencial com a matéria que foi abordada com tantas perguntas e para outra turma, até em função do sigilo que eles iam falar mesmo por outro, existiam as mesmas perguntas, que existiam as perguntas sobre os mesmos temas, mas formulado de uma outra forma, com respostas próximas, mas não idênticas. Deu um pouquinho de trabalho sim, e se tornou um pouco mais cansativo (UCI 9).

Em síntese, o que os resultados das classes 1e 2 mostram é uma readequação da rotina dos professores idosos na pandemia, com mais horas de trabalho com todo o dia preenchido com atividades laborais, pois as horas que sobravam pelo não deslocamento da casa para a instituição de ensino foram ocupadas com o trabalho. O que em princípio foi interpretado como positivo, ou seja, não enfrentar engarrafamentos, não investir tanto tempo no deslocamento casa-trabalho e em se arrumar para sair, resultou em sobrecarga laboral. Um aspecto positivo destacado foi o fato da ampliação da inclusão de estudantes, em razão da economia com os altos custos de gastos com deslocamento da casa para as instituições de ensino.

A perda da rotina implicou em mais consumo de alimentos e aumento de peso, além de sedentarismo e comprometimento da saúde mental. E os desafios trazidos pela tecnologia neste novo espaço de sala da aula foram os microfones abertos, as interferências externas da residência do aluno, os atrasados em razão da conexão, o não domínio do espaço virtual por professores e estudante com a demora em encontrar a sala e as ausências efetivas dos estudantes nas aulas, apesar de registrarem presenças por meio do login.

Para enfrentar tais desafios, foi necessário investir na aprendizagem das funcionalidades da plataforma, o que foi traduzido como um processo de se “reinventar” enquanto professor no decurso do desenvolvimento do trabalho, com a criação de grupos em aplicativos de mensagens (WhatsApp) para o desenvolvimento do trabalho colaborativo e formação de duplas para ministrar as aulas, com um professor apoiando o outro no

gerenciamento dos processos. O pouco apoio psicológico por parte das instituições também foi destaque no conjunto dos desafios a se enfrentar.

DISCUSSÃO

Para controlar a pandemia de Covid-19, foram adotadas medidas de distanciamento social, com circulação restrita das pessoas, fechamento de escritórios, comércio, escolas e faculdades, e como alternativa para continuar com as atividades laborais, iniciou-se o trabalho remoto (Araújo; Lua, 2021, p.4). O que se viu foi uma readaptação da rotina de trabalho, tanto para os profissionais que permaneceram de forma presencial quanto para os que iniciaram com o teletrabalho (Modesto, Souza e Rodrigues, 2020, p.378).

Aos que seguiram na forma presencial, havia o medo de contágio, porém também tinham receio do desemprego e tentaram seguir com a sua rotina, considerada “normal”. Os que trabalharam à distância apresentaram grande dificuldade de adaptação, em que o profissional precisou alterar a organização e a rotina de sua casa, que antes entendida como local de restauração e descanso passou a ser seu novo espaço de trabalho, além das dificuldades para equilibrar com as demandas domésticas (Modesto, Souza e Rodrigues, 2020, p.378). Serviços administrativos e escolares foram os que mais aderiram a essa modalidade de trabalho (Araújo; Lua, 2021, p.4).

O encerramento das atividades envolveu escolas, universidades e muitas outras instituições educativas. Com isto, exigiu-se que todos os níveis de organização de ensino trabalhassem de forma remota emergencial (Bozkurt; Sharma, 2020, p.1).

Desde o início da pandemia foi preciso que as pessoas readequassem suas vidas e vivenciassem mudanças bruscas e significativas no cotidiano. A economia de tempo gasto para se preparar e se deslocar para os espaços de trabalho presencial foi investida no próprio trabalho, o que alterou de forma profunda a rotina dos professores idosos. Em relação a comportamentos de saúde, se observa que o cuidado com o estilo de vida é uma recomendação para manter e promover a saúde de pessoas idosas, sendo os exercícios físicos, a alimentação adequada, o descanso e o lazer importantes pilares a serem resguardados (Oliveira; Pinheiro, 2023, p.3120). Justamente tais cuidados foram comprometidos com a reclusão em domicílio e a implantação do trabalho remoto, sendo esta uma das faces negativas dessa fase, à luz das representações dos professores idosos.

Pesquisa realizada sobre comportamento sedentário na pandemia de Covid-19, com adultos e pessoas idosas de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, teve participação de 1.907 pessoas e evidenciou o excesso de uso de telas por 86,7% dos participantes em geral, sendo que as pessoas idosas apresentaram menor frequência de tempo de tela, mas com maior proporção de tempo sentado (Ferreira *et al.*, 2021, p.2). Essa pesquisa não foi feita especificamente com docentes em ensino remoto, não tendo a sua citação a pretensão de estabelecer comparações com os resultados da pesquisa objeto desta dissertação; não obstante, aponta para a tendência de sedentarismo de pessoas idosas na pandemia e da permanência de longo tempo sentado, comportamento este próprio de quem trabalha por muitas horas em computadores, o que indica baixa carga de atividades físicas neste período de reclusão em domicílio.

Uma pesquisa realizada com 1.115 professores holandeses de todos os níveis de ensino, com maioria de participantes do sexo feminino (76,7%), e idade entre 19 e 69 anos (média de 43 anos), também indicou comprometimento da vida pessoal com o trabalho remoto e destacou a necessidade de equilíbrio entre o mundo do trabalho e o privado, em relação às horas trabalhadas, melhores instalações para o trabalho em casa e a conciliação com as demais responsabilidades e o autocuidado (Klusmann, *et al.*, 2022, p. 5). No Brasil, uma pesquisa com 17 docentes de uma universidade pública mostrou que as modificações na rotina do trabalho implicaram na dificuldade de limitar as horas de trabalho e de descanso (Matias *et al.*, 2023, p. 545).

O impacto na saúde mental e a necessidade de apoio psicológico emergiram no conjunto das preocupações dos docentes idosos. Epidemias sempre geram grande impacto na saúde mental e no caso da Covid-19, a falta de pausas e descansos ocorrida no trabalho remoto é apontada como um dos fatores para este comprometimento (Lima, 2020, p.10). A rotina equilibrada entre a atenção a si, ao trabalho e à família, bem como a manutenção de atividades físicas, desde que resguardados os cuidados afeitos à prevenção da infecção, são medidas recomendadas para manter a boa saúde mental (Lima, 2020, p.3). Observa-se nos resultados desta pesquisa com os docentes idosos em ensino remoto que, justamente, a rotina diária, o excesso de trabalho e o sedentarismo foram aspectos se ressaltaram como negativos em seu cotidiano.

Além das adaptações no dia a dia, reorganizações de ordem estrutural relativas à reconfiguração do trabalho docente demandaram aprendizagens de novas habilidades para lidarem com as tecnologias que o trabalho remoto exige (Candido; Bittencourt; Assunção,

2022, p. 567). A readequação e reinvenção didática para ministrar as aulas implicaram em necessárias mudanças no cotidiano doméstico, pois uma vez que a aula se tornou virtual, alterou-se também a rotina pessoal. Além disso, muitos informaram sobre a necessidade de aprenderem a manusear e acessar as plataformas tecnológicas para aderirem à nova modalidade e depararam-se com problemas de conexão, alunos sem possibilidade de acesso, dificuldades de se comunicar devido a ruídos externos, entre outros.

Em consonância com os problemas que os docentes idosos vivenciaram, os professores russos que atuaram no ensino remoto também indicaram que a falta de preparo para lidar com as tecnologias digitais, de recursos e de tempo para se preparar foram os principais desafios a enfrentar no ensino remoto emergencial exigido na recente pandemia (Klusmann *et al.*, 2022, p.2).

Mas não somente os professores tiveram dificuldades, como também os estudantes, e isto implicava em interferências de diversas ordens, principalmente por conta dos microfones abertos e os atrasos no início das atividades. O trabalho docente por si gera muitas demandas (Candido; Bittencourt; Assunção, 2022, p.580) e quando o docente se vê numa situação em que precisa reaprender seu ofício frente a tecnologias as quais não domina depois de anos de trabalho, e ainda em um contexto adverso como o de uma pandemia, as emoções afloram. Primeiro vem o susto, depois a aceitação e a reinvenção, como visto na UCE extraída da UCI 23.

Representações sociais são quase tangíveis, circulam por meio da fala, gestos e encontros e impregnam-se no universo cotidiano, correspondendo à substância simbólica que entra na sua elaboração e à prática que produz tal substância (Moscovici, 2012, p.39). São saberes práticos que se organizam e se constroem frente às novidades que se apresentam no cotidiano, mobilizam afetos e influenciam comportamentos. Tal construção ocorre pelos processos de ancoragem, que assimila a novidade no sistema de pensamento já existente, e pela objetivação, que ao acolher tal novidade a integra nas ações cotidianas (Jodelet, 2018, p.437).

Observa-se que na pandemia de Covid-9, os docentes se depararam com a novidade de um novo modo de trabalhar, em novos espaços e por meio de ferramentas que eles já conheciam, os computadores, mas não com este equipamento funcionando como sala de aula. Isto demandou um empreendimento de transformação de seus saberes sobre como ministrar uma aula em um espaço não físico para estudantes que nem sempre estão visíveis aos seus olhos. Habitados a estarem em salas de aula física, tiveram que se transportar para o meio

virtual e lidar com esta nova situação, que se apresentou como uma novidade que demandou novas formas de atuação e de como se comportar neste novo espaço.

O deslocamento da sala física para a virtual exigiu dos professores nas atividades remotas uma atenção diferenciada, com preocupações que antes não tinham: acostumarem-se com a participação dos alunos somente por meio da voz, já que muitos não abriam as câmeras, o que requeria um novo aprendizado sobre a presença a partir do sentido da audição e não da visão; verificar os problemas de conectividade; e a adequar as propostas das aulas aos recursos disponíveis na plataforma utilizada pela instituição.

O trabalho docente não se limita à sala de aula e convém também destacar que além das novas demandas se somaram aquelas já existentes no escopo do trabalho do professor, em especial quando docentes atuam no ensino superior, que incluem a avaliação de aprendizagem, a liderança de grupos de pesquisa, orientações de trabalhos acadêmicos, coordenação de projetos de extensão, dentre outras (Araújo *et al.*, 2021, p.5).

A questão de o ensino remoto possibilitar maior inclusão de estudantes foi destacada, no contexto da economia de gastos com os deslocamentos. Observa-se, no entanto, segundo a UNESCO (2022), que o fechamento das escolas acarreta altos custos sociais e econômicos para toda a população em diferentes esferas. O impacto maior é particularmente grave para os estudantes mais vulneráveis e marginalizados, assim como para suas famílias. Um dos aspectos a se considerar como diretamente afetado é a aprendizagem interrompida, pois o ensino escolar fornece aprendizagem essencial e no momento que as escolas fecharam, os estudantes perderam a oportunidades de crescimento e desenvolvimento. As desvantagens são desproporcionais para os estudantes menos privilegiados, pois tendem a ter menos oportunidades educacionais além da escola.

No Brasil, grande parte das escolas públicas esteve fechada durante quase todo o ano letivo em 2020 e reabriram somente em 2021, ao contrário das escolas privadas que reabriram em setembro/outubro de 2020, o que mostra as desigualdades de acesso para os alunos (Bartholo *et al.*, 2023, p. 3).

Estudantes de escolas públicas, do ensino fundamental ao superior, sentiram muito mais o impacto da mudança repentina das aulas, seja por falta de equipamentos tecnológicos e acesso à internet em sua residência, assim como dificuldade para manusear os aplicativos de aula remota. Um aspecto preocupante é o maior impacto da pandemia nos estudantes considerados vulneráveis e marginalizados, que podem ficar mais ainda atrasados (Dias; Ramos, 2022, p.862). Um dos temas importantes que a sociologia da Educação discute é a

relação entre o nível socioeconômico dos alunos e o sucesso escolar, pois o núcleo social tem um significado importante no desempenho dos alunos.

Sobre os diversos desafios apontados pelos docentes idosos, os resultados até aqui apresentados se coadunam com o de uma pesquisa realizada com docentes de instituição de ensino superior da região sul do Brasil que, apesar de não ser uma pesquisa voltada para o grupo de docentes idosos, também indicou desafios assemelhados aos dos participantes idosos em relação ao processo de ensino aprendizagem, a demanda por aprender novas tecnologias digitais e os impactos na saúde mental dos docentes (Winters *et al.*, 2023, p.5).

Vencer o medo e a insegurança para aprenderem a lidar com as tecnologias permearam as experiências dos docentes no ensino remoto e a interferência na vida privada e nos contornos entre trabalho e lazer foram elementos presentes nas experiências dos docentes do sul, como também dos docentes idosos participantes desta pesquisa inseridos no ensino remoto.

As dificuldades com o uso e manejo de equipamentos e plataformas digitais de ensino remoto foram sentidas por diferentes grupos de docentes, sentimentos como medo, angústia e incertezas em relação a como seria realizar o trabalho docente por meio remoto também os acompanharam nesta jornada de familiarização e readequação do trabalho (Branco; Souza; Arinelli, 2022, p.324).

Sobre o fenômeno do medo Jodelet (2017, p.453) o “medo do desconhecido” é um tipo específico que se apodera das pessoas em tempos de crise. Como um estado afetivo, o medo estrutura a resposta para que a pessoa se adapte às situações, que, em sendo racional, permite as reações às situações que se apresentam como novas (Jodelet, 2017, p.455).

Frente às novas situações a serem enfrentadas, as estratégias acionadas para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade, que cumprisse com o propósito do ensino-aprendizagem também precisaram ser reformuladas, já que o espaço do ensino mudou. A verificação da efetiva presença do estudante no meio virtual, o preparo de diferentes provas e a divisão das turmas para a sua aplicação presencial frente às medidas preventivas da infecção, o fortalecimento da solidariedade entre os professores foram destacados.

As dúvidas e incertezas em relação ao contexto e à nova modalidade de ensino mobilizou os afetos/emoções dos docentes na produção de sentidos sobre o trabalho remoto com acionamento de conhecimentos prévios, normas, valores, ideologias e sistemas de crenças que se partilham socialmente. Vê-se, assim, o papel que a emoção ocupa no trabalho

cognitivo na mobilização de saberes sociais para reinterpretar o mundo e nas transações (acordos, práticas) com o meio (Jodelet, 2017, p.456).

A qualidade do ensino remoto figura nas percepções de docentes, a exemplo da pesquisa de Matias *et al.* (2023, p. 543) e de Sousa, Ens e Oswald (2023, p.12-13). Nesta última, 58 professoras e coordenadoras pedagógicas do curso de mestrado de uma universidade da cidade de São Paulo manifestaram suas preocupações em relação à aprendizagem de educandos em razão dos diferentes perfis de desigualdade de idade, currículo, estratégias de ensino e acesso à internet.

Não obstante, o senso de empatia e solidariedade para com outros docentes também se fez sentir neste enfrentamento. A gestão escolar e a relação com os colegas de trabalho foram temas que emergiram das necessidades dos professores holandeses em trabalho remoto na pandemia, com mais orientações por parte das instituições em relação ao próprio processo de trabalho nesta nova modalidade e a preocupação com colegas que precisam de ajuda e apoio, num trabalho mais colaborativo (Klusmann *et al.*, 2022, p.3).

As dificuldades com as tecnologias e a sua representação como desafio permeia o conjunto de resultados desta e de outras pesquisas realizadas na pandemia sobre o tema. A pandemia trouxe à tona, com mais força, a tensa relação entre o trabalho laboral de professores idosos e as tecnologias de ensino remoto.

Para corroborar com esta afirmação, uma pesquisa realizada nas Filipinas sobre notícias veiculadas em vídeos envolvendo professores idosos e aprendizagem *on-line* de emergência implantada na pandemia de Covid-19 mostrou que os professores se empenharam para se adaptar a este tipo de ensino, determinando-se na aprendizagem do manuseio das ferramentas e no atendimento às expectativas. Os autores indicam que, nas Filipinas, os professores idosos representam um dos desafios a serem enfrentados pela administração escolar e o governo. Tais professores necessitam de mais atenção em favor de alcance e melhora de competências técnicas e confiança para atuar no ensino remoto (Samifanni; Gumanit, 2021, p.107-108).

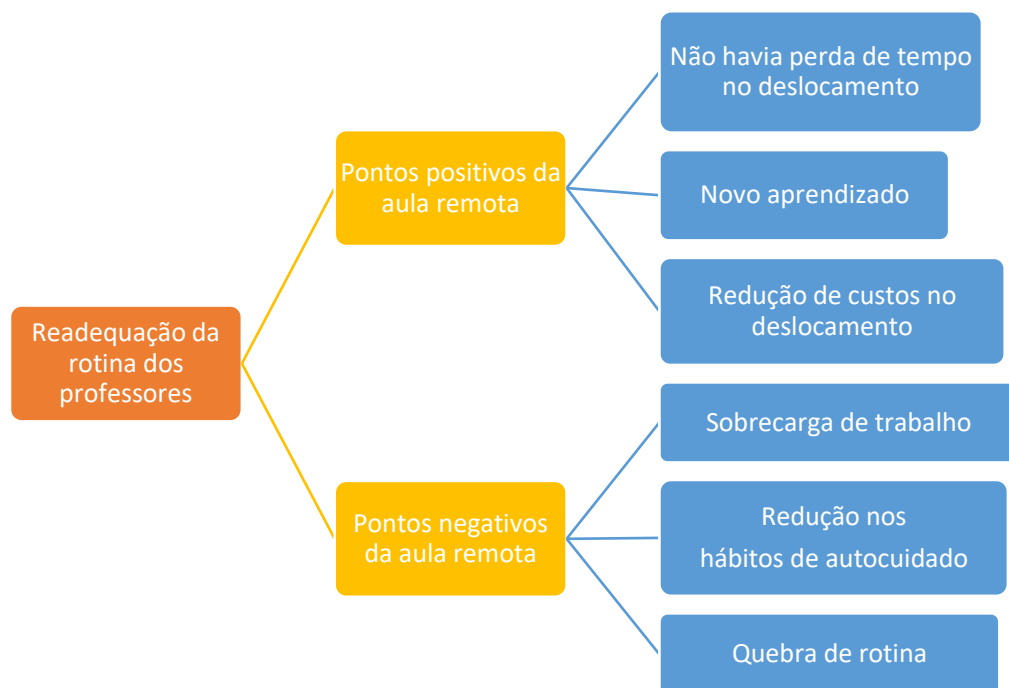
Ressalta-se que em uma das UCEs da UCI 13 há um destaque sobre a complexidade de uma das plataformas usadas pela instituição para o ensino remoto emergencial, traduzida como um “ambiente complicado” que culminou na opção de não uso pela docente. Esta situação também é pontuada na pesquisa realizada nas Filipinas, pois uma das recomendações foi, justamente, que se produzam plataformas de mais simples manuseio, para colaborar com

a inserção de professores idosos nesta modalidade de ensino (Samifanni; Gumanit, 2021, p.108).

A educação permanente neste tema também seria uma boa estratégia de preparar e atualizar professores no campo do ensino por meio de recursos digitais, não somente voltada para o ensino remoto, que na pandemia teve caráter emergencial, mas porque o campo digital na educação é um caminho que só tende a crescer. Pesquisa realizada no catálogo da Capes buscou teses e dissertações produzidas entre 2017-2021 sobre formação continuada de professores e tecnologias digitais analisou 44 trabalhos, sendo a metade produzida na região sudeste, centradas em práticas pedagógicas em sala de aula, que mostra a educação básica na centralidade dos estudos (Gurgel; Medeiros, 2023, p.6).

Logo, urge que o tema seja ampliado em pesquisas que explorem e aprofundem o tema, em especial no que tange o grupo de docentes idosos.

Figura 12- Esquema que demonstra os aspectos positivos e negativos nas representações sociais do ensino remoto.



Fonte: a autora, 2024.

CAPÍTULO VIII

O ENSINO REMOTO E O DESPERTAR PARA AS DEMANDAS DA NOVA REALIDADE DO TRABALHO DOCENTE: NOVOS DOMÍNIOS DE CONHECIMENTO E AUTOCUIDADO

Este capítulo aborda o conteúdo das classes lexicais 3 e 4, que versam sobre a dualidade do ensino remoto em relação aos seus aspectos positivos e negativos e os requisitos para que os docentes permanecessem no fluxo do trabalho, apesar da nova realidade imposta ao processo ensino-aprendizagem. Nestas classes evidenciam-se mais claramente as questões de saúde e o despertar para o autocuidado, necessários para a manutenção da higidez física e mental.

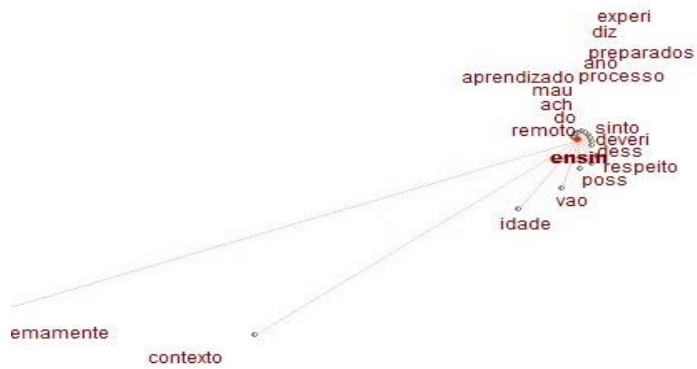
Para a compreensão dessas classes, analisou-se a lista de UCEs que as compõem em busca dos contextos explicativos para os léxicos de maior associação estatística a elas, considerando a relação entre essas palavras expressas por meio da classificação hierárquica descendente e ascendente.

A DIALÉTICA QUE SE EXPRESSA NA AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: O QUE É BOM E/OU RUIM NO ENSINO REMOTO?

A Classe 4 trata do lado bom e o lado ruim da prática do ensino remoto e traz vivências das adaptações realizadas pelos docentes e discentes para que ocorressem as aulas. Esta Classe reúne 19% do total das UCEs que formam o corpus de análise e é constituída de 91 formas reduzidas de palavras plenas analisadas. A análise dos léxicos associados à Classe 4 evidenciou que as UCIs caracterizam o aspecto negativo do ensino remoto, retratam como ocorreu o processo de adequação, tanto para os professores quanto para os alunos, compreendem que o aprendizado é insatisfatório e ainda realçam a importância de ser apenas em caráter de emergência. Em contrapartida, há UCIs cujos conteúdos apontam aspectos positivos, os aprendizados ocorridos, as possibilidades de colher os frutos positivos de uma pandemia e os desejos despertados para a realização de orientações, apresentações e aulas de forma remota.

O léxico de maior associação a esta classe é “ensin”, com Phi 0,46, e a rede de associação pode ser vista na Figura 13.

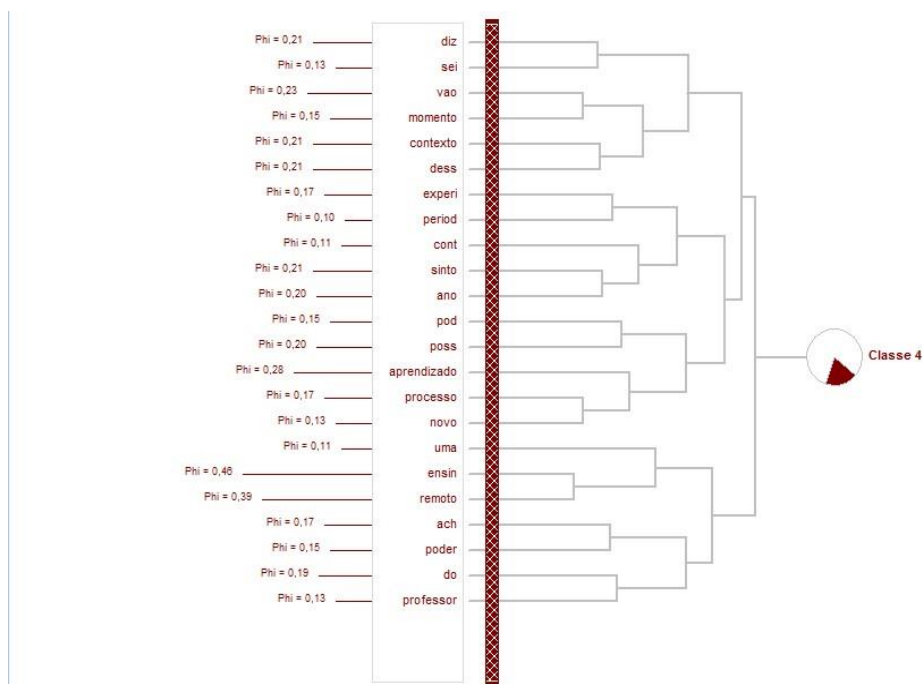
Figura 13– Rede da forma “ensin” da classe 4.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

Na Figura 14 a Classificação Hierárquica Ascendente mostra as relações que os léxicos estabelecem entre si, cujos sentidos se expressam nas unidades de contexto elementar representativas desta classe.

Figura 14 - Classificação Hierárquica Ascendente Classe 4.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

UNIDADES DE CONTEXTO ELEMENTAR REPRESENTATIVAS DA CLASSE 4

A dialética se apresentou em avaliações de oposição sobre o ensino remoto pelos docentes idosos, que os levou a refletir sobre o que poderia ser considerado como bom e o que poderia ser considerado como ruim no ensino remoto e os sentimentos despertados.

Como ensino remoto eu me sinto bem, na medida do possível, me sinto bem, não me senti mal não, estou e aberta à manutenção de algumas atividades. Eu acho que, em relação ao ensino remoto é isso, tudo na vida tem que ter um meio termo, a gente não pode usar os extremos, que aí você tem possibilidades de errar, eu acho que a gente precisa aproveitar dessa experiência, não é o que nós queríamos nem a minha geração com sessenta e cinco anos nem a sua bem mais jovem, em pensar que um dia íamos viver em função da pandemia e que nós tivemos que, literalmente, nos isolar do mundo e das pessoas, então, já que isso veio, é olhar o que tem de bom (UCI 7).

No ensino remoto eu me sinto confortável. Olha, essa pandemia foi uma descoberta, rápida e interessante. Houve uma inclusão, pretendo continuar (UCI 3).

Eu não concebo essa ideia de que uma coisa que eu nunca experimentei, eu não posso dizer que eu não gosto. Então, o ensino remoto é um progresso da humanidade, porque estar na telinha com você nesse momento foi algo que eu imaginei na minha infância, quando eu via aquele desenho animado, os Jetsons (UCI 11).

O mal do ensino remoto é o aprendizado que é insatisfatório. Eu me senti normal. É uma coisa assim, muito tensa, acho melhor totalmente presencial, isso é muito importante (UCI 12).

O ensino remoto para mim foi uma exceção, foi uma exceção. Acho que não deve virar uma prática. Foi uma adaptação daquele contexto, daquele momento. Tudo poderia ser usado, em algumas situações, com critérios (UCI 15).

O ensino pode ser uma alternativa para um momento de dificuldade do aluno comparecer as aulas, se tratando do ensino médio e superior. Mas no ensino fundamental eu acho que não se deveria usar neste momento, em nenhuma possibilidade de ensino remoto, todos eles tinham que ser esse do tradicional, aquele ensino em que o professor tem um contato direto com o aluno, porque são pessoas (UCI 9).

Foi resumidamente horrível, ensino nenhum pode ser remoto, não pode, a gente não pode ter ensino se for remoto. As pessoas vão ficar egoístas, e outra coisa, acho o remoto egoísta (UCI 13).

Muito estressada. O ensino remoto é muito complicado ainda. Eu acho que ele poderia ser mais trabalhado com os professores tecnicamente. O bom do ensino remoto é você estar em casa, você põe uma blusa e pode estar de short, grande facilidade e o mal do ensino remoto é porque apresenta alguns impeditivos ou quando não entra o som ou imagem, (UCI 5).

Em uma sala de aula você tem um dinamismo, então ele é muito, como é que eu vou dizer, muito parado. Olha, o problema desse ensino remoto é que ele foi jogado tanto para o

professor quanto para alunos do ensino fundamental e ensino médio, nós não estávamos preparados para isso, então até a gente conseguir se adequar levou muito tempo e esse tempo foi um tempo praticamente perdido (UCI 6).

No ensino remoto eu me sinto desconfortável, me sinto incomodada, parece que está faltando alguma coisa ou que estou fazendo algo errado, não sei dizer muito bem, mas é isso, eu me sinto extremamente desconfortável (UCI 14).

E eu acho que esqueci desse detalhe, quando eu disse para você que quando estava com algum erro, alguma coisa eu não conseguia entrar, estava sem som, eu escutava dizer eu não estou ouvindo a professora e eu ficava extremamente estressada (UCI 5).

Assistir e participar de aulas por meio remoto exige comportamentos diferenciados e readequação da rotina familiar, pois assistir a aula é entendido como atividade privativa do aluno e, portanto, a circulação ao redor precisa ser restrita.

E assim, avisem os familiares que eles não podem estar circulando, porque é uma coisa privativa. Um momento privado e não pode ter televisão, então fazia assim todo, fiz um instrumento por escrito para que eles tivessem consciência de qual comportamento que eles deveriam ter (UCI 10).

A questão da idade do docente aparece quando há referência ao domínio de conhecimento sobre os recursos que viabilizam o ensino remoto.

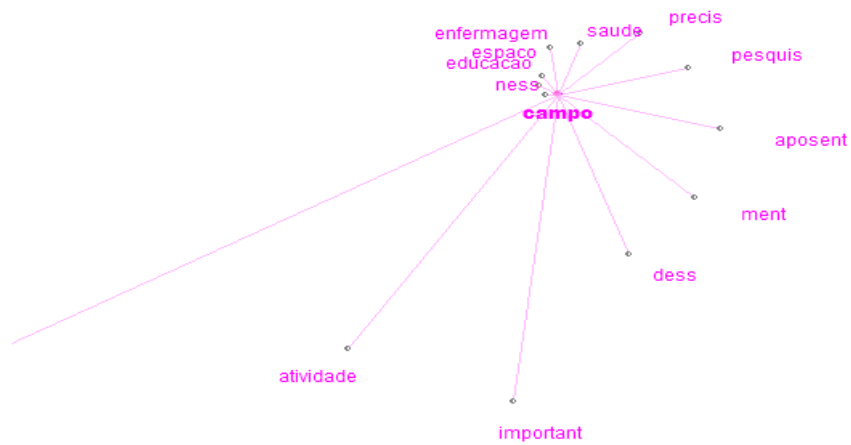
Tinha uma outra professora também, que ela tinha mais ou menos dez anos mais nova do que eu, e integra essa mesma equipe, então ela sabia fazer algumas coisas, que sabia utilizar alguns recursos que eu não sabia, então já ficava por conta dela (UCI 8).

ATUALIZAÇÃO, RENOVAÇÃO DO CONHECIMENTO E SAÚDE: PILARES PARA OS DOCENTES SE MANTEREM NO CAMPO DO TRABALHO

A Classe 5 congrega 11% do total das UCEs que constituem o corpus de análise, e é formada por 85 formas reduzidas de palavras plenas encontradas. Quanto aos léxicos associados, eles abordam mais diretamente as questões da saúde mental e física durante o período das aulas remotas na pandemia. Retrata as preocupações dos docentes quanto ao cargo que ocupa, a importância de estarem sempre atualizados para garantirem seu espaço e relatam resultados relativos à saúde. A busca pela atualização e renovação para se manterem nas escolas e universidades, com aquisição de novos conhecimentos também emergem nesta classe.

O léxico de maior associação a esta classe é “campo”, com Phi 0,47, e a rede de associação pode ser vista na Figura 15.

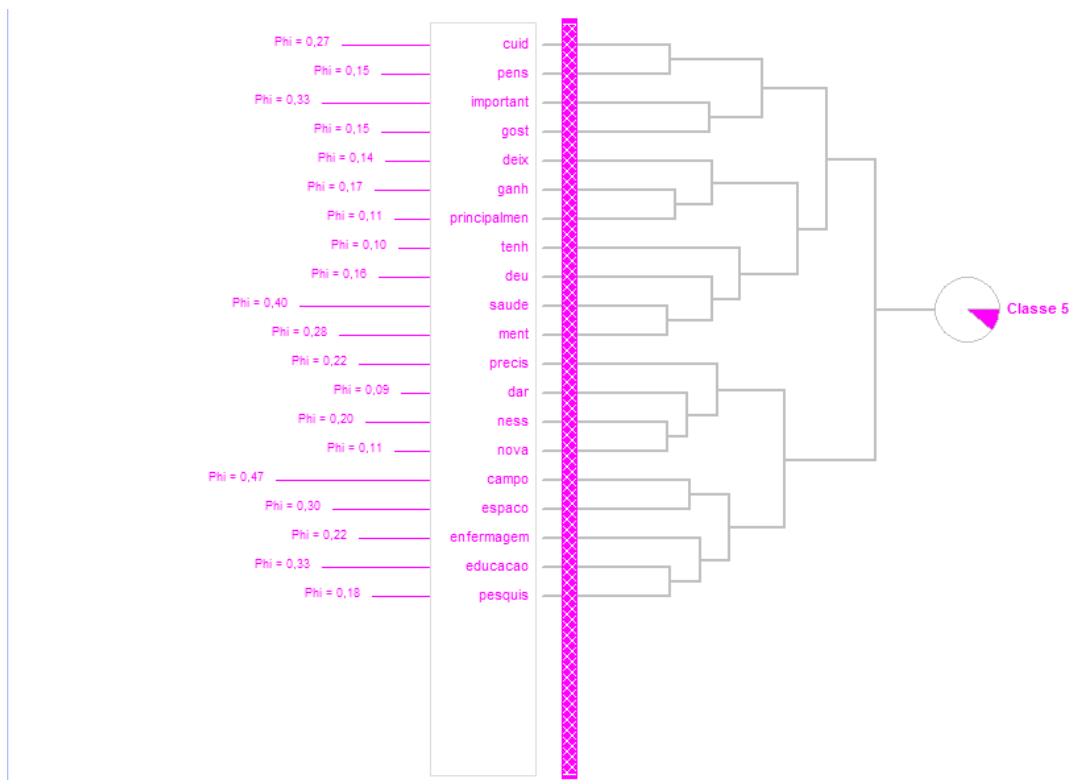
Figura 15– Rede da forma “campo” da classe 5.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

Na Figura 14 a Classificação Hierárquica Ascendente mostra as relações que os léxicos estabelecem entre si, cujos sentidos se expressam nas unidades de contexto de elementar representativas desta classe.

Figura 16 - Classificação Hierárquica Ascendente Classe 5.



Fonte: Relatório Alceste, 2023.

UNIDADES DE CONTEXTO ELEMENTAR REPRESENTATIVAS DA CLASSE 5

A NECESSIDADE DE SE ADAPTAR AO NOVO PROCESSO DE TRABALHO E À NOVIDADE TECNOLÓGICA DO ENSINO REMOTO PARA GARANTIR O ESPAÇO NO CAMPO ACADÊMICO-CIENTÍFICO.

E eu deslumbro que não só para dar continuidade ao trabalho somente, para que eu pudesse continuar ocupando um espaço nesse campo, no campo científico, no campo da educação, em enfermagem (UCI 8).

E ele [Bourdieu] fala que existe sempre uma luta simbólica para que a gente possa assegurar as nossas posições nesse campo. Os espaços em que estamos então, uma das preocupações minhas, e eu lembro que eu pensei assim, meu Deus, eu preciso dar conta dessa nova conjuntura que reverbera no ensino, porque se não, eu vou ficar de fora desse mundo, desse mundo social (UCI 8).

Eu lembro que era muito uma preocupação de aprender a lidar para poder dar conta. Isso me angustiava, às vezes eu ficava com um pensamento triste, porque eu gosto muito de trabalhar e eu ficava pensando, meu Deus, será que eu vou ficar defasada nesse novo mundo e eu vou ter que acabar me aposentando (UCI 8).

Porque estar me adaptando a essa nova conjuntura que foi o ensino remoto, então, e esse esforço, essas estratégias, de me adaptar. Esse ensino remoto foi uma estratégia de luta para manter o meu espaço nesse campo da educação, o meu espaço acadêmico, que é uma luta constante, uma luta cotidiana (UCI 8).

Como faz no google forms, por exemplo, um questionário? Porque já teve uma outra professora na equipe que deu conta disso. Mas hoje, se eu entender que eu também preciso dar conta disso para eu continuar posicionada nesse campo da educação, do ensino, da pesquisa que eu tanto amo, eu vou aprender a fazer isso (UCI 8).

Precisa de orientação cuidadosa. Então eu entrei nessa área assim, nos dois campos [de estágio]. Eu fiquei atuando nos dois campos, quando eu me aposentei, em uma semana você está bem e daqui a pouco você começa a sentir falta (UCI 10).

A SAÚDE FÍSICA E MENTAL: DEMANDAS E ESTRATÉGIAS DE AUTOCUIDADO

Esse sorriso aos sessenta e quatro indo para sessenta e cinco, Deus é muito bom. Eu estou feliz. Não deixei a saúde de lado na pandemia. Eu operei na pandemia, em dois mil e vinte e um, então, tenho asma, tive um último episódio em dois mil e vinte, antes da pandemia (UCI 11).

Trabalhei com a questão da ergonomia, da biomecânica corporal, super cuidadosa, falando aqui com você já mudei várias vezes de posição aqui, de posição das pernas, de posição dos pés, da coluna, mexo com a cabeça, eu já tenho essa dinâmica, essa preocupação por conta da área que eu pesquiso, meus objetos de estudo, e quem não tem essa experiência, precisa de um acompanhamento, de uma avaliação, de treinamentos de orientações mesmo (UCI 7).

Sim, consegui cuidar da minha saúde. Não fui a médico, mas fiz de tudo para não prejudicar a minha saúde. Acho que cuidar da saúde mental é um ganho e também sempre pensar no hoje (UCI 2).

Olha, eu sou muito sedentária, e eu estou sentindo, e eu sei que eu preciso mudar, eu até ensaiei uma parte de andar, mas só foi um ensaio. Eu vou ao (médico, eu tenho uma saúde razoável. Olha, eu acho que a voz e a garganta ficam irritadas, mesmo no presencial também, eu acho muito importante que a gente tenha preocupação com a nossa garganta, com a nossa voz (UCI 5).

E a saúde mental graças a Deus eu até fiquei bem, tenho uma estrutura familiar muito boa, esposo, filhos, todo mundo, não tive adoecimentos na família, não tive perdas próximas da família, graças a Deus, então isso manteve a minha saúde mental bem (UCI 7).

Ganhei peso na pandemia, principalmente gordura localizada na região abdominal, que agora esse ano que eu estou retomando isso. Eu também, eu não deixei de ir às consultas médicas presenciais que foram possíveis, por exemplo, cardiologista (UCI 8).

Em síntese, o que os resultados das classes 4 e 5 mostram é que pandemia serviu como sinal de alerta aos docentes idosos de que aprender novos processos e se atualizar frente às tecnologias que medeiam a comunicação aplicadas ao ensino são medidas necessárias para que permaneçam exercendo seus ofícios nestes tempos de avanços e inovações tecnológicas. Além disso, a saúde figurou como um bem que não deve ser negligenciado.

DISCUSSÃO

Reconhecer que a estratégia do ensino remoto foi a alternativa viável para manter o processo de ensino-aprendizagem quando foi decretada a suspensão das aulas presenciais por um período indeterminado, moldou o olhar positivo dos docentes sobre a nova modalidade de aula. No entanto, o fato de ter sido uma implantação consequente a uma pandemia, causou surpresa com necessidade de respostas rápidas e preocupação de que o não domínio das ferramentas pudesse influenciar a permanência no trabalho.

Transformações no ensino causam estranhamento e resistência tanto em estudantes quanto nos professores e a adaptação de todos os envolvidos no processo educacional é requerida, em particular no que se refere às tecnologias aplicadas ao ensino na área da saúde. Há diferenças e diversidades no grupo de docentes e de discentes e isto necessita de ser considerado em relação ao tempo que cada um precisa para que haja as adaptações requeridas (Pereira; Sass; Gallian, 2020, p.12).

Com amparo em Bourdieu (2001, p. 9), ao tratar do poder simbólico como aquele que constrói realidades e ordens que advêm do sentido imediato do mundo, compreende-se que a necessidade de qualificação é evidente e destacada como estratégia de luta simbólica para que os trabalhadores docentes se mantenham firmes no campo acadêmico e científico, logo, o conhecimento que sustenta o domínio prático das tecnologias que viabilizam o ensino remoto seria um capital crucial para que docentes idosos se sentissem plenamente inseridos e reconhecidos no processo. O diploma expressa um poder simbólico que classifica e hierarquiza os mais e menos competentes (Alves, 2008, p.6) e é nesse bojo que a qualificação

emerge e assume o status de uma luta simbólica nas representações dos docentes idosos que atuam em seu ofício mediado por tecnologias eletrônicas/digitais.

A pandemia desvelou de forma mais acentuada os problemas da precariedade e da desvalorização do trabalho docente, com jornada de trabalho excessiva e transtornos à saúde mental (Souza *et al.*, 2021, p.5; Candido; Bittencourt; Assunção, 2022, p.2). O receio de não conseguir dar continuidade a sua atividade laboral e com isso perder seu espaço no campo científico e da educação, conquistado em anos de trabalho impulsionou a busca pela atualização. Na pandemia de Covid-19 os docentes foram submetidos às novas imposições e mudanças na organização do trabalho, além da necessidade de gestão e de ter ferramentas para controle e desenvolvimento do trabalho, algo que se fortaleceu com o surgimento do trabalho remoto (Souza *et al.*, 2021, p. 5).

A preocupação com a defasagem e com o não domínio das ferramentas do trabalho é legítima e gera angústia e tristeza, como visto na UCE da UCI 8, e esta questão deve ser objeto de atenção uma vez que a falta de habilidade com as tecnologias de informação e comunicação aplicadas ao trabalho, a autocobrança e a pressão para se adaptar à nova modalidade de trabalho, em conjunto com outras atribuições profissionais e pessoais incidem sobre o sofrimento psicoemocional em docentes do ensino superior (Gomes *et al.*, 2021, p.5-6).

Sobre o uso das tecnologias digitais no ensino durante a pandemia uma pesquisa com participação de 123 professores de diferentes níveis, 62% com atuação em instituições públicas, majoritariamente do sexo feminino e idade entre 23 e 61 anos, gerou resultados que coadunaram com os desta pesquisa com os docentes idosos, pois entre as dificuldades, que poderiam ser entendidas como lado ruim do ensino remoto, pontuou-se a falta de acesso dos estudantes a tais tecnologias e as limitações dos professores em articulá-las no ensino. Já o lado positivo foi o de conhecer e utilizar variadas tecnologias e recursos para comunicação em videoconferências (Rocha *et al.*, 2020, p. 73).

As dificuldades de acesso às plataformas e simultaneidade da aprendizagem do domínio com o trabalho, sem efetivo auxílio, tornou o cotidiano mais árduo. A pesquisa de Rocha *et al.* (2020, p.73) mostrou que 24% dos professores apresentaram dificuldades no uso dos recursos por falta de apoio da equipe pedagógica ou por falta de materiais tecnológicos disponíveis.

A infraestrutura das instituições é uma questão a ser problematizada na viabilização dos meios para que seja possível aplicar as tecnologias de comunicação e informação

adequadas a cada modalidade de ensino. Em se tratando do ensino superior, não somente a qualificação dos docentes é necessária, como também corrigir as falhas de infraestrutura das universidades (Pereira; Sass; Gallian, 2020, p.11). A falta de suporte para a transição do ensino presencial para o ensino remoto foi sentida pelos docentes universitários (Matias *et al.*, 2023, p.543).

A falta de contato, o desconforto, a insuficiência de aprendizagem, a interferência da família, todos esses fatores foram apontados pelos professores idosos como problemas que culminaram numa avaliação do lado ruim do ensino remoto. Sem dúvida, o fechamento das escolas e a modalidade emergencial de ensino geraram consequências para todos. Segundo a UNESCO (2022), a incerteza dos docentes sobre as suas obrigações, dúvidas sobre como manter os vínculos com os estudantes, a dificuldade de transição para plataformas de ensino que viabilizavam o ensino remoto ou à distância, o despreparo dos pais para este tipo de ensino, a perda do contato social que o ensino presencial proporciona e que é essencial para a aprendizagem e para o desenvolvimento de crianças e jovens são situações derivadas da conjuntura do ensino na pandemia.

Tanto para os professores quanto para os alunos, com as aulas remotas, foi preciso readequar a vida pessoal, incluindo suas famílias, pois a partir do momento que era preciso dispor de um aparato tecnológico, precisou-se também de um ambiente favorável para que o processo ocorresse a contento. Segundo Pinho *et al.* (2021, p.10), a barreira física entre trabalho e vida familiar, na residência, deixou de existir, e algumas famílias ainda precisaram improvisar para rearranjar o cotidiano familiar e doméstico, de modo a oferecer condições mínimas para as atividades de ensino-aprendizagem.

Conciliar os espaços de trabalho com o doméstico e a vida privada não foi uma tarefa fácil, em especial quando consideramos o gênero feminino que ainda acumula grande parte das atividades de cuidado do lar e da família, com a persistência da desigualdade de gênero neste quesito (Garcia; Marcondes, 2022, p.3; Pinho *et al.*, 2021, p.8), com um peso importante para as mulheres em razão da lógica patriarcal colocar o doméstico em primeiro plano ao profissional quando se trata do gênero feminino (Sousa; Ens; Oswald, 2023, p.14).

As novidades que se apresentaram no contexto da pandemia exigiram rearranjos nas formas de lidar com uma diversidade de situações, fossem elas no âmbito das relações interpessoais sociofamiliares, ou na organização das dinâmicas laborais. E, com efeito, no que tange aos docentes, a saúde física e mental foram objetos de preocupação pelo estresse gerado com o manuseio das tecnologias e a busca por conhecimentos para dominá-las, uma vez que o

ensino *on-line* exige uma série de aparatos e procedimentos que se agrupam no ciberespaço (Araújo *et al.*, 2020, p.2).

Observa-se que o trabalho remoto traduzido como sobrecarga é um sentido comum entre docentes que atuaram na pandemia de Covid-19. Cansaço, esgotamento, tensão, estresse pelo excesso de demandas do trabalho foram citados como causadores de impactos físicos, mentais e emocionais, com a geração do que se denomina de *Zoomburnout* (Sousa; Ens; Oswald, 2023, p.12).

A competência digital pode ser um dos fatores geradores de sofrimento psíquico e de comprometimento da qualidade de vida e saúde (Ramos *et al.*, 2023, p. 33) e, por isso, requer investimentos de autocuidado, como também medidas políticas de educação e de saúde pública, para que o coletivo de trabalhadores docentes possa seguir exercendo seu ofício de forma justa e segura.

Uma pesquisa com docentes universitários da região Norte e Nordeste do Brasil concluiu que a exclusão, a incerteza e o desespero permeiam de forma negativa os significados atribuídos por docentes universitários às tecnologias digitais aplicadas na pandemia, mas a esperança figura nas atribuições de sentidos por meio de metáforas como “espírito jovem” e “farol” (Ferreira, 2022, p.192). Fazer coisas novas e permanecer ativo está relacionado à ideia de juventude e a uma mentalidade jovem, ainda que se tenha mais de 60 anos e esteja em vias de se aposentar, como mostra a pesquisa de Ferreira (2022, p.192).

Observa-se como o lugar da juventude perpassa as representações de docentes idosos em relação ao tema das tecnologias aplicadas ao ensino remoto, quando se ressalta a presença de uma colega mais jovem na equipe com domínio das ferramentas digitais para assumir aquilo que a docente idosa não dominava.

O discurso de que os jovens são “naturalmente” participantes da cibercultura não é propriamente uma verdade em si, pois há que considerar a diversidade de lugares de onde tais jovens provêm, em especial quando se consideram as classes populares (Dominick; Alves, 2018, p.1350). No entanto, em se tratando de representações sociais, considera-se que elas não são uma cópia da realidade (Jodelet, 2018, p.233), elas reconstituem a realidade quando articulam elementos simbólicos, sentidos e significados (Moscovici, 2015, p.46) que traduzem uma ideia sobre algo, exprimindo a capacidade criativa do sujeito. A capacidade interpretativa, aliada à criativa, criam as representações (Rocha, 2014, p.61). Portanto, no âmbito do senso comum expresso em representações sociais, a relação entre o domínio e o

manejo de novidades tecnológicas e a juventude, ganha status de verdade na lógica de pessoas idosas.

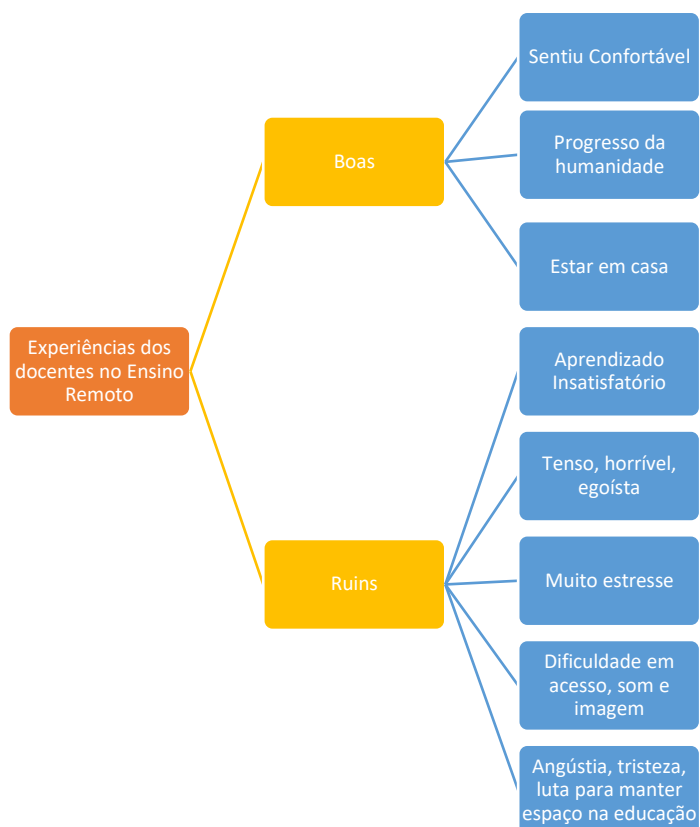
As tecnologias digitais de comunicação capazes de virtualizar os encontros se traduzem como um progresso da humanidade, antes vista como uma projeção futurista pôde ser vivida trazendo à tona as memórias de uma infância onde não havia esta possibilidade de encontros. A familiarização com a novidade se apresentou no processo de ancoragem e objetivação (Moscovici, 2015, p.61) com o desenho animado “Os Jetsons”², em que no universo da ficção já era possível haver comunicação à distância com som e imagem em tempo real e até teleconsulta, em um mundo com avanços tecnológicos improváveis para a época.

O acionamento da imagem deste desenho animado mostra o que Moscovici (2015, p.46) explica sobre a especificidade das representações comunicarem aquilo que compreendemos e já sabemos por meio de uma face icônica e simbólica, ou seja, neste exemplo, ao citar a família “Jetsons”, identifica-se a imagem e a ideia que ela veicula - os quadros do desenho que difunde a ideia das comunicações e relações construídas em meios virtuais.

No que pese as questões ideológicas que permeiam o tema das tecnologias digitais na educação, deve-se considerar a globalização e o contexto neoliberal que produzem exclusão e aprofundam desigualdades (Oliveira; Almeida; Trotta, 2020, p.3-4). Não obstante, o uso de tecnologias digitais na educação tende a aumentar e não retroceder, ainda que a modalidade remota tenha sido aplicada em contexto de ensino emergencial pandêmico. Nesse sentido, deve-se considerar a implementação de medidas inclusivas que contemplem a melhora da competência digital para os docentes idosos.

² Os Jetsons é uma série animada de televisão produzida pela Hanna-Barbera, exibida originalmente na ABC entre 1962 e 1963, e no Brasil pela TV Excelsior. Introduziu no imaginário da maioria das pessoas o que seria o futuro da Humanidade, ao tratar do cotidiano de uma família que vivia em 2062, com grandes avanços tecnológicos. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons

Figura 17- Esquema que demonstra a experiência dos docentes demonstrando o lado bom e ruim nas representações sociais do ensino remoto.



Fonte: a autora, 2024.

CAPÍTULO IX

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto emergencial na pandemia serviu para evidenciar a fragilidade das instituições em relação à educação permanente de professores idosos em face das novas tecnologias e das ferramentas que viabilizam o ensino por meio remoto. Portanto, urge que haja políticas nesse sentido, de modo que tais docentes não sejam excluídos ou vistos como ultrapassados, pois ficaram evidentes seus esforços e a capacidade de se reinventarem para atender às demandas de seu ofício.

Não houve resistência dos professores em relação à nova modalidade de ensino, mas houve, sim, sobrecargas e inseguranças inerentes ao contexto da pandemia, potencializadas pelo fato de terem que aprender novas formas de ensinar no curso do próprio processo de trabalho. Havendo preparo prévio, por meio de políticas de inserção e inclusão digital, o enfrentamento se torna menos sofrido, e melhora o potencial de aprendizagem, pois quando este processo ocorre sob tensão promove adoecimentos, em especial no campo da saúde mental.

As representações dos docentes sobre o ensino remoto mediado pelos equipamentos eletrônicos/digitais se organizaram na relação estabelecida entre aluno, professor e espaço virtual. Nestas três vertentes, se evidenciaram os esforços cognitivos e afetivos de reinterpretação da sala de aula, da aula em si, da relação professor-aluno e das formas de ensinar e aprender. Tudo isso no contexto situacional da pandemia vivenciada pelos docentes tanto na vida laboral quanto na pessoal-sócio-familiar.

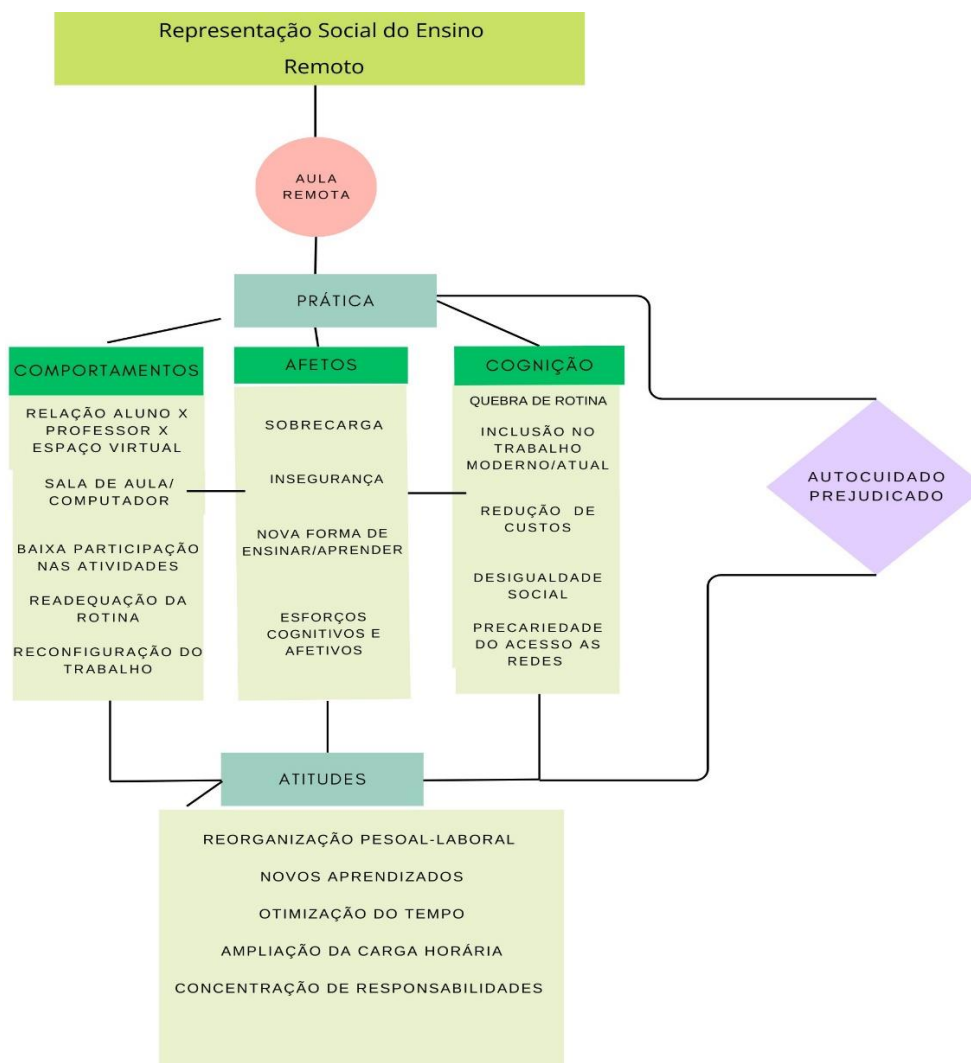
Na parte que refere ao aluno, nas representações dos docentes sobre o ensino remoto se evidenciaram as dificuldades que traduziram as desigualdades sociais dos grupos, objetivamente quando da precariedade do acesso às redes e pelas necessidades de inserção no mercado de trabalho para colaborar no sustento da família. Nesse interim, os prejuízos tomaram vulto na baixa participação nas atividades de sala de aula.

Na parte do docente, a readequação da rotina foi o elemento que mais se ressaltou nas representações sociais. O trabalho remoto exigiu que os docentes agissem em prol da reconfiguração de seu cotidiano a fim de possibilitar o desenvolvimento de seu trabalho. A rotina habitual foi descontinuada e uma nova forma de organização pessoal-laboral precisou ser implantada, bem como exigiu novos aprendizados relativos ao manuseio dos

equipamentos e recursos virtuais, bem como às novas estratégias de ensino mais participativas. Não obstante, trabalhar de casa ampliou a carga horária de trabalho, bem como adensou as responsabilidades com sobreposição de atividades, mormente quando se considera que majoritariamente o grupo participante foi composto por mulheres. O trabalho remoto em contexto de pandemia reverberou na saúde física, mental e emocional.

As representações sociais do ensino remoto trouxeram à tona a compreensão de que não é mais possível retroceder neste processo de ensinar-aprender mediado por tecnologias eletrônicas/digitais, pois este tipo de ensino representa o progresso da humanidade e isto se configura como aspecto positivo, e sintetiza um posicionamento favorável em relação ao ensino remoto. Por outro lado, a carga negativa repousa sobre emoções que geram sofrimento, tais como angústia, tristeza e estresse, muitas delas ligadas à percepção de aprendizados insatisfatórios, precariedade no acesso e inabilidades para lidar com os recursos necessários a um ensino remoto de qualidade.

Figura 18- Esquema que demonstra a representação social do docente idoso no ensino remoto na pandemia da Covid-19.



Fonte: a autora, 2024.

A exigência de readequação no modelo do trabalho docente pautado em reorganização pessoal-laboral, novos aprendizados, otimização do tempo, ampliação na carga horária, concentração de responsabilidades e como resposta a essas exigências, observou-se comprometimentos na saúde física, mental e emocional do docente idoso, com interferência no seu autocuidado como sobrecarga de trabalho, perda de rotina, consumo de alimentos inadequados, aumento de peso, sedentarismo, saúde mental comprometida e falta/distanciamento de apoio psicológico.

Na consideração de que o trabalho torna-se determinante nas condições de vida e situações de saúde, pois a atividade laboral integra o conjunto de elementos da identidade social de uma pessoa, quando ela se apresenta socialmente - sou professor(a), por exemplo-, é

urgente que políticas de educação permanente sejam implementadas no campo da educação, básica e superior, para que os professores se atualizem e aprendam a lidar com os equipamentos e recursos eletrônicos/digitais com mais eficiência.

Quando se ressalta nas representações do ensino remoto que esta modalidade expressa o progresso da humanidade, os professores precisam se sentir fazendo parte deste progresso, em especial para os idosos que tendem a considerar a juventude como a faixa etária mais identitária da cibercultura.

Em vista da contribuição que estudos de representação possam trazer para o campo das intervenções, esta seria uma importante linha a seguir: a de que o mundo contemporâneo é vivido por todos os que deles fazem parte e que todos têm o direito de aprender a lidar com as ferramentas necessárias para se sentirem efetivamente integrados a ele.

Esta pesquisa contribuiu na elucidação de parte do processo de trabalho dos professores na pandemia de Covid-19, trazendo à tona as dificuldades vivenciadas e as estratégias para minimizá-las ou superá-las. Ao abordar a reconfiguração do trabalho remoto à luz das representações sociais de docentes idosos, evidenciaram-se informações que circulam sobre o espaço virtual de ensino-aprendizagem, suas percepções, emoções geradas em relação a ele e ao trabalho neste campo, bem como os comprometimentos de saúde física, mental e emocional.

Esta pesquisa foi realizada no âmbito de uma pandemia específica - a da Covid-19 - mas despertou a atenção para as relações estabelecidas entre saúde-adoecimento-sofrimento e cuidado em contextos de pandemias que impliquem em distanciamento social de professores idosos. No acolhimento ao docente idoso a apreensão de suas necessidades pessoais/laborais é fundamental no cuidado a esse grupo.

Por isso, conhecer o contexto do seu trabalho e o quanto o docente idoso está apto para desempenhar suas funções são condições primordiais para que sejam traçados projetos de educação permanente para o alcance de metas que busquem a sua inserção e inclusão em novas modalidades de ensino, além de cuidados planejados com alinhamento ao seu cotidiano e às suas condições de realização para mais bem cuidá-lo.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, K.; LOPES, A.; PEREIRA, F. Ser um professor experiente não é sempre uma felicidade: perspectivas de professores sobre o envelhecimento. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 279-301, set./dez. 2020.
2. ALVES, E. R. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 1, p. 179-184. jan./abr. 2008.
3. AMORIM, D. N. P.; SAMPAIO, L. V. P.; CARVALHO, G. de A.; VILAÇA, K.H.C. Aplicativos móveis para a saúde e o cuidado de idoso. **Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 12(1):58-71. jan.-mar 2018.
4. ARANCO, N.; IBARRARÁN, P.; STAMPINI, M. Prevalencia de la dependencia funcional entre las personas mayores en 26 países de América Latina y el Caribe. Washington, DC: **Banco Interamericano de Desarrollo**. Nota Técnica IDB-TN-2470. 2022. <http://dx.doi.org/10.18235/0004250>
5. ARAÚJO, J. L.; BELO, R. P.; RESENDE, J. W. R. Trabalho e envelhecimento na contemporaneidade: Uma análise acerca da Representação Social a aposentadoria. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, vol. 20, n. 1, pp. 120 - 144, Jan/Jun, 2016.
6. ARAÚJO, F. J. O.; LIMA, L. S. A. DE; CIDADE, P. I. M.; NOBRE, C. B.; ROLIM NETO, M. L. Impact Of Sars-Cov-2 And Its Reverberation In Global Higher Education And Mental Health. **Psychiatry Research**. 2020.
7. ARAÚJO, T. M.; LUA, I. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de Covid-19. **Rev Bras Saude Ocup**;46:e27; 2021.
8. ARAÚJO, A.R.L.; SOUZA, L.M.C.; CARVALHO, R.B.S.; OLIVEIRA, A.D.S.; AMORIM, F.C.M.; SOUZA, K.H.J.F.; ZEITOUNE, R.C.G.; DAMASCENO, C.K.C.S. O trabalho remoto de enfermeiros docentes em tempos de pandemia. **Esc Anna Nery**;25(spe):e20210198; 2021.
9. AZEVEDO, P. P.; SANTOS, A. C. B.; EVARISTO, J. L. S. Contexto de trabalho docente e o desempenho no ENEM, em escolas públicas e privadas: estudo à luz da psicodinâmica do trabalho. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 61, n. 69, p. 1-25, e-33265, jul./set. 2023.
10. BARBOSA, A M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA R. L. N. F. F. Aulas presenciais em Tempos de Pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Rev. Augustus** | ISSN: 1981-1896 | Rio de Janeiro | v.25 | n. 51 | p. 255-280. jul./out. 2020.
11. BARBOSA, I.R.; GALVÃO, M.H.R.; SOUZA, T.A. de; GOMES, S.M.; MEDEIROS, A de A.; LIMA, K.C. de. Incidência e mortalidade por Covid-19 na população idosa

- brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**;23(1):e20017;2020.
12. BARROS, C.F.P. Análise textual com o Programa ALCESTE: uma aplicação em pesquisa de representações sociais no campo da política. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**, 2011. p. 275-278.
 13. BARTHOLO, T. L.; KOSLINSKI, M.C.; TYMMS, P.; CASTRO, D.L. Learning loss and learning inequality during the Covid-19 pandemic. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. V. 31, n. 19, p. e0223776, 2023.
 14. BERNARDES, E. C. O.; GUERRA JUNIOR, A. L. Letramentos digitais e ensino: propostas didáticas para a formação do leitor na contemporaneidade. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 141-156, jul./dez. 2022.
 15. BEZERRA P. C. de L; LIMA, L. C. R. de; DANTAS, S. C. Pandemia da Covid-19 e idosos como população de risco: aspectos para educação em saúde. **Cogitare enferm. Open Journal Systems- UFPR**, 2020.
 16. BORGES, E. F.; CECILIO, S. O Trabalho Docente no Brasil (Década de 1950 aos dias atuais): a precarização no contexto de (re)democratização. **Holos**, Ano 34, vol. 05, 2018.
 17. BOURDIEU, P. O poder simbólico. 4ª ed. Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 322p, 2011.
 18. BOZKURT, A.; SHARMA, R. C. Emergency Remote Teaching in a Time of Global Crisis Due to Corona Virus Pandemic. **Asian Journal of Distance Education**, v. 15, i-vi, 2020.
 19. BRANCO, S. A.; SOUZA, V. L. T. de; ARINELLI, G. S. Isolamento social, pandemia e a atividade docente: Significações sobre o ensino remoto. **Rev. psicopedag.** 39(120):320-331, 2022.
 20. BRASIL. Lei nº8.842 de 4 de Janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF. Capítulo I, Art 2º, 1994.
 21. BRASIL. Ministério da Educação. Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica – 2023. Disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em 15/10/2023.

22. BRASIL. Ministério da Educação. Docentes da educação superior estão mais qualificados. **Censo da Educação Superior 2022**. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/docentes-da-educacao-superior-estao-mais-qualificados>. Acesso em 29/10/2023.
23. BRASIL. Ministério da Educação. Brasil tem 1,4 milhão de professores graduados com licenciatura. **Censo Escolar 2020**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/acordo-gratuidade/33471-noticias/inep/85701-brasil-tem-1-4-milhao-de-professores-graduados-com-licenciatura>. Acesso em 29/10/2023
24. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Imunização e doenças transmissíveis. **Nota Técnica Nº 717/2021-CGPNI/DEIDT/SVS/MS**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/notas-tecnicas/2021/nota-tecnica-no-717-2021-cgpni-deidt-svs-ms.pdf/view>. Acesso em 29/10/2023.
25. BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, família e combate à fome. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família – Envelhecimento e o direito ao cuidado. **Nota Informativa nº5/2023**. Disponível em https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf. Acessado em 28/08/2024.
26. CAMARGO, B. V. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V; JESUINO, J. C; NÓBREGA, S. M.(Orgs.). *Perspectivas Teórico- Metodológicas em Representações Sociais*. **Editora Universitária UFPB**. João Pessoa, PB, p.511-539, 2005.
27. CANDIDO, T. S.; BITTENCOURT, R. L.; ASSUNÇÃO, V. K. Os impactos da pandemia de Covid-19 no trabalho docente universitário. **Debates em Educação** | Maceió, Vol. 14, nº. 35 | Maio/Ago, 2022.
28. CARLETO, D. G.; SANTANA, C. S. Relações Intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais. **Revista Kairós Gerontologia**, 20(1), pp. 73-91. São Paulo (SP), 2017.
29. CARNEIRO, B. L. F.; FARIAS M. G. G. Idosos e tecnologias digitais: um estudo sob a ótica da competência em informação. São Paulo: **Abecin**,9,28 (Coleção Estudos ABECIN; 09), 2019.
30. CARNEIRO JUNIOR J. A.; CARDOSO M. L. M. “Sinto que estou sempre a falhar”: o dano existencial decorrente da hiper conexão do teletrabalhador docente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 49, e267098, 2023.
31. CARVALHO, D. G. S.; DOURADO, D. C. P. Permanecer na universidade: sentidos atribuídos ao trabalho por docentes aposentados. **Revista Subjetividades**. 2022

32. CASTRO, A. **Aceitação e Adoção da Internet entre os idosos:** Um estudo de representações e práticas sociais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Santa Catarina, SC, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_54e1d2cb90ba8dab6549c9d11fecb711. Acesso em 09/06/2024
33. CAVALCANTI, H. H.C.A. Ensino Remoto: uma possibilidade de como e o que ensinar. **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia.** João Pessoa, 2020.
34. CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação). **TIC DOMICÍLIOS Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros.** São Paulo, 2023.
35. CHERNICHARO I. de M. **O idoso no mundo contemporâneo e as novas tecnologias.** 2018. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. 2018. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-883442>. Acesso em 09/06/2023.
36. CARDIAL, E. Educação: 20% dos professores brasileiros lecionam em mais de uma escola; nos EUA, são 1,7%. **Redação Revista Educação**, 2021. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2021/11/22/professores-brasileiros-trabalham-em-mais-de-uma-escola/>. Acesso em 29/10/2023.
37. CUNHA, L. F. F. da; SILVA, A. de S; SILVA, A. P. da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020.
38. DATAFOLHA. Brasileiros vão menos à igreja e dão menos contribuições. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/datafolha-brasileiros-vao-menos-a-igreja-e-dao-menos-contribuicoes.shtml>. Acesso em 06/01/2024.
39. DIAS, E.; RAMOS, M. N. A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.30, n.117, p. 859-870, out./dez. 2022.
40. DOMINICK, R. S.; ALVES, W. B. Inclusão digital e inovação pedagógica: diálogo necessário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, vol. Esp. 13, núm. 2, pp. 1334-1358, 2018.
41. FELIX, L. B; ANDRADE, D. A.; RIBEIRO, F. S.; CORREIA, C. C. G.; SANTOS, M. F. S. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, 5(2), 198-217, 2016.

42. FERRAZ, R. F; BATISTA, M. A. Envelhecimento e trabalho docente: Motivos para permanência no trabalho após a aposentadoria. **Rev. Longeviver**. 2021. Disponível em <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/934/993>. Acesso em 06/01/2024.
43. FERREIRA, M. de A. Teoria das Representações Sociais e contribuições para as pesquisas do cuidado em saúde e de enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro. **Revista de Enfermagem**, vol. 20, núm. 2, abril-junho, pp. 214-215, 2016.
44. FERREIRA, J. S.; CRUZ, R. P. V; ASSIS, T. C.; DELLAGRAMA, R. A. Comportamento sedentário de adultos e idosos durante a pandemia de Covid-19. **J Health Biol Sci**. 2021;9(1):1-5. Available from: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v9i1.3816.p1-5.2021>
45. FERREIRA, J. G. B. O professor do ensino superior e os novos desafios da docência no contexto das tecnologias digitais: uma abordagem sociocognitiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 2022.
46. FREITAS, V. C. Envelhecimento docente no ensino superior. **SemeAD** 2023. Disponível em: <https://login.semead.com.br/26semead/anais/arquivos/219.pdf>. Acessado em 06/11/2023
47. FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso como estratégia de pesquisa qualitativa: Boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.
48. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira. Semanas Epidemiológicas 10 e 11 – de 06 a 19 de Março de 2022. **Boletim Observatório Covid-19**. Disponível em portal.fiocruz.br/observatorio-Covid-19. Acesso em 20 de Junho de 2021.
49. GARCIA, T. C. M.; MORAES, I. R. D; ZAROS, L. G.; RÊGO, M. C. F. G. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas. **Caderno de Ensino Mediado por TIC**. Natal, 2020.
50. GARCIA, B. C.; MARCONDES, G. dos S. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. **Revista Brasileira de Estudos de População**. 2022.
51. GOMES, N. P.; CARVALHO, M. R. da S.; SILVA, A. F. da et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de covid-19. **Saude soc**. v. 30, n. 2, p. e200605, 2021.
52. GONZALEZ, C.; PONCE, D.; FERNÁNDEZ, V. Teachers' experiences of teaching online during COVID-19: implications for postpandemic professional development. **Education Tech Research Dev**. 2023; 71:55-78. <https://doi.org/10.1007/s11423-023-10200-9>

53. GUERREIRO, N. P.; NUNES, E. F. P. A.; GONZÁLES, A. D; MESAS, A. E. Perfil sociodemográfico, condições e cargas de trabalho de professores da rede estadual de ensino de um município da região sul do Brasil. **Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro**. 14, sup l. 1,p. 197, 2016.
54. GURGEL, V. F. A.; MEDEIROS, E. A. Formação continuada de professores e tecnologias digitais: um balanço da produção acadêmica (2017-2021). **Rev. Edu. Foco**. 2023.
55. HAMMERSCHMIDT, K. S. de A, SANTANA R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia Covid-19. **Cogitare enferm**. [Internet]. 2020
56. **IBGE**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>. Acesso em 09/06/2024.
57. **IBGE**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população, p 107 - 113. Rio de Janeiro - 2016.
58. **IBGE**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Retratos – a revista do IBGE, n16. 2019.
59. **IBGE**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. 2023. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em 02 de Maio de 2024.
60. **IBGE**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil – Cor ou Raça 2022. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ouraca.html#:~:text=O%20IBGE%20pesquisa%20a%20cor,10%2C6%25%20como%20pretos>. Acesso em 15/10/2023.
61. **IHME**. Institute for Health Metrics and Evaluation. Global Burden of Disease Study 2017 (GBD 2017). Results. **Global Burden of Disease Collaborative Network**. 2019. Disponível em <http://ghdx.healthdata.org/gbd-results-tool>. Acessado em 15/10/2023
62. **INEP**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Conheça o perfil dos professores brasileiros, 2022. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/conheca-o-perfil-dos-professores-brasileiros>. Acesso em 22/01/2024.
63. JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das Representações Sociais. **Sociedade e Estado, Brasília**, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

64. JODELET, D. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. **Sociedade e Estado**, v. 33, n. 2, p. 423–442, maio 2018.
65. JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. Representações Sociais (Org.). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.
66. JODELET, D. Representações sociais e mundos de vida. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.
67. KLUSMANN, B.; TRIPPENZEE, M.; FOKKENS-BRUIJNSMA, M.; SANDERMAN, R.; SCHROEVERS, M. J. Providing emergency remote teaching: What are teachers' needs and what could have helped them to deal with the impact of the Covid-19 pandemic? **Teaching and Teacher Education**. Volume 118:103815, 2022.
68. KRAWULSKI, E; BOEHS, S.T.M; CRUZ, K.O; MEDINA P.F. Aposentadoria docente e trabalho voluntário. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 19(1), 55-66. São Paulo, SP, jan.-abr. 2017.
69. KUSUMOTA, L.; DINIZ, M. A. A.; RIBEIRO, R. M.; SILVA, I. L. C.; FIGUEIRA, A. L. G.; RODRIGUES, F. R. et al. Impact of digital social media on the perception of loneliness and social isolation in older adults. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2022.
70. LIMA, L. C. Programa Alceste, primeira lição: a perspectiva pragmatista e o método estatístico. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v.17, n.33, p.83- 97, jan/abr 2008.
71. LIMA, M. C; AZEVEDO, S.D; NASCIMENTO, A.L.R. Currículo e Práticas Docentes durante a pandemia de 2020. **Revista Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 1, p. 1–20, 2020.
72. LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis** [Internet]. 2020.
73. LOUZANO, P; ROCHA, V; MORICONI, G.M; OLIVEIRA, R.P. Quem que ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v.21, n.47, p. 543-568, set/dez, 2010.
74. MACHADO, L. R; GRANDE, T. P. F; BEHAR, P. A; LUNA, F.de M. R. Mapeamento de competências digitais: a inclusão social dos idosos. © **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP v.18 n.4 p. 903-921 out./dez.2016ve.
75. MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cad. Pesqui.** 47 (163); Jan-Mar 2017.
76. MATIAS, A. B.; FALCÃO, M. T. C.; GROSSEMAN, S.; GERMANI, A. C. C. G.; SILVA, A. T. C. da. A pandemia da Covid-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2023.

77. MINAYO, M. C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.
78. MODESTO, J. G.; SOUZA, L. M.; RODRIGUES, T. S. L. Esgotamento profissional em tempos de pandemia e suas repercussões para o trabalhador. **Revista Pegada** –vol. 21,n.2. Maio-Outubro/2020.
79. MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2015. 408p.
80. MOSCOVICI, S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: **Vozes**, 2012.
81. NAIFF, L. A. M.; SOARES, A. B.; NAIFF, D. G. M.; AZAMOR, C. R.; ALMEIDA, S. A.; SILVA, C. S. Ensino Público e Privado: Comparando Representações Sociais de Professores sobre suas Habilidades. **Psicologia em Pesquisa** | UFJF | 4(01) |57-64 | janeiro-junho de 2010.
82. NASCIMENTO, A. R. A do; MENANDRO, P. R. M. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ** – RJ, ano 6, n.2, 2006.
83. OLIVEIRA, S. G.; ALMEIDA, V. E. de; TROTTA, L. M. As tecnologias e o mundo globalizado: reflexões sobre o cotidiano contemporâneo. **Revista Educação Pública**. 2020.
84. OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E. A. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020.
85. OLIVEIRA, B. L. C. A. de; PINHEIRO, A. K. B. Mudanças nos comportamentos de saúde em idosos brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013 e 2019. **Ciênc saúde coletiva** [Internet]. 2023.
86. OLYMPIO, Paula Cristina de Andrade Pires. Gerontotecnologia na Enfermagem: O emprego de jogos na educação em saúde com idosos sobre envelhecimento ativo e saudável. (Tese de Doutorado) - **Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN**, 2015.
87. **OMS**. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Resumo Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Genebra, 2015.

88. ORLANDI, B. D. M; PEDRO, W. J. A. Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(2), pp.279-293. São Paulo, 2014.
89. PEREIRA, A. T.; SASS, S. D.; GALLIAN, D. M. C. Percepções de Docentes sobre as Tecnologias no Ensino em Saúde. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, e1091, 2020.
90. PINHO, P. S; FREITAS, A.M.C; CARDOSO, M.C.B; SILVA, J.S; REIS, L.F. MUNIZ, C.F.D; ARAÚJO, T.M. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021.
91. PERONI, F.M; VERISSIMO, L.C. G; SHIBATA, L.G.; ARANCO, N. Envelhecimento e cuidados à dependência no Brasil. **Banco Interamericano de Desenvolvimento**, 2023.
92. RAMOS, D. K.; ANASTÁCIO, B. S.; SILVA, G. A. da; PIRES, L. U. R. Professores na pandemia: fatores e condições associados à Síndrome de Burnout. **Pro-posições**. 2023.
93. REIS, N. S; CASTRO, P. A; CARDOSO, B. L. C.; NUNES, C.P. A produção de conhecimento sobre trabalho docente no Brasil: uma revisão da literatura especializada no assunto. **Revista entreideias**. Salvador, v.9, n.2, p.87-112, maio/ago 2020.
94. ROCHA, L. F. Teoria das representações sociais: a ruptura de paradigmas das correntes clássicas das teorias psicológicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 1, p. 46–65, jan. 2014.
95. ROCHA, F. S. M; LOSS, T.; ALMEIDA, B. L. C; MOTTA, M. S; KALINKE, M. A. O uso de tecnologias digitais no processo de ensino durante a pandemia da Covid-19. **Revista Interacções**, 16(55), 58–82. 2020.
96. RODRIGUES, T. D. F. F.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, J. A. As Pesquisas Qualitativas E Quantitativas Na Educação. **Revista Prisma**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.
97. SALES, M.B. de; MAZZALI, B. R; AMARAL, M. A; ROCHA, R. G. O; BRITO, R. Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de software educativo. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(4), pp.63-81. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2014(a).
98. SALES, M. B. de; AMARAL M. A.; SENE JUNIOR, I. G.; SALES, A. B. de. Tecnologias de Informação e Comunicação via Web: Preferências de uso de um grupo de usuários idosos. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(3), pp.59-77. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP 2014b.

99. SAMIFANNI, F.; GUMANIT, R. L. R. Survival with Technology: Elderly Teachers' Perspective Towards Emergency Online Learning During the Covid-19 Pandemic in the Philippines. **SiLeT**; 2021.
100. SANTANA, O. A. Divórcios de docentes de universidades federais brasileiras. **Cadernos de Estudos Sociais**, n. 30, v. 1, jan.-jun. 2015.
101. SANTOS, G. T. dos; DIAS, J. M. de B. Teoria das Representações Sociais: Uma abordagem sociopsicológica. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 8, n. 1, p. 173-187, jan.-jun. 2015.
102. SANTOS, A.A. S.; SANTOS, A. I. P. S. dos; LOURENÇO, N. L. R.; SOUZA, M. O. de; TEIXEIRA V. P. G. A importância do uso de tecnologias no desenvolvimento cognitivo dos idosos. **GEP NEWS, Maceió**, v.1, n.1, p. 20-24, jan./mar. 2018.
103. SANTOS, P. A.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; MARÇAL, C. C. B.; ARAKAWA-BELAUNDE, A. M. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. **Audiology - Communication Research**, v. 24, p. e2058, 2019.
104. SAUNDERS, B.; SIM, J.; KINGSTONE, T.; BAKER, S.; WATERFIELD, J.; BARTLAM, B. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. **Qual Quant**. 2018;52(4):1893-1907.
105. SILVA, M. C da. As tecnologias de comunicação na memória dos idosos. **Soc. Soc., São Paulo**, n. 126, p. 379-389, maio/ago. 2016.
106. SILVA, S. E. D.; CAMARGO, B. V.; PADILHA, M. I. C. S. A Teoria das Representações Sociais nas pesquisas da Enfermagem brasileira. **Rev Bras Enferm**, Brasília 2011 set-out; 64(5): 947-51.
107. SOMAIN, R. Religiões no Brasil em 2010. Confins. **Revista franco-brasileira de geografia**. Théry, Hervé; 2012. Disponível em <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em 12/05/2024.
108. SOUSA, C. P. de; ENS, R. T.; OSWALD, S. E. S. A construção do pensamento social de professores e coordenadoras pedagógicas sobre a pandemia da covid-19: um estudo em representações sociais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 18, e20929, p. 1-18, 2023.
109. SOUZA, K. R.; SANTOS, G. B. dos S; RODRIGUES, A.M.S; FELIZ, E.G; GOMES, L. ROCHA, G.L; CONCEIÇÃO, R.C.M; ROCHA F.S; PEIXOTO, R.B. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021.
110. SOUZA, D. C. C de; FERNANDES, B. P; FILGUEIRAS, V. Racionalização, intensidade e controle do trabalho docente na rede básica de ensino. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 123-141, 2015.

111. SUNDE, R.M.; JULIO, O. A.; NHAGUAGA, M. A. F. O ensino remoto em tempos da Pandemia da Covid-19: Desafios e Perspectivas. **Revista Epistemologia e Práxis Educativa**, Teresina, v. 03, n. 03, 2020.
112. UNESCO. Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam. Pesquisa Nacional UNESCO, São Paulo: **Moderna**, 2004.
113. UNESCO. Consequências adversas do fechamento das escolas. Unesco collection. Junho, 2022. Disponível em:
<https://webarchive.unesco.org/web/20220629131134/https://pt.unesco.org/Covid19/educationresponse/consequences>. Acesso em 17/01/2024.
114. Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Centro de Pesquisas. Vacinação já evitou mais de 40 mil mortes de idosos por Covid 19 no Brasil, sugerem novas estimativas. Pelotas, RS. Junho/2021. Disponível em
<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/06/17/vacinacao-ja-evitou-mais-de-40-mil-mortes-de-idosos-por-Covid-19-no-brasil-sugerem-novas-estimativas/>. Acesso em 20 de Junho de 2021.
115. VELHO, F. D; HERÉDIA, V. B. M. O Idoso em Quarentena e o Impacto da Tecnologia em sua Vida. **Rosa dos Ventos**, Universidade de Caxias do Sul, Brasil, vol. 12, núm. Esp.3, 2020.
116. VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.
117. WINTERS, J. R. F.; NOGUEIRA, D. R.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; DURAND, M. K.; MAGAGNIN, A. B.; ARAKAWA-BELAUNDE, A. M. Remote teaching during the COVID-19 pandemic: repercussions from professors' perspective. **Rev Bras Enferm.** 2023;76(Suppl 1):e20220172.
118. World Health Organization (WHO). Number of COVID-19 deaths reported to WHO. Disponível em <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths?n=c>. Acesso em 10/03/2024.
119. XIAO, C; LI, Y. Analysis on the Influence of Epidemic on Education in China In Covid-19 and Student Focused Concerns: Threats and Possibilities. Veena Das and Naveeda Khan, eds., **American Ethnologist website**, Maio, 2020.

GLOSSÁRIO

Assíncrono: É o conteúdo disponibilizado dentro de uma plataforma, onde o professor disponibilizará o material (tarefas, questionários, textos, vídeos, links, etc) referente à sua matéria.

Equipamento digital: Refere-se a qualquer mídia que utiliza, como meio, um computador ou equipamento digital para criar, explorar, finalizar ou dar continuidade a um projeto que tem como suporte a internet, comunicação *on-line* ou *off-line*, produções gráficas, videogames, conteúdos audiovisuais.

Ferramenta: utensílio, instrumento, apetrecho, material, objeto, peça, dispositivo, acessório, aparelho, aparato, artefato, equipamento, equipagem.

On-line: Conectado ao computador e pronto para ser utilizado direta ou remotamente.

Remoto: Distante no espaço; distanciado.

Síncrono: É a modalidade onde o professor transmitirá ao vivo sua aula, através de sua plataforma escolhida;

Tecnologia: Teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana;

Virtual: Existente apenas em potência ou como faculdade, sem efeito real.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A

- 1) Sexo (de nascimento)
 feminino masculino
- 2) Idade: _____ anos
- 3) (Cor, por auto declaração): _____
- 4) Naturalidade: _____
- 5) Estado Civil (estado conjugal)
 Solteiro(a) Casado(a) Divorciado(a) Viúvo(a)
- 6) O Sr/Sra reside com quem?
 Cônjuge Filhos Sozinho outros
- 7) Grau de Escolaridade
 Ensino superior completo Pós Graduação Stricto Sensu Pós Graduação Lato sensu
- 8) Além de professor, possui outra profissão?
 Sim Não
- 9) Religião: _____
- 10) Trabalha em qual tipo de instituição?
 Pública Privada
- 11) É aposentado?
 Sim Não Se sim, quando se aposentou? _____
- 12) Quantas escolas o Sr/Sra trabalha?
 1 escola 2 escolas 3 ou mais
- 13) Quais são os turnos que o Sr/Sra trabalha?
 Manhã Tarde Noite
- 14) Quantas horas o Sr/Sra trabalha por dia (Tanto síncronas quanto assíncronas)?
 8 a 9 horas 10 a 11 horas 12 horas ou mais
- 15) Nível em que ensina: Fundamental Médio Superior

APÊNDICE B

- 1) O Sr/ Sr^a possui acesso à internet na sua residência?
 Sim Não
- 2) Qual equipamento que o Sr/Sra utiliza?
 Notebook Computador Tablet Celular
- 3) O equipamento é seu?
 Sim Não
- 4) O Sr/ Sr^a, consegue acessar essas ferramentas *on-line* sozinho?
 Sim Não Se não, recebe auxílio de quem? _____
- 5) Já usava este(s) equipamento(s) antes de ter a necessidade das aulas remotas?
 Sim Não
- 6) Se sim, para qual finalidade utilizava?
 Pesquisa Trabalho Lazer Comunicar com familiares e amigos
- 7) Qual plataforma que utiliza para ministrar as aulas remotas?
 Jitsi Meet google zoom outros
- 8) Teve dificuldade para iniciar as aulas *on-line*?
 Sim Não
- 9) O Sr/Sra fez curso ou algum preparatório/treinamento para atuar em aulas remotas (manejo de equipamentos e plataformas, didática, etiqueta na internet)?
 Sim Não
- 10) Se sim, o Sr/Sra realizou estes cursos por livre busca (conta própria) ou a instituição o qual trabalha que ofereceu?

APÊNDICE C

- 1) Como foi ou está sendo a sua experiência em ministrar aula *on-line*? (Explorar as facilidades e as dificuldades e como ele resolveu ou está resolvendo)
- 2) Como o Sr/Sra lida com as tecnologias nesta reconfiguração do trabalho?
- 3) Como foi para aprender a lidar com as ferramentas *on-line* para ministrar as aulas? E como tem sido ensinar de forma remota?
- 4) Como se sentiu com a decisão de dar aulas *on-line*? O que o Sr/Sra precisou fazer para atender a esta emergência?
- 5) E seus colegas, como ele lidam com o ensino remoto? Vocês conversam sobre isso, trocam experiências, poderia falar sobre isso?
- 6) E a relação com os alunos, como é? Percebeu diferença na relação com eles no meio remoto em relação à sala de aula física? Quais diferenças (boas, ruins, não interfere)?
- 7) Como está sendo seu planejamento, poderia falar um pouco sobre o seu cotidiano?
- 8) Sobre a sua saúde, o que o sr/sra tem a dizer? Percebe alguma influência?
- 9) Há algum cuidado que o sr/sra considera importante para que o professor tenha em relação à saúde, considerando o trabalho nesta nova modalidade (ensino remoto)?
- 10) Se pudesse resumir, o(a) senhor(a) diria:

o ensino remoto é:

o ensino remoto poderia ser:

o bom do ensino remoto é:

o mau ensino remoto é:

no ensino remoto eu me sinto:

Mais alguma coisa gostaria de falar?

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada: Docentes idosos e o trabalho remoto: representações, cuidado e saúde em tempos de pandemia, que tem como objetivos conhecer as representações sociais sobre o trabalho remoto mediado por tecnologias eletrônicas/digitais para os professores idosos em tempos de pandemia; identificar as ferramentas *on-line* utilizadas pelos professores idosos para em seu trabalho de ensino remoto; analisar as estratégias aplicadas pelos professores idosos para lidar com tais tecnologias; identificar as influências para a saúde do professor idoso, à luz de suas representações sociais.

A pesquisa terá duração de dois anos, com o término previsto para Março 2022.

Sua participação não é obrigatória. As entrevistas serão realizadas por meio de videoconferência e/ou chamada de vídeo consistirá em aplicação de três instrumentos: um instrumento de perguntas com o intuito de identificar os dados sócio demográficos e psicossociais; um instrumento com perguntas para compreensão das tecnologias de comunicação utilizadas para aplicação das aulas remotas e o roteiro de perguntas que será aplicado por meio de entrevista., e os três instrumentos serão aplicados no mesmo momento.

O pesquisador tem a preocupação em buscar o momento, condição e local mais adequado para você ter liberdade em responder as questões. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento; sua recusa, desistência ou suspensão do seu consentimento não acarretará prejuízo.

Você terá o tempo necessário para refletir e responder as perguntas. Não terá custos ou quaisquer compensações financeiras.

Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco de origem emocional, como desconforto, medo, vergonha, estresse, cansaço ao responder as perguntas. A responsável pela realização do estudo se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes da pesquisa, segundo a resolução 466/12. Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico.

Os benefícios relacionados à sua participação nesta pesquisa é a possibilidade de gerar conhecimento para entender um problema que pode afetar o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e de outros indivíduos; poderá

contribuir de forma potencial a pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, socioculturais. Segundo a Resolução 466/12, considera-se o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, através de códigos e em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo físico e digital sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5(cinco) anos após o término da pesquisa como consta na resolução nº 466/2012.

Você receberá uma via deste termo onde constam os contatos do CEP e do pesquisador responsável, podendo eliminar suas dúvidas sobre a sua participação agora ou a qualquer momento. Caso concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Bianca dos Anjos Cavalini Rocha

Pesquisador responsável

E-mail:biancacavalini@gmail.com

Cel:21 988312689

Declaro estar ciente do inteiro teor deste Termo de Consentimento e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma via assinada deste formulário de consentimento.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20 .

³Assinatura do(a) Participante: _____

Assinatura do(a) Pesquisadora: _____

³Rubrica do participante: _____

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rua Afonso Cavalcanti, 275 – Cidade Nova/Rio de Janeiro/RJ – Brasil. CEP: 20.211-110. Tel: 21-3938-0962

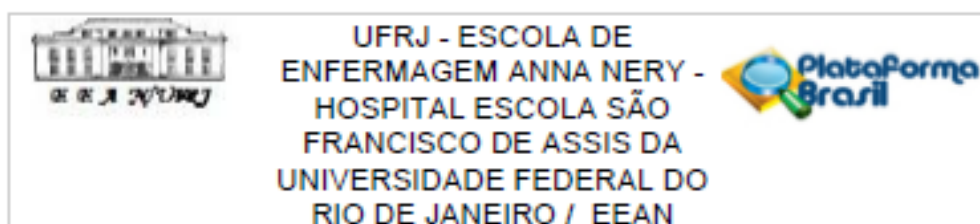
APÊNDICE E - CRONOGRAMA

| Atividade | Março a Nov 2019 | Dez 2019 | Jan 2021 | Agosto a Out 2021 | Nov 2021 | Março 2022 | Abril a Julho 2023 | Julho a Dez 2024 | Março 2024 | Abril a Julho 2024 |
|--|---------------------------------|---------------------|---------------------|----------------------------------|---------------------|-----------------------|-----------------------------------|---------------------------------|-----------------------|-----------------------------------|
| Elaboração do projeto | | | | | | | | | | |
| Defesa do projeto | | | | | | | | | | |
| Submissão e Aprovação do Comitê | | | | | | | | | | |
| Adaptação do projeto às circunstâncias da Pandemia | | | | | | | | | | |
| Submissão da Emenda ao CEP | | | | | | | | | | |
| Aprovação da emenda pelo CEP | | | | | | | | | | |
| Teste do Instrumento \Coleta de dados | | | | | | | | | | |
| Construção do corpus de dados para rodagem no software | | | | | | | | | | |
| Interpretação e Discussão dos dados | | | | | | | | | | |
| Qualificação | | | | | | | | | | |
| Aprofundamento da discussão e preparo das considerações finais | | | | | | | | | | |
| Revisão do relatório final | | | | | | | | | | |
| Defesa final da dissertação | | | | | | | | | | |

APÊNDICE F – ORÇAMENTO

| Materiais de Consumo | |
|-----------------------|---------|
| Folhas para impressão | 50,00 |
| Tinta para impressão | 200,00 |
| Confecção de pôster | 200,00 |
| Materiais Permanentes | |
| Computador | 1500,00 |
| Compras Diversas | |
| Livros | 100,00 |
| Transporte | |
| Passagens diárias | 1000,00 |
| Publicação de Artigo | 2000,00 |
| Total | 5050,00 |

ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Docentes Idosos e o trabalho remoto: representações, cuidado e saúde em tempos de pandemia

Pesquisador: BIANCA DOS ANJOS CAVALINI ROCHA

Área Temática:

Versão: 5

CAAE: 26647719.1.0000.5238

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem Anna Nery

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.316.418

Apresentação do Projeto:

O projeto "Docentes Idosos e o trabalho remoto: representações, cuidado e saúde em tempos de pandemia" foi aprovado pelo CEP e a emenda submetida está assim justificada pela pesquisadora principal: "A defesa do projeto ocorreu em dezembro de 2019, o que culminou em um cronograma com teste piloto em fevereiro e início de coleta de dados a partir de março de 2020. Com a pandemia de Covid-19 a coleta de dados foi suspensa, pois os participantes são idosos e captados no PAIPI do HESFA, que suspendeu as atividades presenciais. Foi informada que o perfil dos participantes do PAIPI não é o de que tenham domínio para concederem entrevistas por meio remoto. O tema do projeto problematizava justamente a comunicação por meio virtuais pautada na questão da inclusão digital que não atinge a determinados grupos de idosos. Aguardamos os desdobramentos da pandemia e a possibilidade de retomar as entrevistas presenciais e nesse tempo, a mestranda deu à luz ao seu primeiro filho (junho de 2020). Em outubro de 2020 iniciamos estudos para redirecionar o projeto para o público de idosos docentes sobre o ensino remoto. Foi feita a consulta à coordenação do PPG que autorizou o redirecionamento do projeto. A mestranda trabalha na assistência hospitalar em regime de plantão e a sobrecarga com a assistência pela pandemia também veio interferindo nos processos e avanços. O projeto encontra-

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
 Bairro: Cidade Nova CEP: 20.211-110
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3038-0062 E-mail: cep@eesfa@eean.ufrj.br



UFRJ - ESCOLA DE
ENFERMAGEM ANNA NERY -
HOSPITAL ESCOLA SÃO
FRANCISCO DE ASSIS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO / EEAN



Continuação do Parecer: 5.310.410

se em construção na busca de artigos e na captação de docentes idosos para realizar as entrevistas”.

Pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva.

Critério de Inclusão:

Os critérios de Inclusão são: professores idosos que tiveram ou estejam em exercício docente durante a pandemia, por intermédio da Internet para aplicar atividades em sala de aula online.

Critério de Exclusão:

Os critérios de exclusão são: professores idosos que atuavam em modalidades de ensino à distância (EAD) ou híbrido antes de 2020; professores afastados do trabalho por motivos de adoecimento que os impeçam de participar de entrevistas online.

Objetivo da Pesquisa:

- Conhecer as representações sociais sobre o trabalho remoto mediado por tecnologias eletrônicas/digitais para os professores idosos em tempos de pandemia;
- Identificar as ferramentas online utilizadas pelos professores idosos para em seu trabalho de ensino remoto;
- Analisar as estratégias aplicadas pelos professores idosos para lidar com tais tecnologias;
- Identificar as influências para a saúde do professor idoso, à luz de suas representações sociais.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a pesquisadora:

“Riscos: Os riscos potenciais desta pesquisa estão atrelados ao risco de origem emocional, como desconforto, medo, vergonha, estresse, cansaço ao responder as perguntas. A responsável pela realização do estudo se compromete a zelar pela integridade e o bem-estar dos participantes da pesquisa, segundo a resolução 456/12. Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e graduações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico.

Benefícios:

Os benefícios relacionados à sua participação nesta pesquisa é a possibilidade de gerar conhecimento para entender um problema que afete o bem estar dos sujeitos da pesquisa e de

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275

Bairro: Cidade Nova

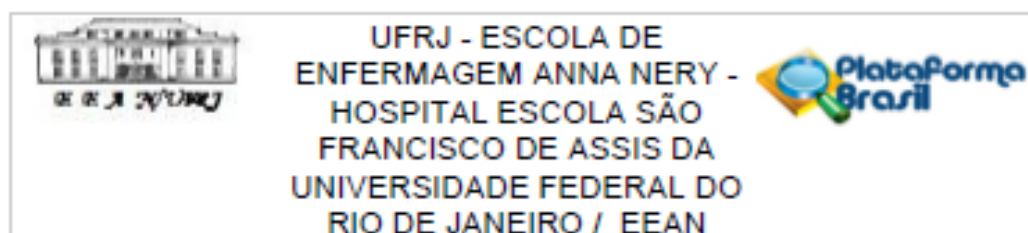
CEP: 20.211-110

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)5098-0082

E-mail: cep@eean.ufjf.br



Continuação do Parecer: 5.316.418

outros indivíduos; poderá contribuir de forma potencial a pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais e culturais. Segundo a Resolução 466/12, considera-se o progresso da ciência e da tecnologia, que desvendou outra percepção da vida, dos modos de vida, com reflexos não apenas na concepção e no prolongamento da vida humana, como nos hábitos, na cultura, no comportamento do ser humano nos meios reais e virtuais disponíveis e que se alteram e inovam em ritmo acelerado e contínuo”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Ver conclusões ou pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram observados:

- PB_ Informações Básicas_1817284_E1- com a justificativa da emenda;
- Projeto na íntegra (brochura)
- Cronograma da pesquisa

Emenda aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN/HESFA/UFRJ atendendo ao previsto na Resolução 466/12 do CNS/MS APROVOU A EMENDA ao Protocolo de Pesquisa em 28 de março de 2022. Caso o(a) pesquisador(a) altere a pesquisa é necessário que o projeto retorne ao Sistema Plataforma Brasil para uma futura avaliação e emissão de novo parecer. Lembramos que o(a) pesquisador(a) deverá encaminhar o relatório da pesquisa após a sua conclusão, como um compromisso junto a esta instituição e ao Sistema Plataforma Brasil. Tendo em vista a legislação vigente, o CEP recomenda ao Pesquisador: Comunicar toda e qualquer alteração no projeto e no TCLE, para análise das mudanças; Informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa; O Comitê de Ética solicita a V. S^a, que encaminhe relatórios parciais de andamento a cada 06 (seis) meses da pesquisa e ao término, encaminhe a esta comissão um sumário dos resultados do projeto; Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 (cinco) anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
 Bairro: Cidade Nova CEP: 20.211-110
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3038-0962 E-mail: cepeanhesfa@eean.ufrj.br